

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Luiz Antonio de Sousa Netto

FONOLOGIA DO GRUPO NAMBIKWÁRA DO CAMPO (NAMBIKWÁRA DO SUL)

Recife
2018

LUIZ ANTONIO DE SOUSA NETTO

FONOLOGIA DO GRUPO NAMBIKWÁRA DO CAMPO (NAMBIKWÁRA DO SUL)

Pesquisa sob Orientação da Prof. Dr. Stella Telles
no Curso de Mestrado em Letras, área de
concentração em Linguística, promovido pelo
Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Federal de Pernambuco.

Recife
2018

Catálogo na fonte
Bibliotecário Jonas Lucas Vieira, CRB4-1204

N476f Netto, Luiz Antonio de Sousa
Fonologia do grupo Nambikwára do Campo (Nambikwára do Sul) / Luiz Antonio de Sousa Netto. – Recife, 2018.
208 f.: il., fig.

Orientadora: Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2018.

Inclui referências.

1. Nambikwára do Campo. 2. Nambikwára do Sul. 3. Fonologia. I. Lima, Stella Virginia Telles de Araújo Pereira (Orientadora). II. Título.

410 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2018-99)

LUIZ ANTONIO DE SOUSA NETTO

**FONOLOGIA DO NAMBIKWÁRA DO CAMPO (NAMBIKWÁRA DO
SUL)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito para a obtenção do
Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 8/3/2018.

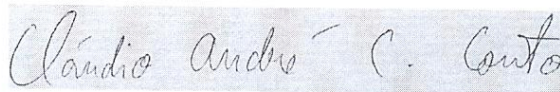
TESE APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:



Prof.^a. Dr.^a. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Jose Alberto Miranda Poza
LETRAS - UFPE



Prof. Dr. Claudio Andre Cavalcanti Couto
IEL - UNICAMP

Dedico este trabalho a todo o povo Nambikwara,
em especial ao meu professor Carlos Kithãulhú,
a Clério Wakalitesú,
e a Tadeu Kithãulhú.

Este trabalho também é dedicado a Pedro pelo
constante apoio, incentivo e companheirismo.

AGRADECIMENTOS

A escrita dessa dissertação, bem como a pesquisa aqui apresentada, foi resultante da contribuição de inúmeras pessoas, dentre elas amigos, professores, colegas e profissionais de vários órgãos, lugares e instituições.

Algumas das pessoas aqui citadas talvez não percebam o impacto positivo reverberado sobre minha vida pessoal e acadêmica ao decorrer desses últimos dois anos, e por isso espero, desde já, poder deixar registrado os meus mais sinceros agradecimentos.

Primeiramente gostaria de agradecer à toda a Comunidade do Povo Nambikwara e às suas lideranças pela inesquecível recepção no meu primeiro dia de pesquisa de campo na Aldeia 13 de Maio. Aquele primeiro dia foi um dos dias mais felizes da minha vida e me sinto lisonjeando por aqueles momentos de puro esplendor, da magia da descoberta e por poder contemplar da natureza exuberante das suas terras, da beleza sinuosa da sua língua e por vocês terem partilhado comigo a sabedoria desse bem imaterial extraordinário que vocês possuem.

Agradeço ao Sr. Erso Nambikwara, pela admirável paciência e disposição para trabalhar comigo no começo de tudo. Agradeço ao Sr. Miguel Nambikwára pelo bom humor, paciência e interesse em me ajudar. A Jonas Sawentesú por ser um ótimo professor e se dispor a me ensinar sua língua e trabalhar muitas horas a fio incessantemente e por ter compartilhado sua história comigo. Espero poder trabalhar com você novamente no futuro. A Clério Wakalitesú Nambikwara por ter sido o elo de ligação na segunda etapa da pesquisa e ter aberto muitas portas para nós na segunda etapa do trabalho. Seu contar de histórias e suas narrativas sempre estão em minha memória e sou extremamente grato por você ter compartilhado comigo tudo o que compartilhou.

Ao meu grande e querido professor Carlos Kithãulhú e aos seus filhos Nelmisson e Nalisson Kithãulhú pela incomensurável ajuda com a língua. Sem você, Carlos, tenho certeza que a pesquisa não seria a mesma. Muito obrigado pela paciência, por ter disponibilizado do seu tempo e, principalmente, pelo respeito e cordialidade com os quais você sempre me tratou!

A Tadeu Kithãulhú pela ajuda, pelos esclarecimentos, contribuições e perspicácia gramatical. Embora tenhamos convivido pouco, gostaria de deixar registrado a sua larga contribuição e importância para este trabalho.

Este trabalho também jamais seria possível sem a ajuda da FUNAI Comodoro. Agradeço muito a Adriani e Iana pela assistência, ajuda, dedicação e cordialidade. Sem vocês, nada disso seria possível.

À minha estimada Professora e Orientadora, por ter me acolhido desde a graduação junto ao NEI (Núcleo de Estudos Indigenistas) e por todos os conhecimentos e *insights* compartilhados. Sou extremamente grato pela confiança em mim depositada e pelas oportunidades a mim concebidas, figurando como uma das professoras mais inspiradoras que já tive. É uma honra poder ter sido acolhido assim.

À Rafaela, quem conheci por causa do PIBIC e com quem cursei exatamente todas as disciplinas do mestrado. Agradeço pela paciência, amizade, ajuda e pelas aventuras interestaduais. A todos/as do NEI, sem exceção, em especial a Marília, a Edney e a Sivaldo.

À Paulinha, companheira de aventuras (é uma aventura!) no mundo Nambikwára, pela força, apoio e bom humor característicos.

À toda a equipe da coordenação do PPGL da UFPE pela constante ajuda e pelos esclarecimentos, em especial agradeço a Diva e a Josafias pela cordialidade e pro-atividade de sempre. Agradeço também a toda a Equipe do PPGA por terem me ajudado a cursar uma disciplina neste programa.

A Pedro, pelo bom humor, companheirismo, paciência e compreensão de sempre e por segurar as pontas nos momentos mais complicados. Obrigado por tudo!

A Inês do Comitê de Ética e Pesquisa da UFPE por sempre ter me recepcionado com um sorriso no rosto e pela atenção e empatia, esclarecendo dúvidas e dando assistência até mesmo quando eu, preocupado, acabei incomodando fora de seu expediente. Pode ter certeza que sem a sua ajuda, a minha pesquisa jamais poderia ter sido iniciada.

A todos os meus amigos, especialmente aos que tiveram mais presentes e presenciaram, até mesmo a distância, o desenrolar da minha saga: Junior, Pedro, Marlon, Orion e Jennifer Meinke.

A todos os meus professores do PPGL pelas contrinuições para a minha caminhada na Linguística. Ao Professor Edwin Reesink pelos inúmeros insights em suas aulas no PPGA.

Aos pesquisadores Joshua Birchall e Hein van der Voort por ter recepcionado a mim e a Rafaela no Museu Goeldi em Belém/ PA e por ter nos cedido listas de palavras e dados sobre os Nambikwára.

Ao CNPq por ter me concedido a bolsa de estudos, sem a qual este trabalho jamais poderia ter sido realizado.

Por último, mas não menos importante, agradeço à Grande Mãe Natureza, sempre plena e soberana a se manifestar nas mais variadas forças no planeta e por nos conceder os milagres da vida e por todas a multiplicidade de espetáculos naturais que continuo a testemunhar e por todas as dádivas concedidas a mim diariamente.

This broken arrow needs heeding

Tori Amos

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma descrição do sistema fonológico da língua Nambikwára, ramo Nambikwára do Sul, falada pelos índios do grupo Nambikwára do Campo (Kithãulhú, Wakalitesú, Halotesú e Sawentesú), segundo a classificação de Telles (2002), habitantes da região do Cerrado no estado do Mato Grosso. São apresentados, descritos e analisados os fonemas que integram a Fonologia da língua, bem como os seus arranjos em sílabas fonética e fonológica. Buscou-se também analisar os tons além de processos fonológicos presentes nos dados. Para isso, revisita-se os trabalhos disponíveis sobre as línguas Nambikwára do Sul produzidos por Kroeker, M. (2001), Kroeker, B. (2003), Price (1976) e Lowe (1999), e faz-se uso de dados coletados in loco pelo autor, no ano de 2017, para as análises propostas. No que diz respeito à descrição fonológica, o estudo proposto se apoia inicialmente na linguística estrutural norte-americana (PIKE, 1949; CAGLIARI, 2002) e subsequentemente, na descrição dos processos fonológicos, em autores como Hyman (1975), Lass (1984), Clements e Hume (1995), Spencer (1986), Kenstowicz (1994), Hayes (2009), dentre outros. Devido à sua natureza predominantemente polissintética, considera-se que a família Nambikwára, considerada uma família isolada, e uma das 41 famílias linguísticas sobreviventes no Brasil (RODRIGUES, 1986), apresenta fonologia e gramática complexas. Na fonologia segmental da língua, observa-se inventário consonantal mais reduzidos, ao passo que inventários vocálicos, mais extensos, podem alcançar mais de quinze segmentos fonológicos, devido à especificação laringal (*creaky voice*) para as vogais, características presentes em todas as línguas Nambikwára já estudadas. Foram observadas três realizações fonéticas distintas de *pitch*, dois de contorno e um de nível, no entanto, somente duas destas realizações são consideradas fonológicas: um tom baixo e um tom alto, ambos considerados tons de nível, os quais interagem para realizar foneticamente três formas distintas. Sincronicamente, diferentes línguas da família têm demonstrado a perda de alguns dos traços laringais, sendo esse processo bastante perceptível entre gerações (Kroeker M., 2001; Telles, 2002; Eberhard, 2009; Braga & Telles, 2014;), o qual pode promover distanciamento entre as línguas da família, além de incidir sobre seus sistemas fonológicos, reajustando-os internamente.

Palavras-chave: Nambikwára do Campo. Nambikwára do Sul. Fonologia.

ABSTRACT

This study presents a description of the segmental phonological system of the Southern Nambikwára language spoken by the indigenous peoples belonging to the Nambikwára do Campo group (Kithãulhú, Wakalitesú, Halotesú and Sawentesú), according to the classification of Telles (2002), who inhabit the *Cerrado* region in the state of Mato Grosso, Brazil. We present, describe and analyze the phonemes that integrate the Phonology of the language, as well as how they are arranged into phonetic and phonological syllables. We also sought to analyze the tones and the phonological processes which occurred in the analyzed data. In order to achieve such aims, we revisited the available studies on the Southern Nambikwára languages conducted by Kroeker, M. (2001), Kroeker, B. (2003), Price (1976) and Lowe (1999), and made use of data collected *in situ* by this study proponent in 2017. Regarding the phonological description, this research is based initially on American Structural Linguistics (PIKE, 1949; CAGLIARI, 2002), and subsequently on the section concerning the description of phonological processes, the theoretical framework proposed by Hyman (1975), Lass (1984), Clements and Hume (1995), Spencer (1986), Kenstowicz (1994), Hayes (2009), among others. Due to its predominantly polysynthetic nature, the Nambikwára linguistic family, considered to be an isolated language family and one of the 41 surviving language families in Brazil (RODRIGUES, 1986), presents complex phonology and grammar. In the segmental phonology of the language, a smaller consonantal inventory can be observed, whereas the vowel inventory comprises more than fifteen phonological segments, due to the creaky voice specification for the vowels, a common feature to all previously described Nambikwára languages. We observed three different pitch manifestations at the word level, being two contour tones (rising and falling) and one low level tone. Nevertheless, only two tones are considered underlying: a low tone and a high tone, namely level tones, which interact to produce phonetically three distinct surface realizations. Synchronously, different languages of the family have demonstrated the loss of some of laryngeal features, which can be perceived among the youngest generations (KROEKER M., 2001; TELLES, 2002; EBERHARD, 2009; BRAGA & TELLES, 2014) which may promote linguistic drifting among the languages of the Nambikwára language family, as well as affect their phonological systems, readjusting them internally.

Keywords: Nambikwára do Campo. Southern Nambikwára. Phonology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Áreas Linguísticas Nambikwára.	41
Figura 2: Territórios de Grupos Nambikwára.	49
Figura 3: Distribuição Sociopolítica Nambikwára.	50
Figura 4: Terra Indígena Nambikwára.	52
Figura 5: Biomas presentes Na Terra Indígena Nambikwára.....	54
Figura 7: Populações Indígenas do estado de Mato Grosso segundo Oberg (1953)	58
Figura 7: Distribuição geográfica das etnias Nambikwára, baseado em Lowe (1999).	76
Figura 8: Família Linguística Nambikwára.....	78
Figura 9: Línguas indígenas Nambikwára do Sul e seus respectivos códigos de acordo com o Ministério da Educação.	80
Figura 10: Família Linguística Nambikwára.....	83
Figura 11: Espectograma com a pré-oralização [ᵀn], exemplo (0108).	123
Figura 12: Espectograma da consoante pré-oralizada [ᵀm], exemplo (0112).	124
Figura 11: Modelo da sílaba fonética na língua Nambikwára do Campo.	162
Figura 14: Distribuição de Línguas Tonais no Mundo.....	173
Figura 15: Espectograma da palavra 'anta'. O pitch alto é realizado em sílaba átona.	181
Figura 16: Espectograma da palavra 'ema'. <i>Pitch</i> baixo em sílaba tônica.	181
Figura 17: Espectograma da palavra 'árvore'.....	182
Figura 18: Espectograma para 'eu estou cantando'. O pitch é ascendente na forma afirmativa.	185
Figura 19: Espectograma para 'eu não estou cantando'. O pitch é baixo na forma negativa, devido à inserção de /ʔ/.	185

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estratificação dos participantes da pesquisa de acordo com faixa etária e grupo étnico.	27
Tabela 2: Lista comparativa de dados coletados dos Kithãulhú por Price (1978) e pelo autor em 2017.	42
Tabela 3: Terras Indígenas de grupos da Família Linguística Nambikwára.	51
Tabela 4: Denominações distintas para mesmos grupos Nambikwára.....	59
Tabela 5: Censo da População Nambikwára de acordo com Oberg (1953).....	60
Tabela 6: Aldeias Nambikwára do Sul (apenas grupos do Cerrado) e número de habitantes..	65
Tabela 7: Primeira classificação das línguas Nambikwára segundo Roquette-Pinto (1919). ..	70
Tabela 8: Família Nambikwára de acordo com Lévi-Strauss (1948).....	71
Tabela 9: Classificação Linguística dos grupos linguísticos Nambikwára de acordo com Oberg (1953).	71
Tabela 10: Classificação das Línguas Nambikwára segundo Rodrigues (1986), adaptada pelo autor.....	73
Tabela 11: Classificação das Línguas Nambikwára de acordo com Lowe (1999).....	73
Tabela 12: Informações demográficas das etnias Nambikwára.	74
Tabela 13: Quadro sùmula das diferentes classificações e seus respectivos critérios para as línguas da Família Nambikwára.....	78
Tabela 14: Línguas indígenas Nambikwára do Norte e seus respectivos códigos de acordo com o Ministério da Educação.	81
Tabela 15: Classificação das Línguas Ameríndias segundo Greenberg (1960).	86
Tabela 16: Reclassificação da Família Nambikwára junto ao Filo Macro-Tucano.	89
Tabela 17: Lista comparativa de palavras das propostas do Proto-Nambikwara de Price (1978) e Greenberg & Ruhlen (2007).	89
Tabela 18: Variações Lexicais entre os povos Kithãulhú e Halotesú (transcrições fonéticas).	92
Tabela 19: Sistema consonantal proposto por Boglár (1960).....	95
Tabela 20: Fonologia segmental do Kithãulhú segundo Price (1978).....	96
Tabela 21: Fonologia segmental consonantal Nambikwára Serra Azul segundo Lowe (1986).	97
Tabela 22: Fonologia do sistema consonantal Kithãulhú segundo Lowe (1999).....	97

Tabela 23: Fonologia da Língua Nambikwára por Kroeker (2001), retirado de Telles (2014, p. 295): dados de fala dos grupos Kithãlhú, Wakalitesú, Wasúsu, Halotesú, Sawentesú e Katitãulhú (Sararé).	98
Tabela 24: Inventário consonantal fonético.....	102
Tabela 25: Inventário fonológico segmental consonantal.	104
Tabela 26: Distribuição de implosivas nas línguas Nambikwára.....	111
Tabela 27: Quadro esquemático dos fonemas e suas variações alofônicas.....	131
Tabela 28: Inventário fonológico vocálico.....	132
Tabela 29: Inventário fonético das vogais dos grupos Nambikwára do Campo.	134
Tabela 30: Quadro Súmula dos fonemas vocálicos e suas formas alofônicas.....	144
Tabela 31: Distribuição dos ditongos da língua.	151
Tabela 32 - Fonemas consonantais segundo Clements (1990).....	152
Tabela 33: Principais inventários de sílabas.....	153
Tabela 34: Tons nas línguas Nambikwára já estudadas.	187
Tabela 35: Quadro esquemático dos fonemas consonantais e suas alofonias.	201
Tabela 36: Quadro esquemático dos fonemas vocálicos e suas alofonias.....	202

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Dados demográficos da T.I. Nambikwára.....	67
---	----

LISTA DE SÍMBOLOS

//	transcrição fonológica
[]	transcrição fonética
:	oposição fonológica
~	variação fonética
'	acento primário
,	acento secundário
.	fronteira de sílaba
#	fronteira de palavra
/	contexto
—	posição de um segmento
∅	não realização ou morfema zero
:	alongamento vocálico
*	proto-forma
-	fronteira de morfema
σ	sílaba

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

C	consoante
cf.	conforme
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
H	tom alto
HA	indica variante lexical Halotesú
HL	tom de contorno descendente
IPA	<i>The International phonetic alphabet</i>
KI	indica variante lexical Kithãulhú
L	tom baixo
LH	tom de contorno ascendente
MT	Mato Grosso
RO	Rondônia
SIL	Summer Institute of Linguistics
TI	Território Indígena
V	vogal

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	21
1.1	REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	23
1.2	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESTRUTURA DO TRABALHO.....	28
2	OS POVOS E AS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA.....	31
2.1	POVOS NAMBIKWÁRA.....	31
2.2	PRIMEIROS REGISTROS HISTÓRICOS E ACADÊMICOS.....	32
2.3	HISTÓRIA E ORIGENS NAMBIKWÁRA.....	34
2.4	OS ANOS DE PRICE E OS TRISTES TRÓPICOS DE LÉVI-STRAUSS.....	39
2.5	AS ORIGENS DOS POVOS NAMBIKWÁRA.....	44
2.6	TERRITÓRIOS INDÍGENAS.....	47
2.7	TERRAS INDÍGENAS DE GRUPOS NAMBIKWÁRA.....	48
2.8	TERRA INDÍGENA NAMBIKWÁRA.....	52
2.9	OS POVOS NAMBIKWÁRA DO CAMPO.....	55
2.9.1	Resumo Etnográfico Nambikwára por Boglár.....	61
2.10	POPULAÇÃO DOS POVOS FALANTES DE LETOS DO RAMO NAMBIKWÁRA DO SUL.....	65
2.11	PRESENTE SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ÍNDIOS NAMBIKWÁRA DO CERRADO, GRUPOS DO CAMPO.....	67
2.12	A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWÁRA.....	69
2.13	A EDUCAÇÃO INDÍGENA E O PROBLEMA DA CLASSIFICAÇÃO DE LÍNGUAS NAMBIKWÁRA DO SUL.....	79
2.14	PROPOSTAS DE RELACIONAMENTOS GENÉTICOS DISTANTES.....	85
2.15	CLASSIFICAÇÕES LINGUÍSTICAS DO RAMO NAMBIKWÁRA DO SUL....	91
2.16	VARIAÇÕES LEXICAIS ENTRE OS GRUPOS NAMBIKWÁRA DO CAMPO.....	92
2.17	AS DIFERENTES PROPOSTAS PARA A FONOLOGIA DOS GRUPOS NAMBIKWÁRA DO SUL.....	95
2.18	CARACTERÍSTICAS TIPOLÓGICAS DAS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA.....	99
3	A FONOLOGIA SEGMENTAL DOS GRUPOS NAMBIKWÁRA CAMPO.....	101

3.1	INVENTÁRIO FONÉTICO CONSONANTAL.....	102
3.2	OPOSIÇÕES CONSONANTAIS.....	103
3.3	DESCRIÇÃO DOS FONEMAS CONSONANTAIS.....	104
3.3.1	Oclusivas.....	104
3.3.1.1	/p/.....	105
3.3.1.2	/t/.....	106
3.3.1.3	/k/.....	112
3.3.1.4	/ʔ/.....	114
3.3.2	Fricativas.....	116
3.3.2.1	/s/.....	116
3.3.2.2	/h/.....	117
3.3.3	Nasais.....	119
3.3.3.1	/n/.....	119
3.3.3.2	<i>O comportamento da nasal alveolar /n/ em coda.....</i>	120
3.3.4	Líquidas.....	124
3.3.4.1	/l/.....	125
3.3.5	Glides.....	127
3.3.5.1	<i>Glide labial /w/.....</i>	127
3.3.5.2	/j/.....	129
3.4	Os fonemas vocálicos.....	132
3.4.1	Identificação dos fonemas vocálicos.....	132
3.4.2	Vogais Orais.....	135
3.4.2.1	/i/ e /i̥/.....	136
3.4.2.2	/e/ e /e̥/.....	138
3.4.2.3	/a/ e /ã/.....	140
3.4.2.4	/o/ e /õ/.....	141
3.4.2.5	/u/ e /ũ/.....	143
3.4.3	Vogais Nasais.....	145
3.4.3.1	/ĩ/ e /ĩ̃/.....	145
3.4.3.2	/ã/ e /ã̃/.....	146
3.4.3.3	/ũ/ e /ũ̃/.....	147
3.4.4	Ditongos.....	148
4	ASPECTOS SUPRASEGMENTAIS.....	152
4.1	SÍLABA.....	153

4.1.1	Sílaba Fonética.....	154
4.1.1.1	<i>Sílabas abertas</i>	154
4.1.1.1.1	[V]	154
4.1.1.1.2	[VV]	156
4.1.1.1.3	[CV]	157
4.1.1.1.4	[CVV]	158
4.1.1.1.5	[CCV]	159
4.1.1.1.6	[CCVV]	159
4.1.1.2	<i>Sílabas Fechadas</i>	159
4.1.1.2.1	[VC]	160
4.1.1.2.2	[CVC]	160
4.1.1.2.3	[CVVC]	161
4.1.1.2.4	[CCVC]	161
4.1.1.2.5	[CVCC]	162
4.1.2	Sílaba Fonológica.....	163
4.1.2.1	/N/.....	163
4.1.2.2	/NV/.....	164
4.1.2.3	/CV/.....	164
4.1.2.4	/CVV/.....	165
4.1.2.5	/CCV/.....	166
4.1.2.6	/NC/.....	167
4.1.2.7	/CVC/.....	167
4.1.2.8	/CVVC/.....	168
4.1.2.9	/CCVC/.....	169
4.1.2.10	/CVCC/.....	170
4.1.2.11	/CCVVC/.....	170
4.2	TOM.....	171
4.2.3	Identificação dos tons de uma língua.....	175
4.2.4	Tons na Família Nambikwára.....	176
4.2.5	Tom na língua Nambikwára do Campo.....	178
4.2.4	Tons lexicais em raízes nominais.....	180
4.2.4.1	<i>Pitch alto em sílaba átona</i>	180
4.2.4.2	<i>Pitch baixo em sílaba tônica</i>	181
4.2.4.3	<i>Pitch baixo em sílaba tônica e em sílaba átona</i>	182

4.2.5	Tom na morfologia verbal.....	183
4.3	PROCESSOS FONOLÓGICOS.....	188
4.3.1	Assimilação.....	189
4.3.1.1	<i>Assimilação do ponto de articulação da nasal em coda.....</i>	189
4.3.2	Glotalização.....	191
4.3.3	Palatalização.....	195
4.3.4	Lenição.....	198
4.3.5	Apagamento da coda silábica.....	199
4.3.6	Fortalecimento da aproximante - Dentalização do segmento labiovelar.....	200
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	201
	REFERÊNCIAS.....	204

1 INTRODUÇÃO

A Família Linguística Nambikwára é constituída por um conjunto de mais de 18 letos¹, os quais podem ser arrançados em três ramos distintos: Nambikwára do Norte, Nambikwára do Sul e Sabanê, cujas etnias se encontram plenamente em território brasileiro, na porção amazônica dos estados de Mato Grosso e Rondônia.

O Ramo Nambikwára do Sul compreende um complexo linguístico formado por mais de uma dezena de letos, os quais podem ser arrançados, de acordo com Telles (2002), em quatro grandes grupos, a saber: 1) Campo, 2) Manduca, 3) Guaporé e 4) Sararé.

Uma vez que estudos linguísticos acerca das línguas Nambikwára, em especial acerca do ramo Nambikwára do Sul, ainda são escassos, ainda não se sabe ao certo as proximidades e os distanciamentos linguísticos entre os conjuntos de letos pertencentes a este ramo linguístico, bem como, conseqüentemente o grau de inteligibilidade entre os letos que compõem o aglomerado linguístico falado pelos grupos indígenas que compõem este ramo de línguas.

O presente trabalho apresenta a descrição e a análise fonológicas da língua Nambikwára utilizada pelo grupo do Campo (Nambikwára do Sul), pertencente à Família Linguística Nambikwára, e falada pelos índios das etnias Kithãulhú, Halotesú, Sawentesú e Wakalitesú, que habitam a região do bioma do Cerrado nas Terras Indígenas (TI) Nambikwára e Sapezal, situadas geograficamente no estado de Mato Grosso/ MS, nos municípios de Comodoro e Sapezal, respectivamente, ao sul da Amazônia brasileira.

Assume-se, como objetivo geral, fornecer uma descrição fonológica sincrônica do nível segmental ao nível silábico, o primeiro domínio prosódico da hierarquia prosódica, da língua falada pelos índios Nambikwára que habitam a região do Cerrado mato-grossense, ao sul da Amazônia brasileira, contribuindo para a documentação, descrição e preservação das línguas indígenas do Brasil. Pretende-se, ao longo desta dissertação:

¹ Basendo nos em Schilling-Estes (2006), compreendemos letos como formas específicas de uma língua ou de um aglomerado linguístico, as quais não é possível ou indicado diferenciar se são variantes de uma mesma língua (dialetos) ou línguas *per se*. Este termo pode englobar línguas, dialetos, variedades linguísticas, registros, estilos ou outras formas linguísticas como a forma padrão de uma língua (SCHILLING-ESTES, 2006). Como não se sabe ao certo quantas línguas constituem a Família Nambikwára, especialmente devida à escassez de estudos referentes ao Ramo Nambikwára do Sul, utilizaremos este termo, uma vez que ele pode abranger línguas ou variantes de línguas para designar as formas linguísticas utilizadas por comunidades de fala Nambikwára.

- 1) apresentar os fonemas consonantais e vocálicos dessa língua, bem como suas correspondentes realizações alofônicas, considerando-os sob os pontos de vista acústico e articulatorio e analisando-os;
- 2) identificar o padrão silábico (fonético e fonológico) em que os fones são arranjados;
- 3) verificar a alofonia e os tipos de processos fonológicos presentes nos dados sonoros analisados;
- 4) examinar os tonemas (tons lexicais) relevantes para a compreensão de seu sistema fonológico;
- 5) checar quais processos segmentais interagem com o acento e/ ou tom.

Com base nos objetivos supracitados, tem-se, como categorias de análise deste estudo: 1) os fonemas consonantais e vocálicos; 2) os alofones; 3) os tonemas (tons lexicais); 4) o *template* silábico fonético e fonológico; 5) processos fonológicos.

De modo a atingir esses objetivos, realizamos uma pesquisa de campo junto à Comunidade Nambikwára da Aldeia 13 de Maio, localizada na T.I. Nambikwára, na qual foram coletados dados sonoros em formato digital junto a falantes nativos da língua. As considerações aqui apontadas em nossas análises fazem uso de dados predominantemente oriundos de eliciações, fundamentados pelas instruções procedurais e os princípios da linguística descritiva estruturalista norte-americana em Comrie & Smith (1977) e Payne (1977), além de etapas apresentadas por Everett e Sakel (2012).

O material coletado durante a pesquisa de campo, contém listas de palavras, listas de paradigmas, orações e pequenos textos, sendo alguns destes autênticos². O corpus do trabalho totaliza cerca de 100h de gravações³, coletados no município de Comodoro, na Terra Indígena Nambikwára, no primeiro semestre de 2017. Foram entrevistados índios dos grupos Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú, todos estes pertencentes à etnia Nambikwára e falantes de uma mesma língua, como é defendido pelos próprios professores entrevistados, apesar de pequenas variações lexicais encontradas, no caso do Kithãulhú e Halotesú.

Visto que estudos acerca das línguas Nambikwára ainda são escassos, assim como a maioria das línguas indígenas brasileiras. No caso do Nambikwára do Campo especificamente, ainda não há na literatura trabalhos que lidem com dados de fala dos quatro

² Textos autênticos são aqueles produzidos de maneira espontânea, em situações naturais e reais de fala, sem intervenções do linguista durante as gravações.

³ Além dos dados de fala eliciados por mim, o corpus total da pesquisa contou com dados coletados do Kithãulhú por Paula Mendes, com quem realizei as visitas ao povo Nambikwára.

grupos étnicos analisados (Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú), embora o leto Kithãlhú já tenha sido estudado por Lowe (1999) e Kroeker, M. (2001). A condução deste estudo se justifica, portanto, ao considerarmos dois âmbitos:

1) Linguístico, uma vez que as análises aqui apresentadas podem vir a indicar mais possibilidades de representação da faculdade da linguagem que é inerente aos seres humanos, promovendo, assim novos dados para essa compreensão;

2) Social, uma vez que já que a documentação e a descrição das línguas indígenas corroboram com a preservação linguística-cultural dos povos em questão, além de contribuir para a manutenção dos povos. Como previsto na Constituição de 1988, dada a relevância de línguas para sociedades, é direito preservá-las.

Com os resultados da presente pesquisa, pretende-se contribuir para a documentação da língua objeto de estudo supracitada, bem como a sua manutenção linguística, fornecendo material de pesquisa para que outros estudos comparativos e tipológicos subsequentes para a família linguística Nambikwára sejam conduzidos, os quais poderão respaldar, além da documentação e preservação linguísticas previsto no âmbito social de nossa justificativa, a implementação do ensino de língua materna nas escolas indígenas da comunidade e de materiais didáticos.

O conhecimento acerca da fonologia segmental da língua é uma etapa inicial para compreender a partir dele outros aspectos fonológicos característicos da língua em questão.

Espera-se também, a partir do presente trabalho, ampliar o conhecimento linguístico acerca da família Nambikwára, ainda não muito estudada, para contribuir com a história de seu povo e das línguas ameríndias sul-americanas, uma vez que muitas vezes estas dependem de sua descrição linguística.

1.1 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Uma vez que o objetivo geral deste trabalho trata da apresentação e descrição do sistema fonológico segmental da língua Nambikwára, serão utilizados como princípios teóricos da Fonologia Estruturalista (CAGLIARI, 2002), já que ela fornece procedimentos e métodos norteadores para a descoberta e discriminação do sistema fonológico de línguas ágrafas ou pouco documentadas.

Apoiamos nosso trabalho, nos estudos realizados por Comrie e Smith (1977), Payne (1977), Pike (1949) a partir dos quais os sistemas fonológicos das línguas podem ser discriminados e analisados.

Para o estudo fonético, o trabalho se apoia teoricamente nos trabalhos de Stevens (2000), Ladefoged & Maddieson (1996), Hume & Johnson (2001), etc.

Embora nosso trabalho parta da abordagem estruturalista para a identificação dos segmentos que integram o sistema fonológico da língua objeto de estudo, ao tratarmos da estrutura silábica e dos processos fonológicos observados, nos guiaremos pelos princípios da Fonologia Moderna (GOLDSMITH, 1990, 1995; GUSSENHOVEN, 2004), que compreende o sistema fonológico das línguas a partir de uma perspectiva não-linear, além de os trabalhos de Clements e Hume (1995), Spencer (1986), Kenstowicz (1994), Hayes (2009), dentre outros. Quanto ao caráter tipológico da fonologia das línguas do mundo, nos apoiaremos nas contribuições de Velupillai (2012).

Para analisar a estrutura silábica, utilizaremos os trabalhos de Clements (1990) e Kenstowicz (1994), os quais concebem a sílaba como um componente fonológico, cuja estrutura interna é arranjada hierarquicamente. Finalmente, a Geometria dos Traços de Clements e Hume (1995) é utilizada para elucidar e descrever os principais processos fonológicos observados.

Uma vez que estudos fonológicos acerca de outras línguas da Família Linguística Nambikwára foram realizados, o presente trabalho assume um caráter comparativo, ao estabelecer paralelos com os sistemas fonológicos das línguas Nambikwára já documentadas, quando apropriado.

A dissertação lança mão também das descrições de estudos acerca das línguas Nambikwára, em especial no que tange a fonologia das línguas como Lakondê (TELLES, 2002), Latundê (TELLES, 2002), Mamaindê (EBERHARD, 2009), Negarotê (BRAGA & TELLES, 2014), Sabanê (ARAÚJO, 2004), bem como dos trabalhos acerca das línguas Nambikwára do Sul (LOWE, 1999; KROEKER, M. 2001)⁴, dentre outros.

Todo o referencial teórico será utilizado e apresentado por toda a dissertação e terão espaço mais relevante quando forem essenciais para ilustrar conceitos e fenômenos linguísticos apresentados especialmente em nossas análises.

⁴ O trabalho de Lowe (1999) lida com o leto Kithãulhú, ao passo que Kroeker M. (2001), em sua gramática, utiliza dados de fala de letos dos grupos Kithãulhú, Wakalitesú, Wasúsu, Halotesú, Sawentesú e Katitãulhú (Saráré).

Para a pesquisa de campo para levantamento de dados linguísticos, os quais integram o corpus de nossa análise, foi utilizado o Método Indutivo, o qual parte de dados gerais para a análise específica, com bases nos princípios da linguística descritiva estruturalista norte-americana em Comrie e Smith (1977), Payne (1997) e Everett e Sakel (2012).

Para a pesquisa de campo, foram entrevistados membros dos grupos Nambikwára que habitam a região do Cerrado no estado de Mato Grosso, no município de Comodoro. Parte de nossa pesquisa de campo ocorreu na Terra Indígena Nambikwára, local em que os participantes da comunidade Nambikwára puderam ter contato conosco e se interessarem em participar do nosso trabalho.

Quanto à análise dos dados, propõe-se análises acústicas através de estudo fonético minucioso dos componentes segmentais e suprasegmentais presentes nos dados. Os procedimentos de análise estão pontuados a seguir:

- 1) Audição dos dados e transcrição fonética;
- 2) Organização do corpus em arquivos classificados com meta-dados que os caracterizem e correspondam a categorias definidas na pesquisa, segundo Everett & Sakel (2012);
- 3) Submissão dos dados sonoros em formato digital ao programa PRAAT⁵ que permite a análise acústica dos dados linguísticos;
- 4) Exame minucioso dos dados sonoros em programa de análise acústica (PRAAT);
- 5) Quando se tratar de informações gramaticais, todos os dados serão abreviados e anotados na dissertação segundo o sistema de anotação internacional conhecido por *Leipzig Glossing Rules* (*Department of Linguistics of the Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology* e o *Department of Linguistics of the University of Leipzig, Alemanha*) de acordo com a mais recente alteração (13 de Maio de 2015).

Durante a pesquisa de campo, foram utilizados os seguintes instrumentos de coleta:

1. Questionário de Comrie e Smith (1977);
2. Questionário “Léxico de Swadesh”, versão adaptada por I. Dyen (1992);
3. Questionário do Museu Nacional (SIL);

⁵Disponível em: <http://www.praat.org>.

4. Questionário do Museu Goeldi;

Além dos questionários supracitados, foram elaborados outros questionários para coleta de dados: 1) Instrumento de eliciação visual com fotos de animais e vegetais da região amazônica; 2) Questionário lexical com base no levantamento da Fauna e da Flora do bioma Cerrado; 3) Questionário baseados nos trabalhos de Kroeker B. (2003) e Kroker M. (2001); 4) Questionário de léxico em uso, baseado em levantamento lexicográfico de teses e estudos sobre a família Nambikwára (KROKER, M., 2001; TELLES, 2002; ARAÚJO, 2004; EBERHARD, 2009). Quando apropriado, foram utilizados instrumentos e situações do cotidiano para eliciar palavras e frases durante a coleta.

Estabeleceu-se como perguntas de pesquisa:

- 1) Quais são os fonemas que integram a fonologia segmental da língua?
- 2) Que regras fonológicas se aplicam na produção sonora dos falantes?
- 3) Processos segmentais interagem com o acento ou tom?
- 4) Qual o *template* silábico fonético e fonológico da língua?
- 5) Em nível segmental, como a língua Nambikwára do Campo se comporta em relação às outras línguas Nambikwára já estudadas?

Para a presente pesquisa, partimos do pressuposto de que os diferentes grupos indígenas entrevistados falavam variantes de uma mesma língua. Deste modo, foram elegidos os seguintes critérios de inclusão para seleção de informantes potenciais:

- (1) Ser falante nativo da língua da família Nambikwára, ramo Nambikwára do Sul, falada pelas etnias dos grupos Nambikwára do Campo (TELLES; 2013), podendo ser bilíngue em português-Nambikwára;
- (2) ser reconhecido e aceito pela comunidade como potencial colaborador linguístico para o presente trabalho;

Esta pesquisa contou com a contribuição de 10 indígenas das etnias Nambikwára residentes na região do Cerrado, pertencentes aos grupos do Campo segundo a classificação de Telles (2013), sendo estes dos grupos Halotesú, Kithaulhú, Sawentesú e Wakalitesú. A tabela a seguir informa o número de indivíduos e faixa etária dos entrevistados.

Tabela 1: Estratificação dos participantes da pesquisa de acordo com faixa etária e grupo étnico.

Faixa Etária	Grupo			
	Halotesú	Kithãulhú	Sawentesú	Wakalitesú
18- 29		2	1	
30 - 49	1	1		1
50- 79	3	1		
Total	4	4	1	1

Sobre os nossos informantes, é possível dizer: 1) todos foram exclusivamente do sexo masculino⁶; 2) todos aprenderam português como segunda língua, apresentando níveis de bilinguismo bastante distintos entre si e 3) a maioria deles utilizam língua portuguesa para ter acesso ao ensino médio e/ ou outros serviços na cidade.

Vale salientar que, apesar de bilíngues, quando na comunidade indígena, todos falam entre si em sua língua materna, exceto quando cônjuges pertencem a outra etnia e não dominam a língua Nambikwára local.

Dentre nossos entrevistados, encontram-se 2 pajés e 3 professores que atuam ou atuaram no ensino da língua Nambikwára, variante do Cerrado, nas escolas indígenas das comunidades.

As entrevistas realizadas na Aldeia 13 de Maio, T.I. Nambikwára, contaram, em sua maioria, com a presença de mais de um informante devido ao engajamento da comunidade local. No desenrolar do trabalho, as sessões em trio ou em grupo deram espaço a sessões individuais, contando com a participação de três colaboradores principais, sendo estes dois Kithãulhú e um Wakalitesú.

A coleta de dados partiu da elicitación de itens lexicais e pequenas frases, em fala normal ou silabada, para então seguir a coleta de textos curtos. Além dos dados linguísticos Nambikwára, a pesquisa contou também com produções espontâneas acerca das línguas e dos povos Nambikwára, incluindo mitos e informações etnográficas.

Os dados foram gravados em formato digital com um (mono) ou mais canais (estéreo) com gravadores Zoom H6 e Tascam, captados com microfones embutidos e acoplados por entrada XLR, sendo estes omnidirecionais, direcionais (cardióides e shotguns), escolhidos a depender dos locais e condições atmosféricas nas quais as gravações foram realizadas.

⁶ Provavelmente por questões culturais, somente os homens dos grupos Nambikwára citados se apresentaram para participar das sessões de gravação. A participação exclusiva da população masculina Nambikwára em trabalhos acadêmicos já fora registrada por pesquisadores como Böglar (1960).

As gravações dos áudios, gravados nos modos mono e estéreo, contaram também com acessórios como corta-vento e condicionamento acústico improvisado com materiais disponíveis no local de modo a diminuir/ neutralizar ruídos e eliminar ecos, tornando as gravações mais “limpas”, as quais permitiriam análises acústicas mais precisas.

Todos os arquivos contendo dados de fala foram salvos em formato não comprimido (WAV), cuja taxa de frequência e bits foi predominantemente de 96kHz/24bit.

As transcrições dos dados foram realizadas simultaneamente à coleta, de oitiva, utilizando-se, nos diários de coleta de dados, o Alfabeto Internacional de Fonética (IPA)⁷. Quando possível, as informações etnográficas foram anotadas em outro caderno de campo. As transcrições realizadas eram, quando possível o acesso a equipamentos, sempre checadas com o uso do PRAAT.

Com base na produção fonética dos participantes desta pesquisa, e utilizando o programa de análise acústica PRAAT, foi possível identificar os fones consonantais, vocálicos e os ditongos⁸ que integram o inventário fonético segmental da língua. Uma vez encontrados os fones, foi também possível determinar, a partir destes dados, o modo no qual estes se arranjavam em sílaba e sua distribuição, determinando seus modelos fonéticos.

As etapas posteriores dizem respeito à identificação das formas subjacentes da produção fonética coletada, com base nos princípios de descoberta da abordagem estruturalista norte-americana. Partimos da busca por oposições fonológicas junto à identificação de contraste fonológicos a partir de ambientes fonéticos análogos⁹, os quais possibilitariam a determinação dos segmentos comportados no sistema fonológico da língua.

Finalmente, o tom e os processos fonológicos foram identificados, relacionando-os, quando possível, ao acento e determinando suas regras fonológicas.

1.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESTRUTURA DO TRABALHO

Neste trabalho, são utilizadas diferentes formas de notação: fonética e fonológica. Abaixo das transcrições fonéticas e ou fonológicas dos dados da língua Nambikwára, será apresentada a tradução equivalente ou aproximada em português.

⁷ Alfabeto Fonético Internacional (AFI). Para a notação neste sistema, utilizamos o teclado online disponível em <http://ipa.typeit.org/full/>

⁸ Consideramos, no presente trabalho, os ditongos como sequências formadas por vogais seguidas por glides.

⁹ Em outros estudos conduzidos com línguas da família Nambikwára, como é o caso do Latundê (TELLES, 2002) e do Mamaindê (EBERHARD, 2009), nem sempre era possível encontrar pares mínimos para expor as oposições fonológicas, reconrendo-se, assim, aos pares análogos.

As notações fonéticas e fonológicas apresentadas no trabalho fazem uso do *International Phonetics Alphabet* (IPA).

Durante o levantamento bibliográfico para a pesquisa etnolinguística acerca dos povos Nambikwára, muitos textos foram encontrados em línguas estrangeiras. Por todo o trabalho, as citações diretas são apresentadas em suas línguas de origem. No entanto, de modo a potencializar o escopo de abrangência do conteúdo aqui apresentado, as citações em línguas estrangeiras foram vertidas ao português pelo autor e se encontram ao fim das páginas, em notas de rodapé. Exceções a esse parâmetro são as citações em húngaro, oriundas do artigo de Boglár (1961).

Para estas citações, apresentamos diretamente no corpo do texto do trabalho a tradução para o português e o texto original em nota de rodapé, por se tratar de uma língua que não faz parte do tronco indo-europeu. Para as traduções de textos em húngaro, utilizamos as seguintes ferramentas de tradução: memoQ, Jubler, Idiom e Google Translation Kit, contendo banco de dados na língua de origem.

Os textos foram traduzidos do húngaro para o inglês e do húngaro para o alemão¹⁰, atentando-se para termos técnicos. Após a fase de tradução, seguiu-se a fase de edição e contamos também com a checagem do produto final com uma falante nativa, fluente nas duas línguas-alvo, para a verificação dos resultados e inserção deles em nosso trabalho.

Nas citações, a grafia apresentada de etnônimos respeitará a recomendação da Associação de Antropologia Brasileira (1953), ao apresentar a grafia utilizada por cada autor referenciado. Por consequência, o etnônimo Nambikwára poderá ser grafado como Nambicuara (OBERG, 1953), Nambiquara (AYTAI, 1968; LOWE, 1999), Nambikuara (BOGLÁR, 1960), Nanbikúara (PEREIRA, 1974), etc.

Por partir da Fonêmica Americana Estrutural, no início do trabalho será utilizado para descrever os segmentos pertinentes a esta abordagem teórica. A partir das nossas análises da estrutura silábica e dos processos fonológicos, como base no modelo autosegmental, os termos da linguística estrutural americana passarão a ser substituídos de forma progressiva para a terminologia apropriada à utilização desta outra abordagem.

¹⁰ Optamos pela tradução para estas línguas, invés de traduções diretas para o português pelos seguintes motivos: 1) escassez de banco de dados em húngaro-português disponíveis; 2) falhas de traduções constantes para o par húngaro-português; 3) o fato de línguas como o inglês e o alemão serem mais difundidas, o que facilitaria a checagem das traduções com falantes nativos de húngaro.

O corpo deste trabalho é segmentado em três capítulos, os quais podem ser subdivididos em seções e subseções.

O Capítulo 1 aborda aspectos sócio-histórico-culturais dos povos Nambikwára, fornecendo informações referentes à história e à Família Linguística Nambikwára. Uma vez que o sistema linguístico está também associado à cosmovisão de seu povo, foram incluídos aspectos referentes à cultura dos povos Nambikwára, os quais podem revelar aspectos importantes presentes na língua estudada.

O Capítulo 2 dedica-se à fonética e à fonologia segmental, apresentando a descrição e as análises dos inventários segmentais consonantais, vocálicos e ditongos da língua. Esta seção comportará também a variação alofônica e sua relação com processos fonológicos.

O Capítulo 3 trata de aspectos suprasegmentais gerais da língua e fornece considerações sobre a estrutura silábica fonética e fonológica, bem como questões referentes ao acento, ao tom, correlacionando-os aos processos fonológicos observados na língua em questão.

2 OS POVOS E AS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA

O presente capítulo visa a oferecer um panorama geral sobre os povos e as línguas Nambikwára com base em documentos e estudos oriundos das áreas da Antropologia, Ecologia, História e Linguística.

Inicialmente serão discutidos temas acerca da historiografia e etnografia de povos Nambikwára. Nesta etapa, serão discorridos sobre temas como cultura, cosmologia e demografia.

Posteriormente a estes tópicos, seguem-se discussões que abordarão os contextos linguísticos e as múltiplas classificações em que as línguas Nambikwára foram submetidas desde o contato com a sociedade ocidental, incluindo propostas referentes à sua filiação a macro-famílias de línguas.

Ao fim desta seção, fornecemos dados acerca do Ramo Nambikwára do Sul e apresentamos discussões com base nos estudos previamente conduzidos a respeito dos letos que o compõem, bem como tentamos lançar luz sobre os motivos que levam a estas constantes reclassificações.

2.1 POVOS NAMBIKWÁRA

Os povos Nambikwára têm seus territórios tradicionais demarcados entre os estados brasileiros do Mato Grosso, localizado na região Centro-Oeste e Rondônia, integrante da região norte, ao sul da região amazônica brasileira.

Os contatos iniciais com a população não-índia se deram mais extensivamente a partir da expedição do Coronel Cândido Rondon, na primeira metade do século XX, em 1911. Lowe (1999) aponta que à época da expedição de Rondon, a estimativa da população Nambikwára totalizava dezenas de milhares de indivíduos (entre 20 mil e 50 mil indígenas).

Desde a publicação da obra de Lévi-Strauss, *Tristes Tropiques*, em 1955, os povos e as línguas Nambikwára se tornaram mais conhecidos na comunidade científica internacional. Embora os primeiros contatos com os índios Nambikwára tenham sido efetivados décadas antes da chegada de Lévi-Strauss, sendo a Expedição Rodón a mais importante, datada da primeira década do século XX (TELLES, 2002), os estudos acerca desta família linguística ainda são escassos.

A Chegada do Summer Institute of Linguistics (SIL) às terras brasileiras na segunda metade do século XX trouxe consigo pesquisadores interessados nas línguas indígenas do Brasil, dando continuidade aos estudos iniciados pelo antropólogo francês.

Na década de 1970, David Price (1978) deu início a um estudo mais abrangente acerca da família linguística Nambikwára, no qual propôs um *sketch* sobre a fonologia da língua Proto-Nambikwára, ao fazer uso de dados das línguas Mamaindê (Nambikwára do Norte), Kithãulhú (Nambikwára do Sul) e Sabanê, com base no método comparativo.

Cerca de três décadas subsequentes aos estudos de Price, foram publicadas as primeiras gramáticas de línguas Nambikwára: Kroeker (2001) para a língua Nambikwára do Sul¹¹; Telles (2002), cujo trabalho enfocou as línguas Latundê e Lakondê (Nambikwára do Norte); Araújo (2004), o qual descreve a língua Sabanê; e, mais recentemente, Eberhard (2009) propôs uma gramática em dois volumes para a língua Mamaindê (Nambikwára do Norte).

2.2 PRIMEIROS REGISTROS HISTÓRICOS E ACADÊMICOS

Os primeiros registros históricos dos grupos indígenas conhecidos como índios Nambikwára ficaram mais conhecidos pela sociedade ocidental no início do século XX (TELLES, 2002). Neste período, a partir do ano de 1907, foi iniciada a maior expedição através de territórios indígenas nas regiões mais à oeste do território brasileiro, abrangendo as atuais regiões centro-oeste e norte do país.

Conhecida por Comissão Rondon (REESINK, 2003), fazendo jus ao nome de seu principal líder, o marechal Rondon, objetivava o desbravamento das terras, muitas das quais sem presença ocidental, para demarcação e abertura de terras sertão afora, de modo a instalar linhas telegráficas, as quais possibilitariam o contato de indivíduos presentes nestas regiões com as outras áreas do Brasil.

Quando das expedições, muitos foram os contatos iniciais com sociedades e grupos indígenas até então pouco conhecidos ou sem nenhum registro prévio. Como consequência, houve, decorrente dessas séries contínuas de contatos com ‘novos’ povos, uma série de registros etnográficos, muitos deles incluídos nos registros de campo de Rondon, os quais englobavam dados étnicos de artefatos, localização geográficas de povos indígenas, bem como, em alguns casos, listas de palavras nas línguas até então desconhecidas.

¹¹ O autor considera que os diferentes letos falados pelos povos Nambikwára do Sul são variantes de uma mesma língua.

Dentre os povos indígenas até então supostamente não-contatados estão os povos Nambikwára. Do ponto de vista geográfico, as etnias Nambikwara habitam majoritariamente áreas no estado de Mato Grosso e uma parcela de terras no estado de Rondônia, localizados nas regiões norte e centro-oeste do Brasil, respectivamente. As áreas nas quais os Nambikwara habitam são conhecidas pela grande diversidade étnica, cultural e linguística, compreendendo povos falantes de línguas de famílias sem nenhuma relação linguística (MOORE, 2005)., como é o caso das línguas Aikanã (isolada) e Enawenê-nawê (Família Aruaque).

Apesar de a contribuição da Expedição de Rondon ter tido marcada importância para o conhecimento de muitos povos indígenas, incluído os que seriam conhecidos atualmente como os Nambikwára, dados advindos de outros autores apontam para outros caminhos (LÉVI-STRAUSS, 1946; REESINK, 2003).

De acordo com Levi-Strauss (1946), a primeira vez em que o nome Nambikwára foi mencionado deu-se no início do século XVIII, por Antonio Pires de Campos, se referindo a um grupo indígena alocado à cabeceira do rio Tapajós, em Mato Grosso.

Com as expedições do Coronel Rondon, cujo objetivo principal visava ao reconhecimento dos territórios entre os rios Tapajós e Ji-Paraná, em 1907, houve um encontro com grupos indígenas, os quais falavam vários dialetos de até então uma língua desconhecida. Segundo Lévi-Strauss (1946), Rondon “did not hesitate to identify them with the tribe often mentioned in the early documents”¹² (p. 139).

A identificação destes grupos indígenas feita por Rondon levantou também outra questão, desta vez referente à nomeação do grupo, uma vez que o nome Nambikwára seria um nome desconhecido para estes povos que estavam sendo contatados. Levi-Strauss (1946) alega que estava presente quando a denominação tupi para “orelhas grandes”, uma das possíveis traduções para o termo “Nambikwára”, foi definitivamente adotada, porém ele ressalta a inquietação de antropólogos acerca da denominação Nambikwára ao grupo, uma vez que suas orelhas não são proeminentes e os Nambikwára não utilizarem ornamentos como alargadores no lóbulo da orelha, uma vez que “the Tupi nickname would suggest, of course, some conspicuous custom of the kind”¹³ (LÉVI-STRAUSS, 1946, p. 140).

¹² Não hesitou em associa-los com a tribo geralmente mencionada nos documentos antigos. (LÉVI-STRAUSS, 1946, p 139, tradução nossa),

¹³ O apelido em tupi sugeriria, obviamente, um costume conspicuo dessa natureza (LÉVI-STRAUSS, 1946, p. 140, tradução nossa)

Reesink (2003), corrobora com a ideia de os Nambikwára terem sido primeiramente contatados no século XVIII. O autor ressalta que a primeira fonte histórica segura de contato com índios Nambikwára se deu quando da tentativa de estabelecer uma ligação por terra junto ao forte Príncipe da Beira, um ponto estratégico na fronteira. Nessa época, em meados do século XVIII, foram relatados a presenças de um grupo indígena denominado Tamaré, o qual, segundo relatos, dormiam no chão.

Durante os anos de Lévi-Strauss no Brasil (1938-39), o antropólogo francês chama atenção para a presença de outro grupo de índios, cujo território indígena era próximo aos do Nambikwára, mas situado mais à leste, o que incorreria que, devido à sua localização geográfica, qualquer expedição oriunda de Cuiabá poderia tê-los contatados.

De acordo com o autor, garimpeiros e seringueiros da área os chamariam de “beijos de pau” e sugeririam não somente a utilização de ornamentos de madeira nos lábios, mas também no lóbulo da orelha. Para ele, este grupo indígena seria o que levaria o apelido tupi para “orelhas grandes” nas fontes antigas sendo transferido equivocadamente para os Nambikwára no início do século XX.

Alguns anos subsequentes à publicação do trabalho de Lévi-Strauss, Oberg (1953) relata suas impressões acerca dos índios Nambikwára. Ele revela que, dentre muitos antropólogos, Von den Steinen e Max Schmidt partiram para as terras Nambikwára. Em seu trabalho, o pesquisador teve contato com índios da etnia Waklítisu, tendo publicado também uma lista de palavras com o então dialeto falado por este grupo.

Em sua obra, Oberg (1953) sugere também que a comum confusão referente aos etnônios dos grupos indígenas Nambikwára são decorrentes do movimento organizacional destes na primeira metade do século XX.

2.3 HISTÓRIA E ORIGENS NAMBIKWÁRA

A origem dos povos Nambikwára ainda é encoberta por vários mistérios. Além dos poucos registros históricos relacionados a este povo, muitos dos quais muitas vezes são oriundos de diários de campo da época das expedições ao interior do Brasil, a problemática referente aos primeiros contatos expostos anteriormente, somada à constante controvérsia sobre os diferentes etnônios e denominações de grupos indígenas que supostamente corresponderiam aos grupos Nambikwára conhecidos na atualidade, nomes estes oriundos muitas vezes de má interpretações e formas espúrias de termos geralmente ligados a parentesco, lançam dúvidas sobre as raízes desse povo.

Em seu livro intitulado *Rondônia*, Roquette-Pinto (1919) fornece dados acerca dos índios da Serra do Norte, grupo este correlacionado aos grupos Nambikwára e aponta para a primeira metade do século XVIII, época na qual António Pires de Campos alegara a existência de índios que habitavam as nascentes do Rio Juruena, curso de água a na Chapada dos Parecis muito próxima às fontes pluviais do Guaporé, que corta e banha os territórios do estado do Mato Grosso que mantém confluência com o rio Teles Pires onde nasce o Rio Tapajós, um dos maiores rios afluentes da região amazônica.

Dos manuscritos do missionário José Maria de Macerata, que pôde ler em Mato-Grosso, transcreve o marquez de Castelnau certas notas sobre a existência de tribus espalhadas nas margens do Juruena, do Juína e até do Camararé. Tudo aquillo, porém, não é bastante claro; e, além disso, as informações se misturam com historias fabulosas de homenssimios, que desanimam o leitor, nominalmente, Castelnau se refere aos Nambikuáras, dizendo que vivem nas florestas centraes; e é tudo quanto se aproveita de sua contribuição. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 40)

Segundo o relato de Roquette-Pinto (1919), a noção prévia sobre a direção norte para a qual as águas da chapada corriam pode indicar de que os sertanistas chegaram por volta do ano de 1723 às nascentes formadoras do Rio Juruema. À época, entre os anos de 1718 e 1723, Antonio Pires de Campo foi ao norte do Rio Sepotuba, chamando-o de Hisipotuba, chegando até os Rios Sacre e Papagaio. Em sua Breve Noticia, publicada anos depois como lembra Oberg (1953), menciona índios Cavihis vivendo nos vales dos rios que corriam em direção ao Rio Amazonas:

Também é quasi certo que os Índios da Serra do Norte, hoje alcunhados Nambikuáras pelos sertanejos, já vagavam por essa cordilheira, pois que António Pires refere a existência de outras nações, mais afastadas do lado do Norte, "gente que não podia declarar porque lá não tinha chegado". No entanto, menciona os Índios Cavihis, moradores nos valles dos rios que correm para o Septentrião. Conta que certa vez, já no fim das suas viagens, che-gara a uma aldeia deserta, e ahí pudera encontrar restos humanos apodrecendo dentro de alguns vasos, sobejos da anthropophagia daquelles barbaros. Parece-nos fora de iluvida que taes Cavihis sejam os Kabixís, que se podem identificar a um certo grupo de Índios da Serra do Norte, (Nambikuára—Uáindzu ou Uáintaçú), que desce pelo valle do Guaporé até á antiga Villa Bella (Mato-Grosso), de onde jamais se aproxima senão de animo hostil. A identificação, que as notas de Rondon já haviam tornado mui plausível, foi depois confirmada pela comparação do material ethnographico procedente das duas origens. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 16 – 17)

Um grande obstáculo inicial a ser superado durante os contatos com as nações indígenas era a constante imprecisão acerca de nomes e localizações de grupos distintos. Muitas vezes, grupos indígenas distintos sem qualquer parentesco linguístico ou similitudes culturais acabavam por ser confundidos. Com os Nambikwára, o cenário não seria tão diferente.

Em seu relato histórico sobre eventos da segunda década do século XVIII, Roquette-Pinto traz à tona dois importantes fatos para a historiografia Nambikwára: 1) o modo com o qual suas casas eram construídas; 2) a grande população indígena supostamente Nambikwára na região da Serra do Norte; 3) a problemática sobre a origem do nome Nambikwára.

Nas informações de António Pires, ha, porém, alguma coisa mais que é preciso examinar. A descrição das habitações dos Parecís de 1723: "casas redondas do feitio de um forno, mui altas" . . . cujas portas "eram tão pequeninas que para se entrar era necessário ser de gatinhas"...quadra rigorosamente com as palhoças da Serra do Norte. Hoje, não creio que existam casas parecís construídas daquelle feitio; todas se parecem com o rancho dos nossos sertanejos. Mas, as cabanas dos Nambikuáras, estas, sim, são redondas como um forno, altas, servidas por pequeninas aberturas que só atravessa quem estiver de gatinhas. Seria pueril, só por isso, acreditar que os Nambikuáras da Serra do Norte representam um ramo da nação Pareci, que se atrazou de seus parentes, a ponto de tornar-se irreconhecível, como parte da família. Creio antes que o processo de edificação representa uma influencia importada. E talvez nem isso. Porque haviam de aprender a construir aquellas casas e não haviam de conhecer a rede, que é movei, indispensável dos Parecís? Seja como for, em 1720, já se tinha vaga noticia da existência de grande população india na Serra do Norte. Importa, porém, muito, verificar si alguns viajantes que andaram pelas abas da Serra e pelo valle do Juruena, obtiveram noções mais precisas sobre os indios que os Parecís chamam Uaikoákorê e os sertanejos preferem chamar Nambikuáras, nome, aliás, que estes não conhecem, appellido extranho absolutamente a seus dialectos. (Do tupi Nambi — orelha ; Kuára — furo). (ROQUETTE-PINTO, 1919, p.18 – 19)

De origem tupi, o nome Nambikwára denota “furos na orelha”. Como bem lembra Roquette-Pinto, a nomeação dos índios é dada por uma palavra que até então não integraria o léxico da língua falada por este povo, sendo, portanto, desconhecida até então para eles:

Nambikuára — (Nhambiquara ou Nambicoara — Mambiuára?) — aparece, é bem verdade, em muitos escriptos antigos e modernos; representa, porém, denominação que se tem emprestado a povos diversísimos, alcunha totalmente extranha á lingua dos alcunhados. Quantas tribus do Brasil, e mesmo da America do Sul, por terem seus filhos o costume de perfurar o lóbulo da orelha, não merecem este nome nambikuára? Pondo de parte as referencias que se não podem ajustar á população india da Serra do Norte, citações encontradas na — Viagem do Bispo do Pará — frei João de S. José, em 1762, e mesmo as que se acham num artigo documentado de R.

Schuller, publicado em 1912— (outubro) — em "Petermanns Mitteilungen-Globus", porque dizem respeito a outros povos baptizados por extranhos com aquelle mesmo nome, tudo quanto se sabia até agora, da vida daquelles Índios, somma muito pouca cousa. Em diferentes monographias sobre Mato-Grosso—(Taunay, Caldas, G. Pimentel, Couto de Magalhães)—encontramos apenas o nome Nambiquára, attribuido aos Índios em questão. O nome, só. Delles, até 1909, é fora de contestação que além do nome, e esse mesmo errado, mui pouco mais era suspeitado. As melhores noticias eram escassas e, além disso, pouco firmes. Da expedição Langsdorff (1825) — publicou o Dr. Karl von den Steinen, no vol. Lxxv — 1899 — do Glohiis, desenhos de Hercules Florence, figurando uma cabana encontrada perto da junção do Arinos com o Juruena. O aspecto geral da construcção lembra a fórma dominante na Serra do Norte; ha, porém, nesse desenho, uma canoa que prejudica, irremediavelmente, a identificação. Em toda a Serra do Norte as únicas embarcações que encontrei foram as da Comissão de Linhas Telegraphicas. No entanto, O desenhista Florence, em carta de seu punho (Rev. do Inst. Histórico —vol. 38) fala dos Tapanhunus daquelle sitio. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 37-38)

Além de Antonio Pires Campos, outras personalidades da época também chegaram a visitar os territórios nos quais os Nambikwára habitavam (ROQUETTE-PINTO, 1919): Padre Ayres Casal, quem mencionou a existência de uma tribo indígena vivendo próximo ao Rio Jurena, o que contribuiu para a propagação de rumores acerca dos índios que habitavam esta área, especialmente a partir do ano de 1800; o Dr. Amedée Moure, quem em 1862 publicou uma monografia que tratava dos índios do estado do Mato Grosso, incluindo grupos antropófagos, citando na lista os grupos indígenas dos Umotina, Cabixí e Nambikwára:

Em 1862, publicando uma monographia sobre os indios de Mato-Grosso, dedica um capitulo ás "tribus selvagens e anthropophagas ", que affirma serem 10. Entre ellas lá estão os Kabixís, os Nambikuáras e os Tapanhunus. Aos Kabixís chama "implacable et barbare tribu, qui se cantonne au Nord de la Province", o que é verdade; mas acrescenta que a sua lingua é a quichúa, o que é redondamente falso... Em seguida, Moure identifica os Nambikuáras aos Tapanhunus, o que me parece aceitavel. Chandless em 1862, Barbosa Rodrigues em 1875, Pimenta Bueno em 1880, K. von den Steinen em 1888, Cou-dreau em 1897, Koch Grunberg em 1902, Clements Markham em 1910 e, já seguindo até certo ponto a Comissão Rondon, Max Schmidt em 1910, todos falam, ainda incidentalmente, nos indios famosos. Martins (Beiträge, I, 208) — diz de tal povo: "Nada se sabe dos indios que têm nome tupi: Nambyquara. Namby-cuaras, Orelhudos. Vivem como outros muitos anthropophagos: Tapaí-muacus e Temanangas, na região do Tapajóz, entre 8 e 10 grãos. Natterer colloca os Nambicuaras no rio Jaguary {sic} um affluente occidental do Tapajoz". (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 39)

Outro marco importante para o conhecimento e contato com os Nambikwára foi a construção de dois Postos Indígenas do governo, após os anos de 1910. Estes postos, um em Toloso na parte superior do Rio Cravari, localizado ao leste de Utiarity e outro chamado

Pyreneus de Sousa, entre Campos Novos e Vilhena, esta última cidade na atual RO. Devido às suas localizações, e condições precárias para estabelecer agricultura, como lembra Oberg (1953), os postos tiveram acessos mais limitados, por consequência, havia visitas dos índios somente e de forma esporádica. Neste período, contribuições de estudiosos verificavam o contingente populacional e a distribuição geográfica dos povos Nambikwára.

Merecem, porém, uma referência à parte as contribuições de Pimenta Bueno, K. von den Steinen e Koch Grünberg. Pimenta Bueno, segundo o Relatório da Directoria Geral dos índios de Cuiabá, em 1848, collocava os Nambikuáras na confluência do Arinos com o Rio do Peixe; avaliava o seu numero em cerca de 600. Pelo mesmo documento, seriam 800 os Tapanhunas. Nelle também se fala de certos Índios Jacarés, das margens do Mamoré. Na Serra do Norte foi achado um grupo — Uaindzú — que alguns pronunciam — kozú do Juruena, essa palavra significa, exactamente Jacaré. Todavia, pode ser que nada tenham de affin. (ROQUETTE-PINTO, 1919, p. 40)

A presença missionária na região foi de bastante relevância para a compreensão da historiografia Nambikwára. As visitas missionárias, especialmente entre os Nambikwára, foi intensificada quando dois protestantes Americanos, Arthur F. Tylee e William R. Henricks, fundaram uma estação missionária próximo a Jurena, no ano de 1925. A missão chegou ao fim, após o reverendo Tylee, sua filha recém-nascida, a enfermeira Mildred Kratz e três brasileiros contratados pela missão terem sido executados pelos índios Waklítisu, embora os motivos que motivaram o ataque sejam desconhecidos (OBERG, 1953). Não obstante, apesar do incidente, outra missão protestante foi fundada na região dos Campos Novos e em Utiarity, alguns anos depois.

Além da missão protestante, missões católicas também foram realizadas junto aos Nambikwáras. Em 1930, os Jesuítas também deram início a uma missão em Juruena, movendo-se, contudo, para a região de Utiarity, época em que ambas as missões evangélicas e jesuítas coexistiram entre os índios¹⁴.

¹⁴ Embora objetivo das duas missões sejam semelhantes, Oberg (1953) alega que, apesar dos termos amigáveis existente entre elas, havia constante tensões entre os missionários católicos e os evangélicos, uma vez que eles estavam disputando pela aliança dos mesmos grupos indígenas.

2.4 OS ANOS DE PRICE E OS TRISTES TRÓPICOS DE LÉVI-STRAUSS

Nesta seção, serão abordados os trabalhos iniciais mais relevantes para a história dos Nambikwára, dos pesquisadores David Price e Claude Lévi-Strauss, uma vez que, para este último “vale apontar rapidamente como esta etnografia Nambikwára [*La vie familiale et sociale des Indiens Nambikwara*] e os Nambikwára ocupam um lugar crucial na carreira de Lévi-Strauss” (REESINK, 2007, p.2).

De acordo com Reesink (2003), a obra de Lévi-Strauss teve enorme influência na concepção acerca de os Nambikwára. No entanto, devido aos “equivocos a que as grandes limitações do seu trabalho de campo o levaram” (REESINK, 2003, p.3), muito do que se é dito acerca dos Nambikwára tem sido ecoado em trabalhos influenciados pela obra de Lévi-Strauss. Dentre as concepções equivocadas comumente difundidas estão o fato de os povos Nambikwára serem nômades sazonais e o fato de em condições normais os Nambikwára não terem aldeias ou horticulturas diversificadas para seu sustento.

Os Nambikwara são, após serem moldados pela história da sociedade envolvente, geralmente pensados como uma unidade quando, na realidade, os povos em questão não aceitam esta classificação mas atribuem o nome ao subconjunto dos Nambikwara do Campo¹⁵ que se assume para o seu exterior como tal. (REESINK, 2003, p. 4)

Reesink (2003) ressalta que os Nambikwára do Campo não foram afetados drasticamente com as expedições de Rondon, vivendo de forma autônoma, uma vez que a Linha se tornou obsoleta, na primeira metade do século XX, entre os anos 1920-1930, época na qual Lévi-Strauss visitou a área.

Ainda segundo o antropólogo holandês, a constante invasão dos territórios Nambikwára trouxe consigo epidemias (como a epidemia de sarampo em 1945), e ambos os fatores resultaram num movimento de desmembramento populacional, promovendo extinção de aldeias, redução do contingente populacional e engatilhando processos de reorganizações internas, os quais também ocorreram com os grupos Nambikwára do Vale do Guaporé, Nambikwára do Norte e Sabanê.

¹⁵ Os Nambikwara do Campo, a quem o autor se refere, são as etnias que integram o subgrupo Nambikwára do Campo, na classificação linguística dada por Telles & Wetzels (2013). Esses compreendem as etnias Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú, grupos estes cujos dados sonoros integram o corpus de análise desta dissertação.

Anos subsequentes às epidemias, a construção da rodovia federal nos anos 1960 (atual BR364) que cortava o Território Indígena dos Nambikwára e sua pavimentação nos anos 1980, sinalizou surgimento de outros problemas na região.

Reesink (2003) alerta também que apesar da grande extensão territorial da Terra Indígena Nambikwára, ela não englobaria todos os territórios do Nambikwára do Campo. Além disso, houve uma tentativa de “relocar todos os segmentos do povo Nambikwara numa única *Reserva*” (REESINK, 2003, p. 4).

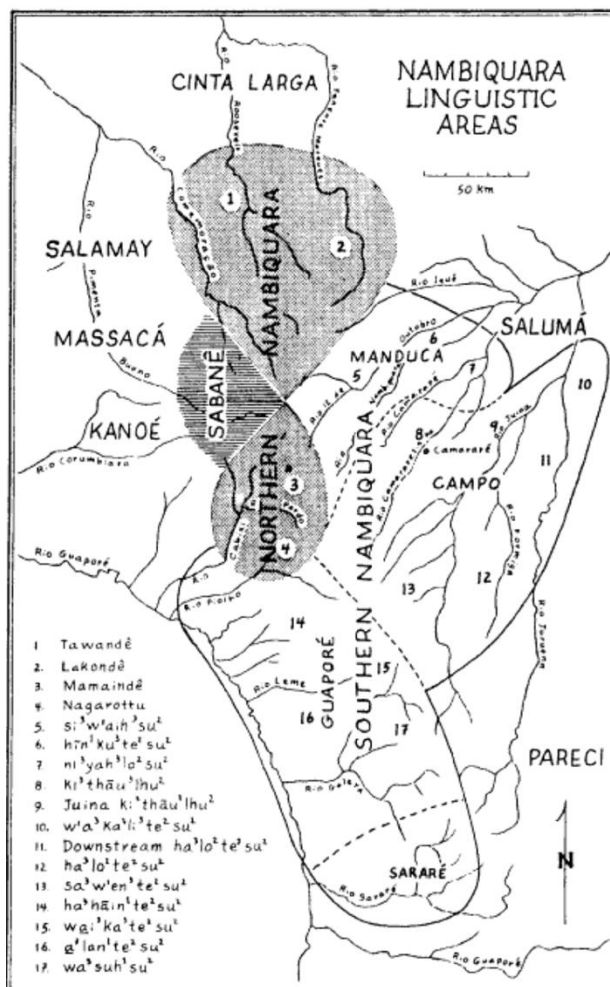
Além da presença de Lévi-Strauss, o antropólogo e etnógrafo David Price figura como uma personagem importante para a história dos Nambikwára¹⁶, sendo seus estudos e trabalhos junto à FUNAI essenciais para a preservação dos povos Nambikwára e para a classificação das línguas da família.

Em seu estudo, Price (1978) revela, ao revisitar estudos conduzidos com línguas da família linguística Nambikwára, e utilizando dados das línguas Kithãulhú, Mamaindê e Sabané, o distanciamento e a proximidade linguística entre elas, propondo a classificação das línguas em três ramos linguísticos distintos.

Nesta proposta de classificação linguística, a qual lança mão de critérios como percentual de cognatos e distanciamento geográfico, agrupa as referidas línguas em três ramos distintos: o Nambikwára do Norte, no caso do Mamaindê; Nambikwára do Sul, para o Kithãulhú e Sabanê, para o grupo com língua homônima. O mapa a seguir apresenta a distribuição geográfica dos grupos que integram os três ramos distintos da Família Nambikwára, separados de acordo com Áreas Linguísticas.

¹⁶ Price e seus agentes indigenistas conseguiram estancar a depopulação e, a partir desse momento, houve uma lenta recuperação demográfica dos grupos indígenas Nambikwara. As ações de Price e os resultados obtidos por seus agentes foram fundamentais para a sobrevivência física de vários, ou até mesmo todos, povos Nambikwara. (REESINK, 2015, p. 125.)

Figura 1: Áreas Linguísticas Nambikwára.



Fonte: Price (1976), modificado pelo autor.

Como pode ser notado no mapa acima, existiam, à época de sua publicação, dezessete grupos indígenas da etnia Nambikwára. Dentre os 17 grupos registrados por Price (1976), dois deles, os Kithãulhú e os Halotesú habitavam duas áreas distintas: os Kithãulhú que habitavam às margens do Rio Camararé (8) e os Kithãulhú residentes próximos ao Rio Juína (9); os Halotesú da descida das águas do Rio Juruena (11) e os Halotesú do Rio Formiga (12).

De acordo com Antunes (2004), Price era familiarizado com o sistema ortográfico proposto pelos missionários em terras indígenas de etnia Nambikwára e as suas transcrições acabaram sendo influenciados pela familiaridade com a linguagem escrita, especialmente no que tange à língua Sabanê. Apesar de estas línguas pertencerem a uma mesma família linguística, tendo em vista o percentual de cognatos, elas são ininteligíveis entre si (ARAÚJO, 2004).

Como realizado por Antunes (2004) com o Sabanê, durante a pesquisa de campo, tentei coletar os dados referentes às listas de palavras apresentadas por Price (1978) com dados de

fala dos Kithãlhú. Os resultados serão apresentados no quadro abaixo (Tabela 2), contendo o total de 73 itens lexicais.

Para as transcrições, apresentamos glosas, seguidas por dados apresentados por Price (1978) e outros coletados por mim. Nas transcrições minhas, fiz uso do Alfabeto Fonético Internacional. A numeração aqui apresentada dos itens segue a proposta feita por Price (1978), a qual apresenta também as glosas de acordo com a ordem alfabética.¹⁷ O sinal ‘?’ indica que o dado não está presente no material analisado.

Tabela 2: Lista comparativa de dados coletados dos Kithãlhú por Price (1978) e pelo autor em 2017.

Número	Glosa	Price (1978)	2017
2.	agora	hi ¹ n	hinã
3a.	água	(ø)a ³ hũ ³ l	ahũnjau-su
3b.	água	yau ³ ([˘])	ĩjau-su
5.	andar	‘ai ³	ai
6.	anta	hv ³ lũ:(l)	alũn-su
10.	arco	huk ³ k [˘]	huki-su
11.	asa	n’e(kk [˘]) ³	anenki-su
14.	barriga ¹⁸	t’ih ²	tih-su
17.	animal, bicho	?	kajuh-su
18.	boca	y’o ²	ajo-su
19.	bom	(wi ¹ ĩ ³ l)	wil-
20.	braço	n’ũk ³	nũnki-su
21.	branco	hãn ³	hãn-
25.	cabeça	n(e)k ³ k [˘]	nenki-su
27.	cachorro	wai ³ yv ³ l [˘]	waiali-su
30.	campo ¹⁹	wã ³ l	halo-su
31.	cantar	hain ³	hain-nala
32.	capim	sit ³	sit-su
35.	casa	s’ih ⁽²⁾	sih-su
36.	casca	kv ³ lo	akalo-su
38.	cesto	hv ³ ti ²	hati-su
39.	céu	‘oh ³	ohnãu-su
42.	chifre	na ^{˘3} (t’au ³)	netau-su
45.	cobra	t’ih ^{˘3}	tih-su
50.	coração	yãk ¹ k [˘]	kusaki-su
55.	criança	wẽ ³ t-s	wen-su
58.	dente	w’i ⁽²⁾	wi-su

¹⁷ Os números nas transcrições de Price (1978) indicam tom, vogais laringais são sublinhadas, e o apóstrofe (‘) indica a oclusiva glotal surda.

¹⁸ Abdomen

¹⁹ Glosado em inglês pelo autor como *savannah*, provavelmente se refere ao bioma cerrado, invés de campo (em inglês *meadow, field*).

Número	Glosa	Price (1978)	2017
59.	dia	lan ² ti ³	alan-su
60.	dois	ha ¹ a ³ lin ¹	hali
61.	dormir	(hãu ^{3,3} i ²)	hãui-
62a.	ele	(tyah ³)	tjahla
67.	estrela	hi: ³ ka ² t'ah ³	hikatah-su
68a.	eu	t'ai ⁽²⁾ l	tainã
68b.	meu	t'a ²	ta-
69.	faca	y ^u l	juh-lu
73.	flecha	haut ³ t'	hauti-su
74.	flor	yãut ³	jãun-su
75.	fogo	?	hane-su
81.	gente	a ² nũ ²	anũn-su
83.	grande	kãin ²	kãi
96.	língua	h ^e l'	joheh-lu
97.	liso	wv ³ su: ³	hati-nala
98.	lombriga	yũ ³ yũ(n) ³	jũnjũn-kisu
99.	longe	u ² l	ul
100.	lua	i ³ lv ³	ihlaki-su
101.	macaco	hot-s ³	hot-su
103.	mandioca	wv ³ lin ³	walin-su
104.	mão	h'ik ²	hiki-su
109.	mata	sv ³ w'en ³	sa?wen-su
112.	morder	ĩ: ³	ĩn-
115.	mulher	t'(u)h ⁽¹⁾	tuh-su
121.	olhar	ĩ: ²	ĩn-
123.	onça	yv ³ na ¹ l	janah-lu
126.	osso	suh ³	asu-su
127.	ovo	nau ³	nãu-su
128a.	pai	wãi ¹ (ø)	awinã
128b.	pai	wã ¹ n	wĩnu-su
129.	pássaro	ai ³ k'	aiki-su
159.	rio	?	kawan-lu
164.	secas	qẽn ³ kon ³	kwenko-nala
166.	semente	ki ³	ki-
168.	sol	ut ³ tje ³ nv ² ki ³	utjenaki-su
171.	ter medo	(y)uh ³ l'	juhli-
174.	trabalhar	wv ³ k'on ³	wakon-
176.	um	kv ³ na ³ kv ³ nat ³	kanaki
178.	urucum	t'uh ³	tuh-
181.	vento	'it ³ t'	i?ti-
182.	verde	sv ³ t'e ³ sv ³ t'en ³	satesatẽn-
183.	vermelho	hen ³	hehen-
187a.	você	w'ãi ² n	wainã
187b.	teu	w'ã ²	wa-
189.	vomitar	luh ³	aluh-sa-na-wa

Fonte: elaborada pelo autor com dados de Price (1978).

Como pode ser observado nos dados presentes na Tabela 2 acima, muitas das formas apresentadas por Price (1978), especialmente no que diz respeito às raízes das palavras, se aproximam das formas coletadas presentemente pelo autor deste trabalho em 2017. No entanto, a presença da oclusiva glotal representada por Price (1978) com um apóstrofo (‘) é um pouco diferente nas interpretações fonológicas oriundas dos dados coletados recentemente.

Como poderá ser observado em nossas análises, alguns fatos importantes para a língua, como é caso das vogais nasais, divergem um pouco de Price (1978). Contudo, uma importante restrição fonotática da língua referente à vogal média-alta arredondada posterior /o/ que jamais é nasalada, mesmo com a presença de coda nasal, já podia ser notada nos dados de Price (1978) nos itens 164 e 174 na tabela acima e é também confirmada em nossas análises.

Além das listas de palavras de Price (1978), encontramos outras listas disponíveis²⁰. Nos vocabulários encontrados, há a presença de várias formas espúrias de itens lexicais, reproduzidas por pesquisadores sem treinamento formal em linguística, os quais incluíam também nas transcrições apresentadas em seus trabalhos acadêmicos, transcrições com impressões fonéticas muito próximas de suas próprias línguas, como lembra Price (1978).

2.5 AS ORIGENS DOS POVOS NAMBIKWÁRA

Pouco se sabe sobre a origem dos povos indígenas no Brasil. Registros históricos e achados arqueológicos são muitas vezes escassos e de difícil acesso. O trabalho interdisciplinar entre arqueólogos, historiadores, linguistas e profissionais de outras áreas tem contribuído para compreender a origem, desenvolvimento e os movimentos de dispersão e povoamento dos territórios das Américas.

No caso dos índios Nambikwára, o cenário não é diferente. Além das fontes citadas nesta seção, pouco ainda foi dito sobre sua origem histórica. Apesar de os grupos que integram a família de línguas Nambikwára terem seus territórios reconhecidos entre os estados de RO e MT, Lévi-Strauss (1948), no artigo intitulado “*Sur certaines similarités structurales des*

²⁰ As listas de palavras em Nambikwara publicadas, de acordo com Price (1978) são: 1) Albuquerque (1910, p.145-14); 2) Anônimo (1942); 3) Boglár (1960, p. 89- 11); 4) Campos (1936, p. 55-58); 5) Lévi-Strauss (1948a, p.187-191); 6) Oberg (1953, p. 124-126); 7) Rondon (1947, p. 52-53); 8) Rondon e Faria (1948, p. 91- 113); 9) Roquette-Pinto (1913, p. 386) e (1935, p. 344-349); 10) Schmidt (1928, p. 102); 11) Souza (1920, p. 406-410). No entanto, apesar dessa diversidade de 12 listas distintas escritas por 11 pesquisadores diferente, como lembra Price (1978), as listas são atribuídas a grupos cujas denominações são bastante imprecisas ou confusas, sendo, portanto, uma tarefa árdua ou quase impossível verificar quais destes grupos correspondem aos grupos Nambikwára existentes presentemente.

langues Chibcha et Nambikwara. Actes du XXVIII Congrès International des Américanistes”²¹ sugere que os Nambikwára se originaram do Norte da América do Sul.

No artigo, o autor demonstra certas semelhanças estruturais entre a língua Chibcha²² e uma variante Nambikwára. Além da aparente semelhança linguística postulada por Lévi-Strauss, o autor também utiliza de outros critérios como a semelhança física destes povos distintos para fundamentar a sua hipótese.

Apesar da postulação de Lévi-Strauss (1948), linguistas (PRICE, 1978; RODRIGUES, 1986; TELLES, 2002) consideram a Família Nambikwára como uma família linguística isolada, o que vai de encontro à hipótese do antropólogo francês, ao menos com base nos critérios linguísticos. Esta informação corroboraria assim, para o fato de as origens do povo Nambikwára ainda continuarem nebulosas para a comunidade científica.

No entanto, em povos, dentre os quais os Nambikwára, cuja perpetuação de suas histórias e tradições dependem da memória através de contos, mitos e histórias oriundas e perpetuadas através da tradição oral, é possível contar com as narrativas e seus lembradores para nos auxiliar a entender suas raízes históricas e possíveis desdobramentos decorrentes destas.

Em nossa pesquisa de campo, foi nos contada o mito de origem Nambikwára, o qual também oferece uma possível justificativa para o distanciamento e variação linguística entre línguas da família Nambikwára, corroborando também com critérios de classificações linguísticas apresentados para a família.

Narrada em português e em Nambikwára por dois lembradores distintos, para o presente trabalho, nos deteremos à versão contada por nosso contador de histórias Clério Wakalitesú. A história é bastante semelhante à história anteriormente registrada pelo Pe. Adalberto Holanda Pereira na segunda metade do século XX, no volume sobre mitos e lendas dos Nambikwára (cf. O Pensamento Mítico Nambikuara, 1970):

Antes de os Nambikwára aparecerem, existiam apenas animais na mata: pássaros, plantas e outros seres que podiam mudar de forma. Nessa época, bem antigamente, os índios Nambikwára moravam numa pedra, dentro da montanha sagrada, que fica perto de Campos Novos. Um dia, o macaco escutou barulho saindo da pedra. Todos os animais, a onça, o macaco, a anta, todo mundo queria saber o que era aquele barulho dentro da pedra. Então todos os animais tentaram abrir a pedra, a onça, o macaco, o jabuti, todo

²¹ Acerca de certas similaridades estruturais das línguas Chibcha e Nambikwara.

²² A língua Chibcha é uma língua extinta falada no território da atual Colômbia, falada pelo povo Muisca, uma das mais “avançadas” civilizações pré-colombianas. Este povo habitou a região alta central chamada Altiplano Cundiboyacense e foi extinta aproximadamente no fim do século XVIII (ADELAAR & MUYSKEN, 2004).

mundo, mas ninguém conseguiu. Então veio um beija-flor, daquele grande preto e branco, e voou bem alto e depois enfiou o bico feito uma lança dentro da pedra e ela quebrou. Os Nambikwára saíram tudinho da pedra.

Após índios Nambikwára terem saído da pedra, eles se arranjaram em grupos distintos, os quais passaram a habitar regiões diferentes após a dispersão original. Apesar de o mito não explicar diretamente o porquê da diversidade linguística presente na família Nambikwára, o distanciamento geográfico decorrente da decisão de grupos distintos originários da mesma rocha pode corroborar com o pressuposto de distanciamento geográfico como critério para distanciamento linguístico das línguas da família. Pode-se especular também, a partir deste mito, que todas as etnias de grupos Nambikwára eram falantes de uma mesma língua (o Proto-Nambikwára) enquanto conviviam num mesmo espaço comum dentro da pedra original e que, com o passar do tempo, tendo em vista o distanciamento geográfico, a língua original foi modificada em línguas distintas que compõem o conjunto atual de línguas da família.

Pereira (1974), em sua coletânea de mitos dos Nambikwára, apresenta um mito referente à diversidade de línguas. Este é transcrito a seguir:

Dois moços fizeram facas. Tiraram leite de mangava, aprontaram algumas flechas e chamaram uma velha para ir caçar.

Encontraram uma perdiz e uma seriema. Perguntaram para a velha:

-Essa perdiz aqui, como é que canta?

- Assim: aluterali... aluterali...

- E essa seriema ali?

- Talá... talá...

- Como que você chama a perdiz?

- Yalay.yalay.ralatia.

- E a seriema?

-Yalay.ralaya.

Outro dia, os moços foram caçar e trouxeram uma ema e um veado. Perguntaram para a velha:

- Você sabe como ronca a ema?

-Ela ronca assim: hũ...hũ...hũ...

- E o veado como faz?

- Bem assim: pōk... pōk... pōk...

- E como você chama a ema?

- Wayxhewayheri.yalay.ralattia.

- E o veado?

- wayxhewayxheri.yalay.ratia.

Assim como essa velha fala diferente, assim Nambikwára, Branco, Iránxe, Paresí falam também diferente. (PEREIRA, 1974, p. 28-29)

O mito acima não nos foi contado em nossa pesquisa de campo, apesar de realizarmos tentativas para eliciá-lo. Decidimos inclui-lo por ele poder integrar a seção destinada à história dos Nambikwára deste trabalho e pelo fato de, apesar de ele não explicar a origem das línguas dos Nambikwára, ele pode expor justificativas para a diversidade de línguas na região.

2.6 TERRITÓRIOS INDÍGENAS

De acordo com a Fundação Nacional de Apoio ao Índio (FUNAI)²³, Terra Indígena (TI) trata-se de porções territoriais pertencentes à União, cujos espaços geográficos necessários para reprodução cultural e física de populações indígenas e são habitados e utilizados por estes, de acordo com suas tradições, atividades e costumes.

Os direitos de ocupação de suas terras tradicionais são imprescritíveis, garantidos pelos termos da Constituição Federal de 1988, cuja demarcação é reconhecida a partir de requisitos técnicos e legais, os quais concedem posse sob princípios de natureza originária e coletiva, mas que não se equipara ao conceito de propriedade privada civilista.

Presentemente, as Terras Indígenas constituem um conjunto de 462 Terras Indígenas regularizadas, as quais dão suporte a aproximadamente 300 povos indígenas do território brasileiro e cujas demarcações tiveram início na década de 1980, através de iniciativas da (FUNAI), por meio de políticas de integração nacional e consolidação da fronteira econômica do Norte e Noroeste do país (BRASIL, FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO)²⁴.

A seguir, trataremos das distintas Terras Indígenas de Grupos Nambikwára, sua história e acerca da demarcação da Terra Indígena Nambikwara, lar dos grupos Nambikwára cuja língua analisaremos no capítulo seguinte.

²³ Fonte: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas?limitstart=0#>, acessado em 22 de setembro de 2017.

²⁴ Fonte: <http://www.funai.gov.br/index.php/nossas-acoes/demarcacao-de-terras-indigenas?limitstart=0#>, acessado em 22 de setembro de 2017.

2.7 TERRAS INDÍGENAS DE GRUPOS NAMBIKWÁRA

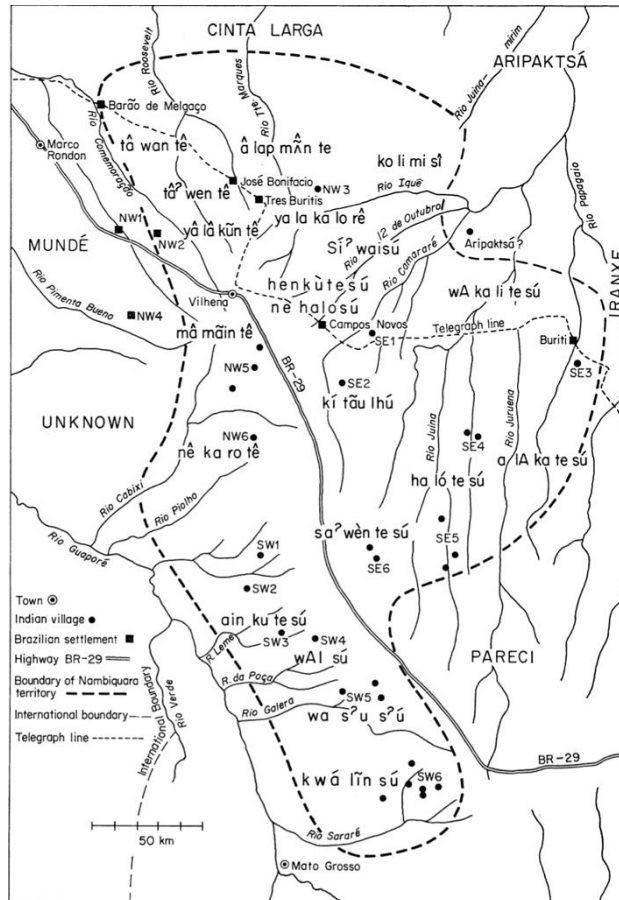
No estudo conduzido por Price & Cook (1969) sobre a situação dos Nambikwára à época, os autores reproduzem um mapa no qual é possível observar o território dos povos Nambikwára. Como pode ser observado no mapa abaixo (Figura 2), os territórios Nambikwára estão localizados mais ao norte no estado de Rondônia, em Vilhena e no estado do Mato Grosso, mais ao Sul.

Próximo a Vilhena estão, ao sul a etnia Mãmãintê; a leste, as etnias Henkùtesú e Nehalosú, próximo a Campos Novos; ao norte estão os grupos Tâwantê, Tâwentê, Yâlâkũntê e Yalakalorê.

Os grupos Nambikwára observados no mapa que possivelmente abrangeriam os falantes dos letos do Ramo Nambikwára do Sul são: Aíwaisú (às margens do rio 12 de Outubro), Ainkutesú, Waisú, Was[?]us[?]ú, Kwálĩnsú (entre os Rios Guaporé e Sararé); Henkùtesú e Nehalosú (entre o Rio 12 de Outubro e o Rio Camararé, nas região dos Campos Novos); Wakalitesú, Kithãulhú, Sa[?]wentesú (nas proximidade da BR-29), Halótesú (próximo ao Rio Juína) e Alakatesú (às margens do Rio Juruena).

As linhas tracejadas indicam a demarcação dos territórios de grupos Nambikwára. Confira:

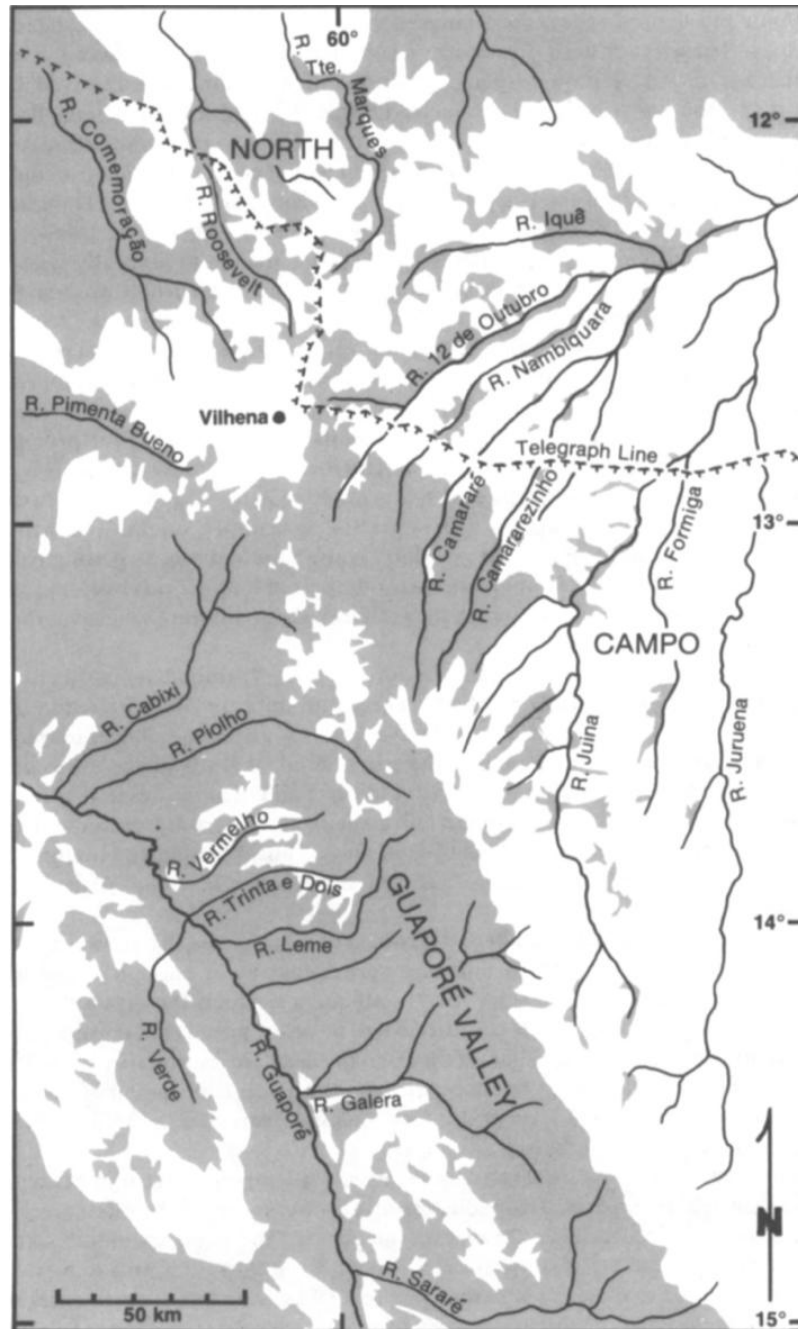
Figura 2: Territórios de Grupos Nambikwára.



Fonte: Price & Cook (1969)

Quase duas décadas subsequentes à publicação do mapa proposto por Price & Cook (1969), Price (1987) apresenta a distribuição sociopolítica de grupos Nambikwára em três grandes regiões: Norte (North), Campo e Vale do Guaporé (Guaporé Valley):

Figura 3: Distribuição Sociopolítica Nambikwára.



Fonte: Price (1987).

A proposta de Price (1987) indica que o grupo social do Norte está completamente presente no estado de Rondônia, ao passo que os grupos Vale do Guaporé e Campo estão situados no estado do Mato Grosso.

Presentemente, 11 é o número total de Terras Indígenas que são habitadas pelos grupos Nambikwára. A relação entre dados das Terras Indígenas, suas respectivas extensões

territoriais, as etnias que as habitam e o ramo linguístico aos quais elas pertencem são dadas na tabela a seguir:

Tabela 3: Terras Indígenas de grupos da Família Linguística Nambikwára.

Terra Indígena	Extensão Territorial	Etnias	Ramo Linguístico
Terra Indígena Nambikwara	10.119 km ²	Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú, Wakalitesú	Nambikwára do Sul
Terra Indígena Sararé	674km ²	Sararé	Nambikwára do Sul
Terra Indígena Vale do Guaporé	2425 km ²	Mamaindê, Negarotê	Nambikwára do Norte
Terra Indígena Lagoa dos Brincos	16km ²	Mamaindê, Negarotê ²⁵	Nambikwára do Norte
Terra Indígena Aikanã/ Tubarão-Latundê	1160km ²	Latundê, Aikanã ²⁶	Nambikwára do Norte
Terra Indígena Pirineus de Souza	282km ²	Sabanê, Tawandê	Nambikwára do Norte, Sabanê
Terra Indígena Tirecatunga	1305km ²	Halotesú	Nambikwára do Sul
Terra Indígena Pequizal	988km ²	Wakalitesú, Alantesú	Nambikwára do Sul
Terra Indígena Taihãtesu	536km ²	Wasusu	Nambikwára do Sul
Terra Indígena Paukalirajausu ²⁷	60km ²	Wairatesu ²⁸	Nambikwára do Sul

Fonte: adaptado de Eberhard (2009), com base em FUNAI

Como pode ser notado, das 11 terras indígenas ocupadas por grupos indígenas Nambikwára, seis são territórios habitados pelos grupos Nambikwára do Sul. A seguir,

²⁵ De acordo com Eberhard (2009), a área é utilizada pelos grupos Mamaindê e Negarotê para a coleta de madreperolas.

¹⁴ Os Aikanã são um grupo indígena que habitam o estado de Rondônia. Sua língua homônima ainda é considerada um isolado linguístico (MOORE, 2005).

²⁷ Como indica o despacho FUNAI nº 49 de 27/09/2010. Disponível em: http://www.normasbrasil.com.br/norma/despacho-49-2010_72883.html, acessado em 01 de janeiro de 2018.

²⁸ Segundo o Despacho FUNAI nº 49 de 27/09/2010, as TIs Paukalirajausu e Sararé são habitadas também por subgrupos denominados Katitãulhu, constituídos por remanescentes Qwalitsu, Kaluhwaisu, Waihlatu e Katitãulhu. A população indígena nestas Terras Indígenas era, em 2007, de 121 indígenas.

trataremos da história e da demarcação da Terra Indígena Nambikwára, lar dos grupos Nambikwára do Sul cuja língua analisaremos no próximo capítulo.

2.8 TERRA INDÍGENA NAMBIKWARA

A Terra Indígena Nambikwara é o lar território que abriga muitos grupos indígenas falantes das línguas Nambikwára, dentre os quais os grupos Halotesú, kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú, grupos estes cuja língua é o objeto de estudo do presente estudo e local onde realizamos a primeira etapa de nossa pesquisa de campo.

A T.I. Nambikwára está localizada plenamente no estado do Mato Grosso, região Centro-Oeste do Brasil, e está sob jurisdição do Município de Comodoro, localizado na microrregião de Parecis, uma das microrregiões do estado pertencente à mesorregião Norte Mato-Grossense. A figura 4 apresenta a localização da Terra Indígena Nambikwara.

Figura 4: Terra Indígena Nambikwara.



Fonte: Instituto Sócio Ambiental (2017) e Terras Indígenas do Brasil, adaptado pelo autor.

O processo de demarcação dos territórios da Terra Indígena Nambikwára teve início no ano de 1968, através do Decreto Nº 63.368²⁹ de 8 de outubro de 1968.

De acordo com o Diário Oficial da União - Seção 1 - 16/10/1968, Página 9065, no Art. 1º b):

²⁹ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-63368-8-outubro-1968-404774-publicacaooriginal-1-pe.html>, acessado em 13 de julho de 2017.

ficam reservadas aos Nambikwára “a área limitada ao Norte, pelos rios Camararé e Juruena, paralelo 12°15'; ao Sul, pela BR-29 (364)³⁰, desde a ponte sobre o rio Juina, até à cabeceira do rio Camararé, que será ligado à BR-29 por uma linha seca; a Leste margem esquerda do rio Juina, desde a ponte sobre a BR-29 (364), até a confluência do rio Juruena e, seguindo por este, até a confluência com o rio Camararé; a Oeste, com a margem direita do rio Camararé, desde a linha que ligará a BR-29 (364) até à confluência do rio Juruena; (BRASIL, Diário Oficial da União - Seção 1 - 16/10/1968. p. 9065)

Pouco mais de cinco anos depois do início do processo de demarcação de terras, em 28 de novembro de 1973, como está presente no Art. 1º do DECRETO Nº 73.221³¹, houve uma alteração no processo de demarcação dos limites da então chamada Reserva Nambikwára:

Ficam alterados os limites da Reserva Indígena Nambikwara, criada pelo Decreto nº 63.368, de 8 de outubro de 1968, a qual passa a ter a seguinte delimitação: Norte - Partindo de um ponto situado na margem direita da Rodovia Cuiabá-Porto Velho (BR-364), determinado pelas coordenadas: 12°59'00" S e 59°56'04" W, segue por uma linha reta e seca até a cabeceira principal do Rio 12 de Outubro, num ponto de coordenadas: 12°49' 15" S e 59°47'28" W. Daí desce este Rio até sua confluência do Rio Juruena; Este - Desta confluência sobe o Rio Juruena até a confluência no Rio Juiná. Daí sobe o Rio Juiná até a confluência do seu braço esquerdo num ponto de coordenadas: 13°44'23" S e 59°26'00" W. Deste ponto sobe este braço esquerdo até atingir a BR-364 no ponto de coordenadas: 13°51'10" S e 59°32'20" W; Oeste - Deste ponto segue pela margem direita da Rodovia Cuiabá-Porto Velho (BR-364) até atingir o ponto de coordenadas: 12°59'00" S e 59°56'04" W, ponto de partida. (BRASIL, 1973, Art. 1º do DECRETO Nº 73.221³²)

A homologação da demarcação da então chamada Área Indígena Nambikwara se deu finalmente através do Decreto de DECRETO Nº 98.814³³, DE 10 DE JANEIRO DE 1990, vinte e dois anos depois do início do processo.

A Terra Indígena Nambikwara é coberta por dois biomas distintos: bioma amazônico (correspondente a 13,69% do território total da T.I. e o cerrado, o qual engloba 86,31% da região, de acordo com os dados apresentados no site Terras Indígenas do Brasil.

³⁰ O número em parênteses indicado na citação, refere-se à numeração atual da rodovia federal em questão. Esta numeração já está indicada na versão consultada disponível no endereço eletrônico supracitado.

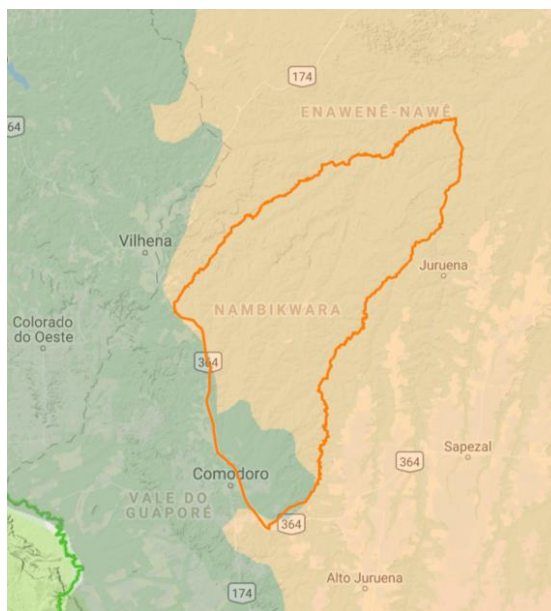
³¹ Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=97737&norma=121935>, acessado em 13 de julho de 2017.

³² Disponível em: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=97737&norma=121935>, acessado em 13 de julho de 2017.

³³ Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1990/decreto-98814-10-janeiro-1990-325355-publicacaooriginal-1-pe.html>, acessado em 13 de julho de 2017.

A extensão territorial da T.I. é de 1012000 hectares, totalizando 46,61% da área do município de Comodoro, na qual está localizada. A delimitação da T.I. de acordo com os biomas encontrados nela pode ser observada no Figura 5, a seguir:

Figura 5: Biomas presentes Na Terra Indígena Nambikwára.



Fonte: Instituto Sócio Ambiental (2017) e Terras Indígenas do Brasil, adaptado pelo autor.

Embora a extensão territorial da T.I. Nambikwara pareça muito ampla, como aponta Reensink (2003), é provável que os territórios originais de grupos Nambikwara tenham sido muito maiores em dimensão. Segundo Price (1987):

The area inhabited by speakers of the Nambiquara languages [...] is of the order of 50,000 square kilometers. Their population at thistime may have been 5,000 or 6,000. After a long decline which reduced them to fewer than 600, their numbers are now beginning to increase. The centre of the Nambiquara region is an arm of the Chapada dos Parecis that points north-northwest. [...]To the west, a series of streams that rise along the escarpment flow directly to the Rio Guapore. To the north, the plateau ends among the sources of the Rio Roosevelt and the Ji-Parana (see fig. i)³⁴. (PRICE, 1987, p.4)³⁵

³⁴ Em nosso trabalho, confira a Figura 2.

³⁵ A área habitada por falantes de línguas Nambiquara [...] é da ordem de 50.000 km². Sua população a esta época pode ter sido de 5.000 ou 6.000. Após um declínio que reduziu a população a menos de 600 pessoas, seu número está presentemente começando a aumentar. O centro da Região Nambiquara é um braço da Chapada dos Parecis virada para o norte-noroeste. [...] A Oeste, uma série de cursos de água nascem diretamente ao longo do fluxo de escarpa para o Rio Guaporé. Ao Norte, o planalto se limita com as nascentes do Rio Roosevelt e Ji-Paraná (PRICE, 1987, p.4)

Apesar de serem mais numerosos e estarem distribuídos em mais terras indígenas que os outros grupos do Norte e o Sabanê (como foi demonstrada na Tabela 3), os grupos Nambikwára do Sul ainda são poucos estudados. Especialmente no que diz respeito aos letos que integram os grupos distintos, pouco se sabe sobre as fronteiras que os separam ou os aproximam linguisticamente, dentre os quais estão os povos Nambikwára do Campo, os quais habitam predominantemente a T.I. Nambikwára, grupos estes que descreveremos a seguir.

2.9 OS POVOS NAMBIKWÁRA DO CAMPO

Os povos Nambikwára do Grupo do Campo, um grupo constituído por quatro etnias distintas que integram o Ramo Linguístico Nambikwára do Sul, compreendem as etnias Halotesú (*halo-* campo e *-tesu*, indicador de “povo”), Kithãulhú³⁶ (*kithãu-*, marmelo, *-lhú* gente), Wakalitesú (*wakali-* jacaré e *-tesú*, povo) e Sawentesú (*sawen-*, mata e *-tesú*, povo), todas estas encontradas plenamente no estado de Mato Grosso, em territórios indígenas na região do cerrado, os quais já foram apresentados na Tabela 3.

Os registros acadêmicos acerca da história e línguas desses povos são escassos. Dentre os principais problemas referentes ao registro étnico, histórico e linguístico dos grupos Nambikwára e de muitos outros povos indígenas brasileiros estão 1) a dificuldade de ter acesso a documentos publicados acerca das etnias; 2) a constante confusão referente aos nomes distintos atribuídos ao mesmo grupo.

Em comunidades autóctones, cujas denominações muitas vezes são oriundas de equívocos por parte da sociedade “branca”, é árdua a tarefa de traçar os caminhos de suas histórias. Devido à esta problemática referente à nomeação ocidental dada aos índios através da história e o modo como os próprios índios se autodenominam, utilizaremos as classificações dos povos de acordo com a literatura linguística, baseando-nos também na memória das tradições orais indígenas e em estudos etnográficos realizados, quando possível.

Dentre as quatro etnias mencionadas que integram o Grupo Nambikwára do Campo, o Kithãulhú é comumente mais citado pela literatura linguística, seguidos pelos Halotesú (também autodenominados de Nambikwaras) e os Wakalitesú. Os Sawentesú, de acordo com a nossa pesquisa, foram mencionados pela primeira vez por Boglár (1961), em sua etnografia

³⁶ Antes de serem conhecidos por Kithãulhú, esse povo era conhecido por *waisu*, ‘o povo do grito’, de acordo com Carlos Kithãulhú (2017, comunicação pessoal).

Nambikwára, escrita em húngaro e intitulada *Nyugat-braziliai nambikuara-indiánok néprajza*³⁷.

Um dos primeiros pesquisadores a trabalhar com os Nambikwára do Sul foi Kalervo Oberg. Em seu trabalho intitulado *Indian Tribes of Northern Mato Grosso Brazil*³⁸ de 1953. Em sua pesquisa etnográfica, Oberg teve acesso ao grupo Wاكلítisu³⁹. O primeiro contato com este grupo realizado pelo autor se deu na época em que ele, junto ao missionário Rev. L. W. Buckman, quem esteve na região desde 1941, se preparavam para ingressar a jornada em busca dos grupos Nambikwára, quando 18 indivíduos Wاكلítisu⁴⁰ vieram até a vila em Utiarity para procurar ajuda junto à missão jesuíta para tratar um índio que havia adquirido sífilis.

Em sua etnografia, embora exista a constante menção o termo Nambikuara, “as all of the following information, unless otherwise specified, relates to the Wاكلítisu band⁴¹” (OBERG, 1953, p. 84):

Compared with their neighbors, the Paressí and Iranxe, the Nambicuara are taller, darker, and longer-headed. It is very easy, for instance, even at a distance, to distinguish Nambicuara children from Paressí children when they are bathing in the river. In contrast to the light brown of the Paressí skin the Nambicuara skin appears to have an element of black that gives it a dark-gray undertone. Many individuals have a certain amount of wave in their hair, although the waviness may be accentuated by the unkempt matted condition of the hair. [...] The eyes of the Nambicuara are very dark brown, almost black in some individuals, and have a brightness which contrasts sharply with the rather dull eye of the Paressí. The only other Indians that I have met with this brightness of the eye are the Caduveo. This brilliance of the eyes does not appear to be correlated with health, for even the sick have it among both peoples. (OBERG, 1953, p.85)⁴²

³⁷ *Etnografia dos índios Nambikuara do oeste do Brasil.*

³⁸ Tribos Indígenas do Norte de Mato Grosso, Brasil.

³⁹ Como o nome sugere, os Wاكلítisu podem ser os atuais Wakalitesú, um dos grupos falantes da língua objeto de estudo deste trabalho. Oberg (1953, p. 96), descreve que os Wاكلítisu são o ‘povo do jacaré’, já que há muitos jacarés na região onde eles habitam. Uma vez que o etnônimo Wakalitesú também significa ‘povo jacaré’, pode ser que ambas as formas façam referência ao mesmo grupo Nambikwára.

⁴⁰ Para Oberg (1953), os Wاكلítisu era um dos quatro grupos que integravam os Grupo Nambikwára Oriental (Eastern Nambikuara). Outro grupo Nambikuara que o autor menciona é os Iranxe, quem não falavam português e cuja língua os missionários ainda não haviam aprendido.

⁴¹ Todas as informações seguintes, exceto quando especificado, dizem respeito ao grupo Wاكلítisu.

⁴² Comparados a seus vizinhos, os Paressí e Iranxe, os Nambicuara são mais altos, de pele mais escura e com cabeça mais longa. É muito fácil, por exemplo, até mesmo a distância, distinguir as crianças Nambicuara das crianças Paressí, quando elas estão se banhando no rio. Em contraste com a pele morena clara dos Paressí, a pele dos Nambicuara aparenta ter um elemento negro que a concede um tom suave cinza escuro. Muitos indivíduos tem uma certa quantidade de ondulações em seus cabelos, embora elas podem ser acentuadas pela condição emaranhada despenteada dos fios. [...] Os olhos dos Nambicuara são castanhos escuros, quase negro em alguns indivíduos, e tem o brilho que contrasta nitidamente com a opacidade dos olhos dos Paressí. Os únicos outros índios que conheci com este brilho nos olhos são os Caduveo. O brilho dos olhos não parece estar correlacionado

Em sua obra, Oberg contabilizou os Wاكلítisu em 18 indivíduos apenas, sendo Julio⁴³ o líder deste grupo. A população teria sido dizimada 5 anos anteriormente à chegada do pesquisador (aproximadamente no final da primeira metade do século XX, 1948), devido a uma epidemia de sarampo, reduzindo o número de indivíduos deste grupo aproximadamente pela metade.

Para o autor, dentre todas as tribos visitadas, os Wاكلítisu eram a mais miserável, com homens doentes e feridos, ao passo que as mulheres e as crianças aparentavam estar sempre saudáveis. Eles costumam ficar sem roupas, utilizando-as somente roupas a pedido dos missionários. Seus hábitos incluíam dormir no chão⁴⁴ e, quando a noite estava fria, colher as cinzas das brasas e utiliza-las junto ao corpo para aquecê-lo. Não costumavam tomar banho com frequência e por esse motivo, estavam sempre cobertos por poeira e possuíam um temperamento forte⁴⁵, bastante diferente dos outros grupos indígenas com os quais trabalhou. Os Wاكلítisu aparentemente possuíam pouco domínio da língua portuguesa, falando, de acordo com o autor um “pidgin português”, se tornando difícil de entender o que se é dito.

A população Nambikwára como um todo, de acordo com os relatos de Oberg, ocupavam a região leste do Rio Papagaio; a região do Rio Roosevelt e Pimenta Bueno à oeste; margens dos Rios Jurena e Kabishí ao sul; e ao norte, margeados pela latitude 12°30' no Rio Papagaio e pela latitude 11° no Rio Roosevelt, porém acredita-se que eles se encontravam muito mais ao norte dessas delimitações.⁴⁶

à saúde, pois até mesmos os enfermos de ambos os povos os têm. (OBERG, 1953, p.85, tradução nossa).

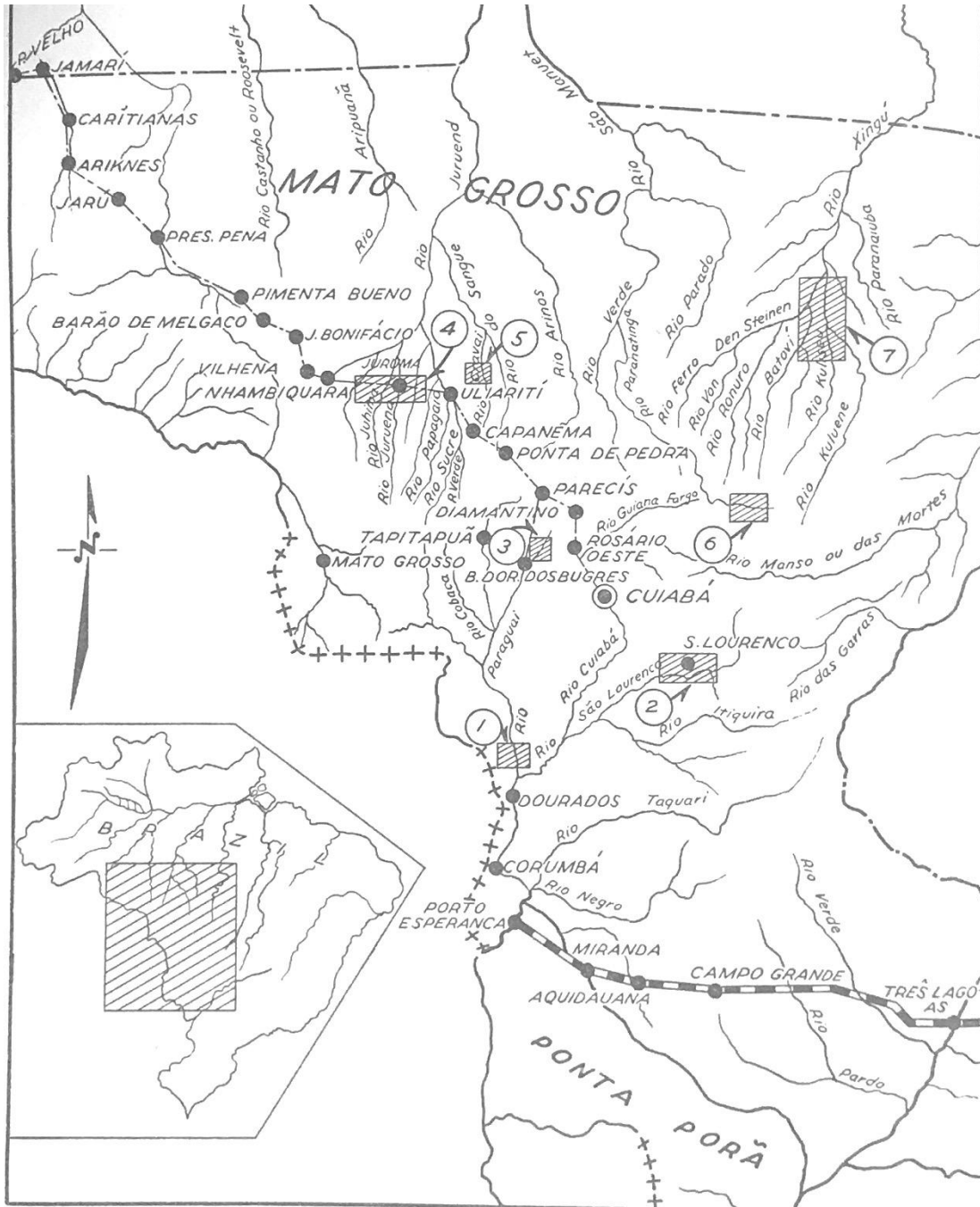
⁴³ Segundo Oberg (1953), Julio era um homem de meia idade, que provavelmente conseguiu a posição de liderança por ser o homem mais forte e mais habilidoso. Ele possuía três esposas, sendo uma delas da etnia Elótasu. Junto com a filha desta esposa que também era Elótasu, todos os outros do grupo são Wاكلítisu. Ainda de acordo com o autor “Julio took the Elatósu woman from the Elatósu band by killing her hasbund. He claims he did this because the Elastósu chief stole one of his wives some years ago. He claims he is going to steal another wife, for every chief is supposed to have four. Only three other men, Martin, Marciano and Joaquim, are married, each one having one wife. The remaining four are either widoers or as yet unmarried.” (OBERG, 1953, p.84)

⁴⁴ Os Parecís denominam os Nambikwára como “aqueles que dormem no chão” (OBERG, 1953, p. 85)

⁴⁵ De acordo com o autor, uma das maneiras de expor desgosto é segurar o pênis e bate-lo agressivamente contra a virilha, com um ar de “aqui para você”. O autor ainda sugere que certas reações hostis por parte desse grupo se deram pelo fato de eles atribuírem ao “homem branco” as epidemias que dizimaram a população.

⁴⁶ O território ao sul e ao leste do território dos Nambikwára era ocupado pelos Parecís, ao passo que ao norte, os territórios pertenceriam aos seus inimigos Salundê ou Salãosú, quem o autor (OBERG, 1953 considera ser os Apiões, também conhecidos por beijos de pau.

Figura 6: Populações Indígenas do estado de Mato Grosso segundo Oberg (1953)



Fonte: Oberg (1953), adaptada pelo autor.

No mapa acima, Oberg (1953) apresenta um resumo da distribuição e localização geográfica dos povos indígenas da região mato-grossense, considerando trabalhos de campo que foram entre eles realizados. Os números indicam os seguintes grupos indígenas: 1) Guató; 2) Bororo; 3) Umotina; 4) Nambicuará; 5) Iranxe; 6) Bacairí; 7) Tribos do Alto do Xingú. Os Nambikwára estão localizados entre os Rios Juruena e papagaio, ao norte de Mato-Grosso

próximo à Vilhena. Os Nambicuara Orientais ocupam a planície alta entre Utiarity e Vilhena, a 442m e 665m, respectivamente, de altitude.

Além das contribuições acerca da economia, cultura, território, agricultura, manufatura, organização social, ciclo de vida, puberdade, casamento e crenças religiosas, o trabalho de Oberg conta ainda com um pequeno trecho acerca das línguas Nambikwára, incluindo sua própria classificação, a qual será discutida na seção 1.12, neste trabalho.

Ademais, o pesquisador lança luz também sobre questões importantes referentes às nomeações de grupos Nambikwára distintos. A partir das informações fornecidas pelo autor sobre designações distintas para os mesmos grupos, foi possível construir a seguinte tabela, relacionando os termos encontrados na literatura:

Tabela 4: Denominações distintas para mesmos grupos Nambikwára

Grupos Nambikwára	Oberg (1953)	População Local ⁴⁷	Roquette-Pinto (1919)
Waklítisu Elótasu Kitánhlu ⁴⁸	Nambicuara Oriental	Iritoa	Kokozú (parcialmente) ⁴⁹
Chiwáisu ⁵⁰ Hégndisu ⁵¹	Nambicuara Oriental	Manduca	Anunzé

Fonte: Oberg (1953), adaptada pelo autor.

Como pode ser notado após a leitura da tabela, o grupo Elótasu, por exemplo, também é denominado Iritoa pelos locais, e é uma das etnias que integram o grupo Kokozú de acordo com a denominação de Roquette-Pinto (1919).

Com base nessas informações, munidos também com outras fontes, como Boglár (1960), é possível associar grupos distintos deste passado, alguns aparentemente extintos ou desconhecidos, com grupos que ainda sobrevivem, como é o caso dos Halotesú, Kithãlhú, Sawetensú e Wakalitesú, cuja língua estudamos neste trabalho.

A constante divergência com relação aos nomes dos grupos é provavelmente originária das reorganizações internas decorrentes do contato com a sociedade ocidental, o

⁴⁷ Com população local, nos referimos aos não-índios habitantes da região.

⁴⁸ São os Kithãulhú, de acordo com a descrição de Oberg (1953, p. 96).

⁴⁹ O grupo Kozozú é constituído por grupos étnicos distintos, nos quais estão incluídos também os Waklítisu Elótasu e Kitánhlu.

⁵⁰ Segundo Oberg (1953, p. 96), os Chiwáisu são o povo abelha, uma vez que *waisu*, de acordo com o autor, significa abelha. Provavelmente os atuais Siwaisú.

⁵¹ Povo do buriti (fruto do buritizeiro) (OBERG, 1953, p.96).

qual acabou provocando mudanças na organização desses grupos. Além das reorganizações internas decorrentes do contato, é possível também atribuir a essas mudanças questões culturais e econômicas.

Fifty years ago, the Nambicuara were far more numerous than they are today, and no doubt the number of bands was also greater than today. The extension of the name of an important band to lesser bands is thus quite conceivable. The economy of the Nambicuara appears to indicate that there are maximum and minimum limits to the size of the band. If it grows too large for a given area to support, it will break up, or if it becomes so small that is economic security and marital possibilities are endangered it will unite with some other band. (OBERG, 1953. P. 86)⁵²

A população dos grupos Nambikwára, de acordo com relatos dos missionários a Oberg, era bastante reduzida. O autor menciona que não só a epidemia de sarampo, como doenças como gripe e a constante contração de vírus da sífilis, como pôde ser observado em alguns índios do sexo masculino à época e seu “estilo de vida”, são fatores relevantes para creditar ao baixo número de indivíduos.

Oberg (1953), à época de seu estudo sugere, que aparentemente, os grupos que integravam o Nambicuara Oriental (Chiwáisu, Elótasu, Kitánhlu e Wاكلítisu) estavam padecendo drasticamente. Presentemente, no entanto, como poderá ser observado nos dados recentes acerca do contingente populacional Nambikwára, a prospecção é mais positiva. Diferente do que o autor mencionou, há justamente o fenômeno inverso.

O censo dos Nambikwára Orientais é sistematizado a seguir, com base nos dados fornecidos por Oberg (1953):

Tabela 5: Censo da População Nambikwára de acordo com Oberg (1953)

Nambicuara Oriental		Nambicuara Ocidental	
Grupo	População	Grupo	População
Chiwáisu	50	Wáindisu, Tãodisú e	500 ⁵³

⁵² Há cinquenta anos, os Nambicuara eram bem mais numerosos do que são hoje, e não há sombra de dúvida de que o número de grupos Nambicuara eram também mais numerosos no passado. A extensão do nome de um grupo importante para grupos menores é, portanto, bem concebível. A economia dos Nambicuara parece indicar que há limites máximos e mínimos para o contingente dos grupos. Caso um grupo cresça exacerbadamente para uma dada área suportar, ele será fragmentado ou caso se torne pequeno demais de modo que a segurança econômica e as possibilidades maritais sejam ameaçadas, este grupo se unirá a outro. (OBERG, 1953. P. 86, tradução nossa).

⁵³ Apesar de o número ser bastante alto comparado aos números de outros grupos que integram o Nambicuara Oriental, os dados referentes aos Nambicuara Ocidentais podem não condizer com a realidade, como bem

		Suéndisu	
Elótasu	17		
Kitánhlu	45		
Waklítisu	18		

Fonte: Oberg (1953), adaptada pelo autor.

Através da leitura dos dados do censo da população Nambikwára apresentada por Oberg (1953), pode-se perceber que o número total de indivíduos Nambikwára seria de aproximadamente 630, sendo 500 deles integrantes do Grupo Nambicuara Ocidental, número este bastante diferente da estimativa populacional fornecida por autores como Roquette-Pinto (1919).

Outra questão bastante relevante presente no trabalho de Oberg (1953) diz respeito às línguas Nambikwára, mais especificamente ao Nambikwára do Sul. Embora, do ponto de vista político cada grupo seja autônomo, uma vez que não possuem unidade política regida por um único chefe, o que muitas vezes pode resultar em conflitos e tensões de interesse, do ponto de vista étnico, histórico e linguístico, eles se consideram um único povo (OBERG, 1953, p. 96).

Essa questão referente ao pertencimento e à origem dos grupos distintos é apoiada por suas raízes mitológicas oriundas de seu mito de criação, o qual pode ser lido na seção 1.5. que lida com as origens mitológicas dos povos Nambikwára. Como o depoimento de Julio Waklítisu dado a Oberg (1953, p. 96): “we can speak with one another and we came from the same hole in the stone mountain”.⁵⁴

2.9.1 Resumo Etnográfico Nambikwára por Boglár

No ano de 1958, o antropólogo húngaro Boglár, a convite de instituições científicas como o Museu Etnográfico de São Paulo, veio ao Brasil para estudar os povos indígenas do país. Inicialmente, o interesse do pesquisador era de estudar os grupos indígenas que habitam a região central do território brasileiro, no entanto, como o próprio autor relata (1961), as autoridades de proteção aos povos indígenas na época não concederam a ele permissão para assim fazê-lo.

lembra o autor (OBERG, 1953, p. 86). É possível que o número seja inferior à metade deste valor fornecido.

⁵⁴ Podemos falar uns com uns outros e viemos do mesmo buraco da pedra da montanha. (OBERG, 1953, p. 96, tradução nossa).

Nesta época, o então diretor do museu etnográfico de São Paulo, o Professor Hebert Baldus foi encarregado de realizar visitas ao grupo indígena Nambikuara, grupo este que vivia no estado do Mato Grosso⁵⁵. Até então, a imagem deste povo para a comunidade científica era de que eles eram, de acordo com a visão transmitida ao próprio Boglár pelo Professor Baldus, como um grupo de estilo de vida nômade, o qual utilizava materiais bastantes simples com marcada tristeza social⁵⁶.

Durante a coleta, tentei observar quase todos os aspectos de sua vida e fiz filmes, fotografias e fonogramas, além de notas. Gostaria de enfatizar que a completa avaliação do meu material coletado ainda não foi realizada, e, portanto, a meu ver, minha posição pode não mudar durante o processamento. O motivo para isso, não é somente a escassez de tempo para assim fazê-lo, como também o fato de como os Nambikuara são em alguns aspectos da vida social e religiosa, como hei de verificar posteriormente. Ademais, podem ser atribuídas às dificuldades de coleta, dentre outras coisas, o fato de que não basta apenas ter alguns meses de coexistência, visto que o contato constante por no mínimo um ano com a tribo se faz necessário para se obter um panorama completo de seu modo de vida e cultura. (BOGLÁR, 1961, p. 30, tradução nossa)⁵⁷

O trabalho de Boglár junto aos Nambikwára traz também informações referentes ao contingente populacional e à localização geográfica destes povos, ao citar que “Seiscentos moram na confluência dos rios Peixe e Arinos. Eles caçam, pescam, se alimentam de frutos, usam ferramentas feitas de pedra e de madeira. Estão em constantes batalhas com seus vizinhos, especialmente com a tribo Apiaká” (BOGLÁR, 1961, p. 30, tradução nossa).⁵⁸

⁵⁵ Vale salientar que, como sugerido por Reesink (2003) e os mapas fornecidos por Price (1987) e Price & Cook (1969), o território Nambikwára, o território Nambikwára no estado do Mato Grosso na época em que os primeiros estudos acerca destes povos foram conduzidos é diferente do território em que eles habitam atualmente.

⁵⁶ Embora não haja citação direta ao trabalho de Lévi-Strauss (1948) nesse trecho, supõe-se que este pensamento seja oriundo das reflexões do antropólogo francês. Evidência para este pensamento pode ser encontrada por questões temporais, uma vez que o trabalho de Boglár é realizado posteriormente à publicação de *Tristes Trópicos* de Lévi-Strauss, bem como pelo reconhecimento do autor à obra como o melhor trabalho etnográfico realizado com os Nambikwára até aquele momento. A forte influência da obra de Lévi-Strauss está comumente perpetuada nas publicações posteriores acerca dos povos Nambikwára.

⁵⁷ A gyűjtés során igyekeztem megfigyelni életük szinte valamennyi tevékenységét, és jegyzeteken kívül filmet, fénykép- és hangfelvételt is készítettem. Hangsúlyozni kívánom, hogy a gyűjtött anyagom teljes kiértékelése még nem történt meg, és így nem egy vonatkozásban álláspontom a feldolgozás során módosulhat. Ennek oka nem csupán az, hogy a feldolgozásra még nem jutott kellő idő, hanem az a tény is, hogy a nambikuara társadalmi élet és a vallás bizonyos vonatkozásaiban — utólag így látom — hézagok az ismereteim. Ezen a gyűjtési nehézségek mellett többek között annak is tulajdonítható, hogy nem elegendő néhány hónapnyi együttélés, legalább egy évig tartó állandó kontaktus szükséges a törzssel, hogy életmódjáról, kultúrájáról teljes képet kapjunk. (BOGLÁR, 1961, p. 30).

⁵⁸ „Hatszázan élnek a Peixe és Arinos folyók összefolyásánál. Vadásznak, halásznak, erdei gyümölcsöket esznek, fa- és kőszközöket használnak. Állandó harcban állnak szomszédaikkal, elsősorban az Apiaká-törzssel.” (BOGLÁR, 1961, p. 30).

De acordo com autor, estes eram os únicos detalhes sobre este grupo de índios, até o início do século XX com das expedições de Rondón e a visita dos pesquisadores Lévi-Strauss (1939) e Oberg (1947). Boglár (1969) cita que os Nambikuara viviam no norte do Estado do Mato Grosso, à oeste de Brasília, nas proximidades dos rios tributários Jurema e Roosevelt, nas latitudes 11°-14 ° e 59 ° - 61 ° de longitude.

Como observados pela linguística atual, Boglár (1960) já citava que a língua falada pelos Nambikwára era independente das outras línguas indígenas da região, não havendo parentesco com nenhuma delas, mas que era possível estabelecer diferenças entre múltiplos dialetos.

Neste ponto de vista, o autor menciona a divisão da língua Nambikwára em cinco grupos, a saber: Grupo do Norte, Grupo do Sul, Grupo Oriental, Grupo Ocidental e Grupo Central, porém “é possível distinguir mais dialetos” (BOGLÁR, 1961, p. 31, tradução nossa)⁵⁹.

Além dos Elótasu⁶⁰, outros grupos também contatados durante a visita do pesquisador compreendem os grupos Sawédnsu (provavelmente o grupo Sawentesú) e os Waklítisu (os mesmos visitados por Oberg, e que já apresentamos evidências serem os atuais Wakalitesú).

Estes três grupos se espalhavam ao longo do Rio Papagaio, o qual percorria uma área de aproximadamente 150km de extensão. Em 1907, o número total de Nambikuaras estimado pelas expedições de Rondón era de 20000, número hoje que não pode ser superior a 1500, ao passo que os Nambikuaras orientais são 150. Tive contato com 28 índios Nambikuara, os quais formavam três tribos cada uma com um líder específico! (BOGLÁR, 1961, p. 31, tradução nossa)⁶¹

⁵⁹ “viszont e nyelven belül jól meg lehet különböztetni több dialektust.” (BOGLÁR, 1960, p. 31).

⁶⁰ Durante nossa pesquisa, trabalhamos com a hipótese de que os Elatosu mencionados por Boglár (1960) e Oberg (1953) são na verdade os Halotesú, com quem trabalhamos, ao supormos que a denominação dada pelos autores poderia ser uma corruptela para designar este grupo e também ao levar em consideração informações etnográficas, especialmente referente à sua localização geográfica. Na etnografia de Boglár, há uma referência que lança mais luz para o fato de que este grupo realmente se trata dos Halotesú. De acordo com Boglár (1960), os Elatosu seriam o „*mezei emberek*”. Em húngaro, a palavra *emberek* é formada pela raiz *ember* (povo) acrescida de o sufixo adjetival *-ek*, enquanto que *mezei* é uma forma dativa formada por *mező* (campo) e o sufixo possessivo *-i*, significando, portanto, “o povo do campo”, ou os Halotesú.

⁶¹ E három csoport a Papagaio-folyó mentén húzott kb. 150 km széles sávon kóborolva él. Az össz-nambikuarák lélekszámát 1907-ben a Rondon expedíció 20.000 főre becsülte, ezek ma nem lehetnek többen 1500-nál, a keleti nambikuarák pedig 150-nél. Összesen 28 nambikuara-indiánnal voltam kapcsolatban, de azok is három törzscsoportot alkottak, külön főnökkel! (BOGLÁR, 1961, p. 31).

O grupo oriental, de acordo com o autor, é subdividido em cinco tribos, e o grupo Elotesu foi um dos grupos presentes em sua chegada, às margens da cachoeira em Utiarity (MT)

Em seu estudo, Boglár (1961) faz referência à cultura e movimento dos povos Nambikwara de acordo com os movimentos dos ciclos naturais da região. Segundo o autor, apesar de os índios viverem às margens de rios, a região do cerrado pode se tornar um ambiente desolador, escasso em comida, pobre em terras para cultivo e com biodiversidade relativamente pobre quando comparado a outras regiões brasileiras, sendo o cerrado bastante inóspito e a natureza daquele local não bastava para garantir o sustento dos povos que ali habitavam.

Os índios Nambikuara tendem a vagar para caçar, mas são afetados pelas estações como segue: o ano é dividido em dois períodos principais, o período de chuva e o período de estiagem. Durante a estação chuvosa, eles permanecem próximos a rios por um período de tempo mais longo, ao passo que no começo da estação seca, eles abandonam temporariamente suas aldeias e se dividem em diferentes grupos a vagar. (BÓGLAR, 1961, p. 32, tradução nossa)⁶²

A natureza predominantemente coletora dos Nambikuara é dividida em tarefas de acordo com o sexo. Às mulheres e as crianças cabem a coleta de plantas, frutos, raízes, insetos e pequenos roedores, ao passo que cabe ao homem caçar, porém sempre acompanhado pela mulher a carregar uma sexta. Boglár (1961) retoma a observação já descrita por Oberg (1953) de que apesar de os Nambikuara não terem o hábito de possuir grupos de caça, a carne resultante da caça é geralmente compartilhada com toda a comunidade.

Como mencionado, os grupos orientais e ocidentais são subdivididos em oito grupos. Cada um com seu líder específico. Tive contato com três destes grupos e todos os três concordaram em reconhecer um líder central além de seu próprio líder. O seu sucessor é apontado pelo próprio líder existente. [...]. Os poderes da liderança e seus papéis não são grandes: ele designa a caça, as famílias, moradias, é o chefe organizador de cerimônias e

⁶² A nambikuara-indiánok többnyire kóborló, zsákmányoló életformát folytatnak, de azt az évszakok a következőképpen befolyásolják: a gazdasági év két fő korszakra oszlik: az esős és a száraz évszakra. Az esős évszak során folyók közelében hosszabb időre megtelepsznek, kis földműves kerteket létesítenek, és ilyenkor a zsákmányolásnak kisebb szerep jut, míg a száraz évszak elején, elhagyván ideiglenes falvaikat, különböző kóborló csoportokra oszlanak (BOGLÁR, 1961, p. 32).

o melhor conhecedor das tradições.⁶³ (BOGLÁR, 1961, p. 38-39, tradução nossa).

Boglár descreve que a cultura material dos Nambikuara estava na época em processo de aculturação. Este processo abrangente na cultura material é decorrente do constante contato com os homens “de colarinho branco” (BOGLÁR, 1961, p. 37), o qual possui um forte impacto que por sua vez influencia algumas mudanças, como é o caso do uso de armas de fogo e cães para caçar invés de arcos e flechas.

2.10 POPULAÇÃO DOS POVOS FALANTES DE LETOS DO RAMO NAMBIKWÁRA DO SUL

De acordo com os dados populacionais do Ministério da Saúde, Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI, 2013) e departamento de Gestão da Saúde Indígena, na jurisdição de Vilhena/ RO⁶⁴, a população Nambikwára do Sul é de:

Tabela 6: Aldeias Nambikwára do Sul (apenas grupos do Cerrado) e número de habitantes.

Aldeia	Número de habitantes
Algodão	6
Manduca	30
Camararê Central	34
Camararê Davi	22
Camararê João Maxixe (Barracão Queimado)	54
Camararê Eládio	20
Camararê Nova Mutum	16
Kithaulhú	84

⁶³ Mint már említettem, a nyugati és keleti nambikuarák nyolc csoportra oszlanak. Minden csoportnak külön főnöke van. A csoportok közül hárommal voltam érintkezésben, és mindhárom megegyezett abban, hogy saját főnökükön kívül elismernek egy központi főnököt. [...] Utódját a meglevő törzsfőnök jelöli ki [...]. A főnök hatásköre és szerepe nem nagy: ő jelöli ki a vadászni induló családokat, a kunyhóépítőket, ő a szertartások fő szervezője és a tradíciók legjobb ismerője. (BOGLÁR, 1961, p. 38-39)

⁶⁴ Apesar de as populações Nambikwára estarem majoritariamente presente em seus territórios indígenas no estado de Mato Grosso, como demonstrado nos dados apresentados pela SESAI (2013), o atendimento da saúde indígena é oferecido em Vilhena, no estado vizinho de Rondônia. Durante a nossa estada para os primeiros contatos referentes à coleta de dados para a pesquisa de campo no município de Comodoro, em março de 2017, as lideranças indígenas Nambikwára se reuniram com autoridades do governo e da FUNAI na tentativa de trazer ao estado de Mato Grosso um posto de saúde indígena que pudesse atender à comunidade, tendo em vista seu contingente populacional e as dificuldades envolvidas no deslocamento interestadual.

Aldeia	Número de habitantes
Manairisú Thahaintesu	51
Manairisú-Cabeceira	56
Manairisú-Trevo A	51
Manairisú-Trevo B	18
Manairisú-Cabeceira	56
Manairisú-Central	0
Nambikwara 13 De Maio	44
Nambikwara Aldeia Branca	26
Nambikwara Auxiliadora	19
Nambikwara Cabeceira	37
Nambikwara Central	28
Nambikwara Serra Azul	17
Sowaintê	51
População Total	720

Fonte: Secretaria de Saúde indígena (SESAI, 2013)

Com base nos dados referentes às etnias Nambikwára (SESAI, 2013), a população estimada total é de 2332 indígenas, incluindo os falantes das línguas dos ramos Nambikwára do Norte e Nambikwára do Sul e os remanescentes Sabanê, abrangendo terras indígenas nos estados do Mato Grosso e Rondônia.

Os falantes dos letos Nambikwára do Sul integram, com base nos dados do SESAÍ (2013), um total de 987 indivíduos (720 destes, como indicados na tabela acima, dos grupos do Cerrado, os quais incluem os grupos Manduca e Campo). Da população Nambikwára, a mais numerosa, ainda de acordo com os dados são as etnias residentes no estado de Mato Grosso, cujos grupos integram predominantemente o Ramo Nambikwára do Sul.

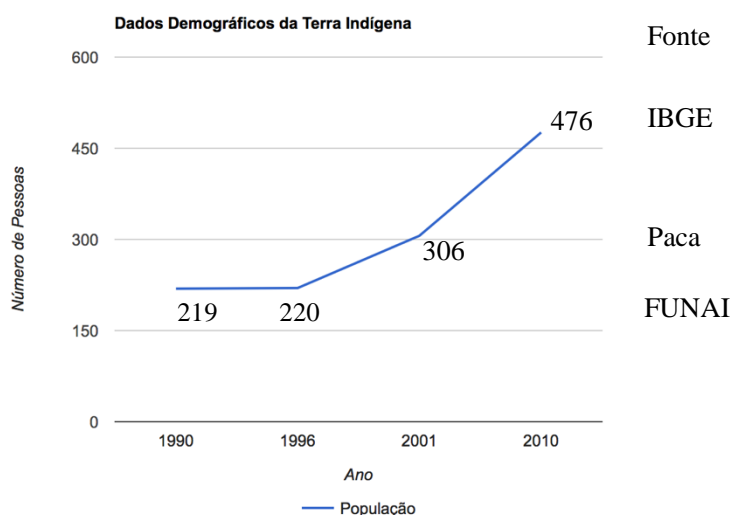
A T.I. Nambikwára comporta majoritariamente os grupos linguísticos Nambikwára do Campo e Manduca⁶⁵, considerando a proposta de Telles (2002). Dados mais recentes do IBGE⁶⁶ (2010) que a população total aproximada da região é de 476 indivíduos.

⁶⁵ Além dos índios dos grupos Manduca e Campo, tivemos conhecimento da presença de uma índia Latundê e índios Mamaindê, ambos falantes de línguas Nambikwára do Norte.

⁶⁶ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

O gráfico seguinte abaixo, é um resumo dos dados demográficos da Terra Indígena Nambikwara num espaço temporal de duas décadas, entre os anos de 1990 e 2010, coletados pelos órgãos FUNAI, IBGE e Paca⁶⁷.

Gráfico 1: Dados demográficos da T.I. Nambikwára.



Fonte: Instituto Sócio Ambiental (2017) e Terras Indígenas do Brasil, adaptado pelo autor.

Os dados presentes no gráfico apontam para um crescimento populacional superior ao dobro do contingente populacional na T.I. Nambikwára contabilizado no ano de 1990.

2.11 PRESENTE SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS ÍNDIOS NAMBIKWÁRA DO CERRADO, GRUPOS DO CAMPO

Presentemente, a situação dos índios Nambikwára que habitam a região do Cerrado, em especial ao grupo do Campo Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú, é um pouco diferente do cenário encontrado por Lévi-Strauss (1948). Muitos dos índios possuem acesso a celulares e a motocicletas, as quais são utilizadas para irem às áreas mais urbanizadas e para transitar mais rapidamente entre as aldeias Nambikwára da Região, as quais nem sempre são tão próximas.

No entanto, apesar do forte contato com a sociedade ocidental e o “mundo da cidade”, a natureza ativa dos Nambikwára do Campo os fazem preservar as suas manifestações

⁶⁷ Proteção Ambiental Cocalense (Paca) é uma Organização não-governamental rondoniense.

culturais, muitas das quais são consideradas características destes povos, como o fato de dormirem no chão.

Apesar da intenção de preservar suas tradições, existem algumas considerações que precisam ser mencionadas neste trabalho, no que diz respeito à língua. A população Nambikwara do grupo do Campo é majoritariamente bilíngue, com nível de proficiência em português bastante alto, especialmente para as gerações mais jovens. No caso dos mais velhos, a fluência em português pode ser diferente das gerações mais jovens, com proficiência mais limitada.

Cotidianamente durante nosso tempo na aldeia, foi possível notar que a língua materna indígena era constantemente utilizada pelas crianças e permeava as relações sociais, desempenhando um papel social bastante significativo do povo.

Muitos dos índios são alfabetizados⁶⁸, tendo acesso à educação indígena bilíngue em sua língua materna e em português. Na Terra Indígena Nambikwara, há uma escola. Embora não tenha sido possível realizarmos uma visita à escola, fotos tiradas por um dos professores Nambikwára participantes da pesquisa, quem também atua na Secretaria de Educação Indígena do município de Comodoro, revela uma situação bastante preocupante.

A estrutura física das salas de aula da escola é bastante precária, com móveis quebrados e muitas vezes existe uma certa tensão criada devido a restrições culturais com relação ao calendário escolar a ser seguido pelos professores indígenas, o qual é baseado no mundo de fora da aldeia, uma vez que precisa ser cumprido e não leva em consideração aspectos culturais como o luto por morte de parentes da comunidade e outras manifestações culturais como a Festa da Menina Moça e a Flauta Mágica.

Durante nossa estada no município de Comodoro, foi possível presenciar dois momentos bastante importantes que demonstram a luta do povo Nambikwara por melhorias em sua qualidade de vida.

Presentemente, as escolas indígenas na Região oferecem apenas o ensino fundamental completo para os índios. Para estudar em nível do ensino médio, é necessário se deslocar das

⁶⁸ Existe uma cartilha de ensino que é utilizada para o ensino da língua Nambikwára, preparada por Kroeker, B. (2003). Esta cartilha faz uso de um sistema de escrita alfanumérico bastante complexo e um tanto confuso. Durante a estada na aldeia, um dos pedidos feitos pelos indígenas era a revisão desta gramática, uma vez que muita coisa divergia da realidade deles. Um dos grandes problemas referentes a esta cartilha recai também no fato de o casal de missionários Kroeker B. e Kroeker M. considerarem os letos Nambikwára do Sul como uma única língua, a língua Nambikwára e aparentemente não levarem em consideração a variação e marcas linguística que existe nesse complexo linguístico.

aldeias para cidades vizinhas, fato este que, como relatado, acaba influenciando na desistência dos estudos.

O cenário atual do país, no qual há o constante estímulo à educação continuada além do ensino médio, trouxe aos Nambikwara um desejo de fazer com que pessoas de sua própria população possam ter acesso ao ensino superior “para poder ajudar seu próprio povo”. “Nossos parentes todos ao redor têm tudo médico, advogado, mas nenhum do povo Nambikwara é formado ainda”, como relata um dos participantes de nosso estudo.

Outra tensão criada sobre o uso da língua é a constante mudança dos povos que habitam o Cerrado, como os grupos do Campo, para regiões mais próximas à cidade para facilitar o acesso dos residentes das aldeias aos serviços oferecidos na cidade. Ademais, existe uma constante procura dos índios por trabalhos em posições públicas no âmbito do município, especialmente os concursos destinados a posições de ensino e promoção da cultura indígena.

Este último fato vem exigindo cada vez mais o aperfeiçoamento das habilidades escolares dos índios, especialmente no que diz respeito ao uso da língua portuguesa, o que pode, em certa medida, influenciar negativamente no letramento em suas respectivas línguas vernáculas, bem como na transmissão de suas tradições linguísticas para as gerações subsequentes.

Outro fator relevante referente à manutenção linguística é a sua transmissão para as gerações mais jovens. Embora a língua Nambikwára desempenhe uma marcada função social nas relações interpessoais na aldeia, foram relatados que as crianças dos grupos Sawentesú e Wakalitesú têm demonstrado mais interesse em aprender a língua falada na cidade, muitos destes sendo apenas falantes latentes⁶⁹ de suas línguas ancestrais.

2.12 A FAMÍLIA LINGUÍSTICA NAMBIKWÁRA

Nesta seção, serão apresentadas discussões acerca das diversas propostas de classificação realizadas para a Família Nambikwára. Serão incluídas as múltiplas denominações com relação ao número de línguas/ dialetos que integram esta família de línguas, bem como dados apresentados por estudos mais recentes da Família Nambikwára.

⁶⁹ Entende-se por falantes latentes (BASHAM & FATHMAN, 2008), muitas vezes chamados de falante passivo, bilíngue passivo ou bilíngue receptivo, indivíduos que revelam exposição nativa a uma ou mais línguas, sendo, portanto, capaz de compreendê-las, porém, revelando pouco ou nenhum domínio ativo dessas línguas. Este tipo de bilinguismo é geralmente decorrente de inserção cultural do indivíduo em ambientes nos quais uma língua é falada nativamente, mas esse acabou não se tornando um falante efetivo da língua em questão. É um cenário bastante comum com falantes de línguas minoritárias ou ameaçadas de extinção devido à forte influência de uma língua majoritária e hegemônica.

A família linguística Nambikwára, cujas etnias têm seus territórios tradicionais localizados nas regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil, entre os estados de Mato Grosso (delimitado entre o Rio Papagaio a leste e o Rio Guaporé a oeste) à noroeste e a sudeste de Rondônia, sul da Amazônia brasileira (AIKHENVALD, 2012), plenamente em território brasileiro. Este conjunto de línguas é considerada um isolado linguístico (TELLES, 2013), e engloba um complexo de aproximadamente 24 línguas/letos.

A classificação das línguas integrantes desta família variou bastante por toda história de contato com os índios Nambikwára. Desde os primeiros contatos com índios que supostamente seriam os índios Nambikwára, no final do século XIX e início do século XX, as línguas da família Nambikwára têm sido alvo de constantes classificações e rearranjos, realizados por pesquisadores distintos cujos critérios de classificação variam tanto quanto os próprios rearranjos de grupos indígenas de etnias desta família.

Inicialmente, a partir de critérios geográfico, Roquette-Pinto (1919) divide as línguas Nambikwára em quatro grupos. No Grupo I, representado pelo ponto colateral Sudeste, estaria o povo Kokozi; o Grupo II, a Sudoeste, era composto pelos Uaintacu e Kabixi; a Nordeste, o povo Anunzé integraria o Grupo III; finalmente, a Noroeste, o Grupo IV, constituído pelos Tagnami, Tautê, Saluma e Taschuité. Esta organização pode ser observada na tabela seguinte:

Tabela 7: Primeira classificação das línguas Nambikwára segundo Roquette-Pinto (1919).

Grupo I Sudeste	Grupo II Sudoeste	Grupo III Nordeste	Grupo IV Noroeste
Kokozi	Kabixi Uaintacu	Anunzé	Saluma Tagnami Tautê Taruté Taschuité

Fonte: Roquette-Pinto (1919), adaptada pelo autor.

Subsequentemente à classificação proposta por Roquette-Pinto (1919)⁷⁰, Lévi-Strauss (1948) realizou a segunda classificação para as línguas da família⁷¹. Utilizando critérios

⁷⁰ Além da Proposta de Roquette-Pinto (1919), Rondon e Faria (1948) apresentaram também uma proposta para a classificação das línguas Nambikwára. Sem informar seus critérios para a classificação, os autores apresentam apenas três colunas com arranjos de línguas, as quais apresentariam três possibilidades para checagem futura.

diferentes dos utilizados por Roquette-Pinto, o antropólogo francês agrupou em conjuntos três grupos distintos⁷², diferente de seu antecessor que utilizou quatro grupos. Estes quatro grupos poderiam ser ramificados, a depender do nível de proximidade linguística como aspectos semânticos e morfológicos.

Tabela 8: Família Nambikwára de acordo com Lévi-Strauss (1948).

Grupo I		Grupo II		Grupo III
A	B	A	B	Sabáne
Oakléto Halótesu Kiaáru Kuritsu	Soálesu Kodáteli Munúkoti	Nikedétosu Tarúnde Maimãnde	Toãnde Iólola Nasélate Lakõnde Sováinte Naváite Taiate	

Fonte: Lévi-Strauss (1948), adaptado pelo autor.

A classificação linguística proposta por Lévi-Strauss, traz consigo pistas para a classificação atual da Família Nambikwára que é mais aceita na Linguística. Embora não seja inicialmente possível identificar se os grupos estudados pelo antropólogo ainda são remanescentes, a subdivisão das línguas da família sob um viés trifurcado, sendo um destes ramos mais afastado linguisticamente e sem divisão interna, o Sabáne, é um grande avanço para a delimitação do parentesco linguístico entre línguas da família.

Alguns anos subsequentes à publicação da classificação de Lévi-Strauss, Oberg (1953) propõe outra classificação linguística. Estudando os grupos indígenas da região mais ao norte de Mato Grosso (os letos Nambikwára do Sul), o pesquisador arranjou os grupos de “dialetos” em dois conjuntos distintos, o Nambicuara Ocidental e o Nambicuara Oriental, como indicamos na tabela abaixo.

Tabela 9: Classificação Linguística dos grupos linguísticos Nambikwára de acordo com Oberg (1953).

Nambicuara Oriental	Nambicuara Ocidental
Elotesú	Wáindisu

⁷¹ Lévi-Strauss (1948) inicia sua classificação de comunidades de fala Nambikwára lançando mão de critérios como distribuição geográfica baseada num único sufixo verbal.

⁷² O terceiro grupo de línguas é constituído apenas pelo Sabanê, uma língua sem divisão interna. A introdução da língua Sabanê à família Nambikwára foi bastante debatida. Lévi-Strauss (1948) questiona se ela realmente pertencera à Família e, como Price (1976), pesquisadores como Manson (1959, apud CAMPBELL, 2012) atribuíam ao sabanê elementos de línguas da família Arawak. Loukotka (1968, apud CAMPBELL, 2012) classificou como Nambikwára, mas com base em apenas cinco palavras.

Wاكلítsú Kitánhlu Chiwáisu (com os Hégnndisu)	Tãodisú Suédndisu
--	----------------------

Fonte: Oberg (1948), adaptado pelo autor.

Embora não seja possível tecer afirmações categóricas acerca desta classificação, podemos especular sobre estes dois arranjos. Separados por questões geográficas, é possível que os grupos de letos aqui apresentados por Oberg (1953) sejam exclusivamente de grupos considerados Nambikwára do Sul por pesquisadores como Telles (2002) e Eberhard (2009).

Um fato curioso para a classificação de Oberg (1953) diz respeito ao grupo Suédndisu, provavelmente os atuais Sawentesú, terem sido agrupados num conjunto de letos diferente do conjunto proposto atualmente por Telles (2002).

Rodrigues (1986)⁷³, baseado nos estudos de Price (1976; 1978) acerca da família Nambikwára, Kroeker, B. (1980), Kroeker, M. (1976; 1977) e Lowe (1975) sobre o Nambikwára do Sul, e Kingston (1973) sobre o Mamaindê, aponta que a Família Nambikwára compreende três línguas: o Sabanê, o Nambikwára do Norte e o Nambikwára do Sul.

Classificadas de acordo com a proximidade estrutural entre as línguas e sua distribuição geográfica, as línguas Nambikwára compreendem dois grupos de línguas distintos, o Ramo Nambikwára do Sul e o Ramo Nambikwára do Norte, mais uma língua sem variação dialetal, o Sabanê, com nível de cognatos e inteligibilidade mais limitada, sendo, portanto, mais distanciada das outras línguas da família (RODRIGUES, 1986).

Dentre as línguas integrantes da família Nambikwára,

vê-se que o Sabanê é o mais divergente, mas a divergência se dá com a regularidade característica de línguas de uma mesma família: a consoante *p* do Sabanê corresponde *h* sistematicamente no Nambikwára do Norte e no Nambikwára do Sul [...] e a consoante *m* do primeiro corresponde *w* no Nambikwára do Norte e no Nambikwára do Sul [...]; e outras correspondências sistemáticas que se podem perceber facilmente. (RODRIGUES, 1986, p. 76)

⁷³ Anteriormente à publicação de Rodrigues (1986), Aytai (1968) realizou uma classificação para as línguas da família. Com base no método léxico-estatístico, Aytai (1968) tentou estabelecer relação entre oito dialetos, fazendo uso de apenas 12 itens lexicais. Além do número limitado de palavras, o autor não apresenta os dados.

Para Rodrigues (1986), com exceção da língua Sabanê, a qual não apresenta variação dialetal, as duas outras constituem dois complexos dialetais: o Nambikwára do Sul (o qual pode ser arranjado em quatro dialetos (Mundúka, Nambikwára do Campo, Nambikwára do Guaporé e Sararé [Kabixí]; e o Nambikwára do Norte, o qual é composto por quatro dialetos distintos: Tawandê, Lakondê, mamaindê e Nagarotú).

O modo no qual as línguas desta família estão arranjadas, pode ser observada no quadro a seguir, de acordo com as informações fornecidas por Rodrigues (1986):

Tabela 10: Classificação das Línguas Nambikwára segundo Rodrigues (1986), adaptada pelo autor.

Grupo A	Grupo B	Grupo C
Nambikwára do Sul (Complexo Dialetal)	Nambikwára do Norte (Complexo Dialetal)	Sabanê
Mundúka Nambikwára do Campo Nambikwára do Guaporé Nambikwára do Sararé (Kabixí)	Tawandê (Tagnaní) Lakondê Mamaindê Nagarotú	Sabanê

Fonte: Rodrigues (1986)

A proposta de subdivisões e classificações linguísticas das línguas Nambikwára proposta por Lévi-Strauss (1948), ainda se mantém com poucas alterações. No entanto, o estudo acerca do número de línguas que integram essa família costuma variar consideravelmente, não sendo, portanto conclusivos.

Lowe (1999), por exemplo, apresenta a família linguística como constituída por três línguas distintas: (1) Complexo Dialetal Nambiquara do Sul⁷⁴, (2) Mamainde/ Nakarothé e (3) Sabanes. O seguinte quadro indica a classificação das línguas Nambikwára de acordo com Lowe (1999):

Tabela 11: Classificação das Línguas Nambikwára de acordo com Lowe (1999).

Família Nambikwára (LOWE, 1999)		
Grupo 1	Grupo 2	Grupo 3
Complexo Dialetal Nambiquara do Sul ⁷⁵	Mamainde	Sabanes

⁷⁴ Em inglês, *Southern Nambiquara dialect complex*.

⁷⁵ Os números indicam tom. Segundo Kroeker, M. (2001), o sistema tonal da língua Nambiquara é complexo e

(1) Nɛ̃ ³ su ²	Nekarothé	
(2) Ki ³ tãu ³ lhu ²		
(3) Ha ³ lot ² te ² su ²		
(4) Wa ³ ka ³ li ³ te ² su ²		
(5) Wa ³ suh ¹ sʔu ²		
(6) A ³ lãn ¹ te ² su ²		
(7) Waik ² ti ² te ² su ²		
(8) Ha ³ hãĩ ³ te ² su ²		
(9) A ³ lʔuh ¹ nʔe ³ ka ² ta ³ ki ² te ² su ²		
(10) Ka ³ lu ³ whãĩ ³ ko ³ te ² su ²		
(11) Tu ³ ka ³ lʔu ³ la ³ ko ³ te ² su ²		
(12) Wai ³ su ²		

Fonte: Lowe (1999).

Com base nas informações fornecidas por Lowe (1999), nota-se que: 1) o Grupo 1, o Complexo Dialetal Nambiquara do Sul, é constituído por doze dialetos distintos, os quais são mutuamente inteligíveis; 2) o Grupo 2 é constituído por duas línguas/ variações dialetais também inteligíveis entre si, Mamainde e Nakarothé, as quais constituem o subgrupo Nambiquara do Norte; 3) o Grupo 3 é constituído pelo Sabanes, sem divisão interna. Sob esta perspectiva, família linguística Nambikwára constitui uma das menores famílias linguísticas brasileiras⁷⁶, com apenas três línguas distintas.

Ainda lançando mão do estudo do autor, é possível transcrever informações acerca de o número de falantes aproximados, a distribuição geográfica, nas quais os grupos indígenas Nambikwára se encontravam à época, bem como população aproximada de indivíduos.

O quadro seguinte apresenta uma súmula da relação populacional, localização geográfica e grupos Nambikwára apresentados por Lowe (1999).

Tabela 12: Informações demográficas das etnias Nambikwára.

Região ⁷⁷	População Aproximada	Grupo (s) Nambikwára
Campos Novos	48	Nɛ̃ ³ su ²

por isso os tons devem ser marcados utilizando-se números.

⁷⁶ Para mais informações acerca das famílias de línguas indígenas do Brasil, consultar Rodrigues (1986).

⁷⁷ O termo região se refere aos locais em que os grupos indígenas são encontrados e conhecidos popularmente.

		Ki ³ tãu ³ lhu ²
Camararé	73	Ki ³ tãu ³ lhu ²
Posto Nambiquara	182	Ha ³ lot ² te ² su ²
Utiariti	62	Ha ³ lot ² te ² su ² Wa ³ ka ³ li ³ te ² su ²
Galera	64	Wa ³ suh ¹ sʔu ²
Fazenda Estrela	82	A ³ lãn ¹ te ² su ² Waik ² ti ² te ² su ²
Fazenda Zilo	67	Ha ³ hãĩʔ ³ te ² su ²
Quatro Pontos	44	Wa ³ suh ¹ sʔu ² Ha ³ hãĩʔ ³ te ² su ²
Sararé	51	A ³ lʔuh ¹ nʔe ³ ka ² ta ³ ki ² te ² su ² Ka ³ lu ³ whãĩ ³ ko ³ te ² su ² Tu ³ ka ³ lʔu ³ la ³ ko ³ te ² su ² Wai ³ su ²
Mamainde ⁷⁸	103	Mamainde
Nakarothe ⁷⁹	25	Nakarothe
Sabanes ⁸⁰	Desconhecida, provavelmente > 50	Sabanes

Fonte: Lowe (1999), adaptado pelo autor.

Com base nos dados apresentados, pode-se notar que diferentes etnias que compõem o Grupo linguístico 1, o Complexo Dialectal Nambiquara do Sul, convivem em espaços comuns. A proximidade linguística destes grupos pode ser decorrente do estreitamento geográfico que existe entre eles, o qual corroboraria para um constante contato linguístico.

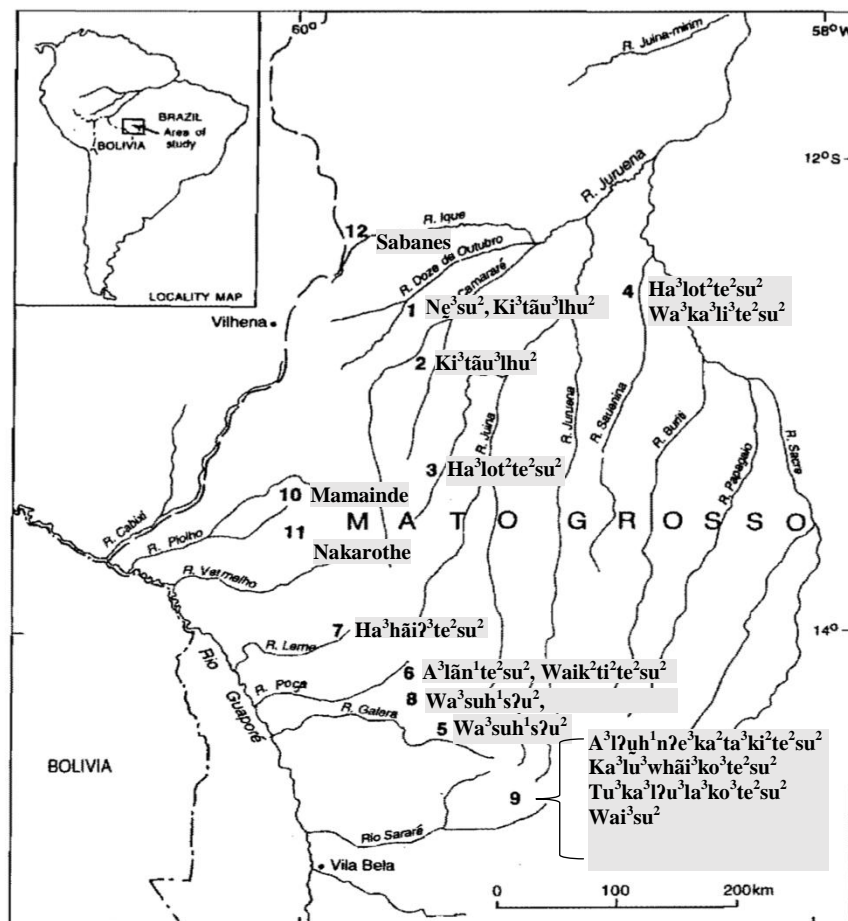
A distribuição geográfica das etnias Nambikwára, bem como a subdivisão em três grupos linguísticos podem ser observadas no mapa apresentado na Figura 7:

⁷⁸ Língua Nambikwára do Norte.

⁷⁹ Língua Nambikwára do Norte.

⁸⁰ Língua Sabanê.

Figura 7: Distribuição geográfica das etnias Nambikwára, baseado em Lowe (1999).



Fonte: Lowe (1999), modificado pelo autor

Os números indicados no Mapa da Figura 7 dizem respeito às regiões e aos grupos apresentados na Tabela 12. Assim, temos a seguinte correspondência para cada número: 1) Campos Novos; 2) Canararé; 3) Posto Nambiquara; 4) Utiariti; 5) Galera; 6) Fazenda Estrela; 7) Fazenda Zilo; 8) Quatro Pontos; 9) Sararé; 10) Mamainde; 11) Nakarothé; 12) Sabanes.

Durante o desenvolvimento do presente estudo, tivemos acesso a listas de palavras em línguas do complexo dialetal Nambikwára do Sul. Ao analisarmos as listas de palavras, foram percebidas muitas formas espúrias, as quais podem ser definidas como formas

linguísticas divergentes ou não-existentes, decorridas de erros de inferência ou interpretação durante o contato e registro linguístico.

Como Campbell (2012) relata, tais formas afetam a comparação linguística incorrendo em situações como a aproximação e distanciamento linguísticos, além de reconstrução de proto-formas, as quais só podem ser confirmadas, dadas as possibilidades de checagem com estudos subsequentes mais precisos. Como o autor exemplifica, no caso das listas de palavras Nambikwára

For example, in his vocabulary list of Nambiquara, Albuquerque (1910) gives as the term for the straw that Nambiquara men wear through their upper lips a form which means 'mouth'; his entry for "egg" actually means 'the chicken over there.' As Price (1985:306) explains, the abundance of such spurious forms in the various Nambiquara vocabularies makes the dialects seem more divergent than they actually are (Campbell, 2012, p.237)⁸¹.

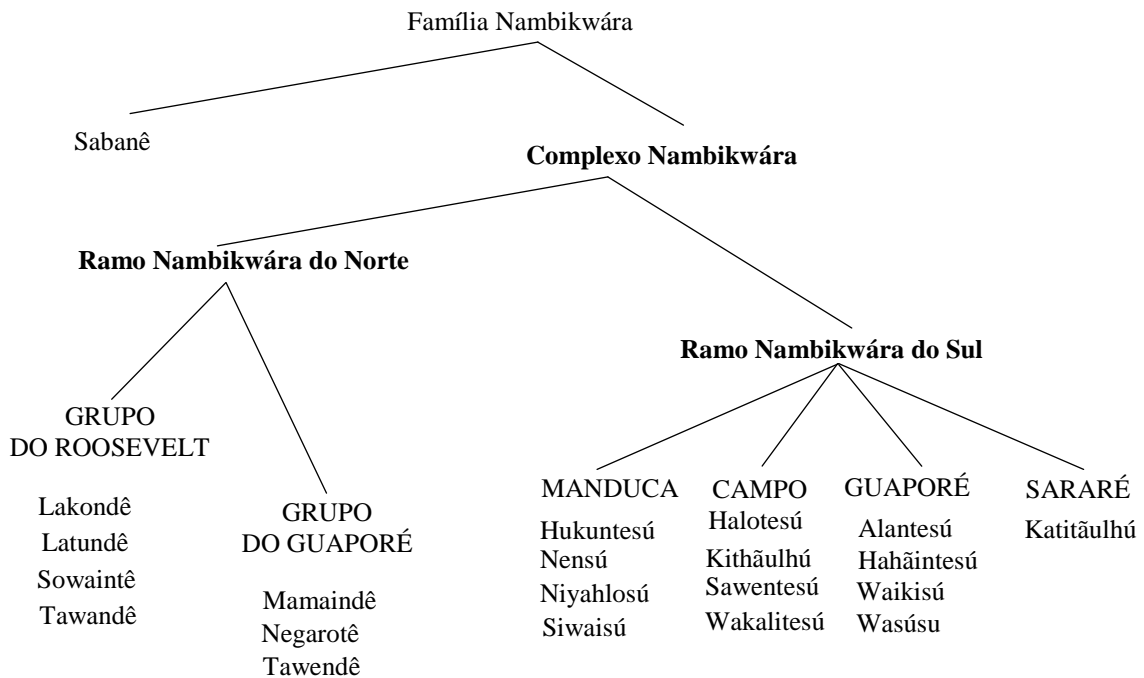
A classificação das línguas Nambikwára apresentada por Telles (2002), leva em consideração a proposta revisitada de Price and Cook (1969) e validada por estudiosos subsequentes, tal como Rodrigues (1986) e considera também, assim como Rodrigues (1986) que as línguas Nambikwára constituem uma família linguística considerada isolada. A proposta da autora lança mão de critérios como 1) proximidade estrutural linguística, 2) nível de inteligibilidade, 3) número de cognatos e 4) distribuição geográfica das línguas e etnias.

Com base nestes critérios baseados no Método Comparativo (GREENBERG, 2007), assume-se a existência de três ramos distintos de línguas: o Ramo Nambikwára do Norte, o Ramo Nambikwára do Sul e, finalmente, a língua Sabanê, língua sem variação dialetal⁸², como podem ser observados na figura abaixo, a qual se baseia em Telles (2002) e em Eberhard (2009):

⁸¹ Por exemplo, em sua lista de palavras Nambiquara, Albuquerque (1910) fornece como o termo para o canudo que os homens that Nambiquara men usam em seus lábios superiores uma forma que significa 'boca'; sua entrada para 'ovo' na verdade significa 'a galinha logo ali'. Como Price (1985:306) explica, a abundância de tais formas espúrias em várias listas de palavra Nambiquara faz com que os dialetos pareçam mais divergentes do que eles realmente são (Campbell, 2012, p.237)⁸¹.

⁸² Como aponta Araújo (2004), à época de sua pesquisa, a língua Sabanê já não tinha uso social em sua comunidade, possuindo apenas três falantes nativos ao final de seu estudo. Acredita-se que presentemente não haja nenhum falante da língua, sendo a língua Sabanê, portanto, extinta.

Figura 8: Família Linguística Nambikwára



Fonte: Eberhard (2009), baseada em Telles (2002)

Com base nos estudos supracitados, sistematizamos as diversas classificações linguísticas para as línguas Nambikwára através da história, considerando os documentos aos quais tivemos acesso. As informações podem ser sumarizadas no seguinte quadro:

Tabela 13: Quadro súmula das diferentes classificações e seus respectivos critérios para as línguas da Família Nambikwára

Classificação	Grupos	Crítérios
Roquette-Pinto (1919)	4 grupos distintos	Geográficos, Linguísticos e Sociais
Lévi-Strauss (1948)	3 grupos distintos, sendo dois destes ramificados.	Linguísticos (aspectos semânticos e morfológicos)
Oberg (1953) ⁸³	2 grupos distintos	

⁸³ O pesquisador trabalhou somente com grupos Nambikwára do Sul.

	(Ocidental e Oriental)	Geográficos ⁸⁴
Price & Cook (1969)	2 grupos distintos	Linguísticos e Geográficos
Rodrigues (1986)	3 línguas, compreendendo 3 ramos diferentes	Linguísticos e Geográficos
Lowe (1999)	3 línguas, uma delas sem variação dialetal	Linguísticos e Geográficos
Telles (2002)	3 ramos de línguas, sendo um destes ramos sem variação dialetal	Linguísticos e Geográficos

Além do ponto de vista da Linguística que corrobora para o mapeamento das relações genéticas de línguas pertencentes à família, presentemente existem outras questões que devem ser consideradas com relação a esta família linguística, especialmente para o Ramo Nambikwára do Sul. Dentre elas está o problema da Educação Indígena para a classificação das línguas Nambikwára do Sul, sobre o qual discutiremos na seção seguinte.

2.13 A EDUCAÇÃO INDÍGENA E O PROBLEMA DA CLASSIFICAÇÃO DE LÍNGUAS NAMBIKWÁRA DO SUL

Outro fator a ser considerado para a múltipla classificação ao número total de línguas que integram a Família Linguística Nambikwára, possui suas raízes atreladas a questões legais, referentes à Educação Indígena.

O distanciamento geográfico entre as aldeias, somados ao seu contingente populacional de cada uma delas e a dificuldade de mobilidade para ter acesso à escola, podem ser fatores relevantes para compreender as razões que levam cada grupo indígena Nambikwára a fazer uso dos nomes dos seus grupos correspondentes para designar o seu leto/ sua língua.

De acordo com o Caderno de Instruções do Censo Escolar da Educação Básica, publicado pelo INEP e Ministério da Educação (BRASIL. Ministério da Educação, 2017)⁸⁵, a educação escolar indígena:

⁸⁴ Oberg (1953) não expõe claramente os critérios para a sua classificação. No entanto, uma vez que ele faz uso da localização geográfica dos diferentes grupos, consideremos que sua classificação foi baseada em critérios geográficos.

é oferecida exclusivamente para alunos indígenas. As escolas indígenas podem estar localizadas em terras ocupadas pelos índios, em qualquer processo de regularização ou até em áreas urbanas. Os professores dessas escolas são prioritariamente indígenas, e o ensino pode ser ministrado em língua portuguesa ou indígena e, de preferência, utilizando materiais didáticos específicos e diferenciados. As escolas indígenas são consideradas pelo Conselho Nacional de Educação (Resolução nº 03/CEB-CNE/1999) uma categoria específica de estabelecimento escolar e, por isso, possuem autonomia pedagógica, organizacional e gerencial. (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 46)

Ainda no mesmo documento, as línguas faladas pelos povos Nambikwára do Sul são tratadas como distintas, havendo atribuições de códigos de línguas diferentes, a serem utilizadas nas escolas indígenas, como está indicado no quadro abaixo⁸⁶.

Figura 9: Línguas indígenas Nambikwára do Sul e seus respectivos códigos de acordo com o Ministério da Educação.

Língua	Código
Mandúka/Nambikwára do Campo	231
Alaketesú	287
Hahaintesú	289
Halotesú	290
Kithaulú	291
Sararé	292
Sawentesú	300
Waikisú	301
Wakalitesú	302
Wasusú	303
Nambikwára	304

Fonte: Censo Escolar 2017 (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 95)

Como pode ser observado na tabela acima, as línguas indígenas Nambikwára do Sul totalizam um grupo de 11 línguas distintas. Esta divisão faz uso de termos diferentes das designações encontradas em textos que lidam com as línguas dos povos Nambikwára e

85

Fonte:

http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/caderno_de_instrucoes/caderno_de_instrucoes_censo_escolar_2017.pdf, acessado em 01 de outubro de 2017

⁸⁶ Por integrar o terceiro ramo linguístico da família Nambikwára, sem divisão interna, omitimos os dados referente ao Sabanê na tabela. No entanto, é atribuído a ele o código 143 Sabanê.

podem, portanto, causar confusão. Salienta-se que, em muitos casos a confusão é dada através da atribuição de nomes semelhantes ou mais de um nome a grupos distintos.

Dois exemplos que podem ser notados através da leitura dos dados presentes na tabela acima são:

1) a atribuição/ equiparação dos dois grupos do Cerrado, Mandúka com Nambikwára do Campo. Do ponto de vista das classificações linguísticas existentes, Manduca e Campo são grupos indígenas distintos, pertencentes a dois aglomerados linguísticos distintos, embora aparentados, pertencentes ao Ramo Nambikwára do Sul, habitantes da região do Cerrado mato-grossense. Ademais, visto que os Halotesú, literalmente “o povo do campo” possui uma nomenclatura étnica semelhante, essa classificação torna a tarefa de decifrar o sistema, as convergências e divergências do que é língua e o que é variação dialetal ainda mais nebulosa;

2) A separação das línguas Halotesú e Nambikwára também pousa outro cenário difícil de ser discernido. Historicamente, todos os estes grupos indígenas são tratadas de Nambikwara, especialmente devido ao seu parentesco linguístico.

No entanto, como Reesink (2003) lembra, cada grupo tem autonomia de se autodenominar como tal. Os Halotesú, um grupo Nambikwara do Campo, se autodenomina como os Nambikwara. Seriam, assim, as línguas Nambikwara, Halotesú e Nambikwara do Sul a mesma língua ou de fato elas sugeririam línguas distintas por questões políticas, sociais e autônomas?

Apesar da divergência relacionada às línguas faladas pelos índios Nambikwára do Sul, a situação com o outro ramo de línguas Nambikwára, o Nambikwára do Norte, é bem distinta, uma vez que línguas desta família têm sido estudadas. Para o documento do censo Escolar 2017 as línguas Nambikwára do Norte são consideradas línguas distintas:

Tabela 14: Línguas indígenas Nambikwára do Norte e seus respectivos códigos de acordo com o Ministério da Educação.

Língua	Código
Negarotê/Negarote	120
Lakondê	228
Latundê	229
Mamaindê	230
Tawandê	242

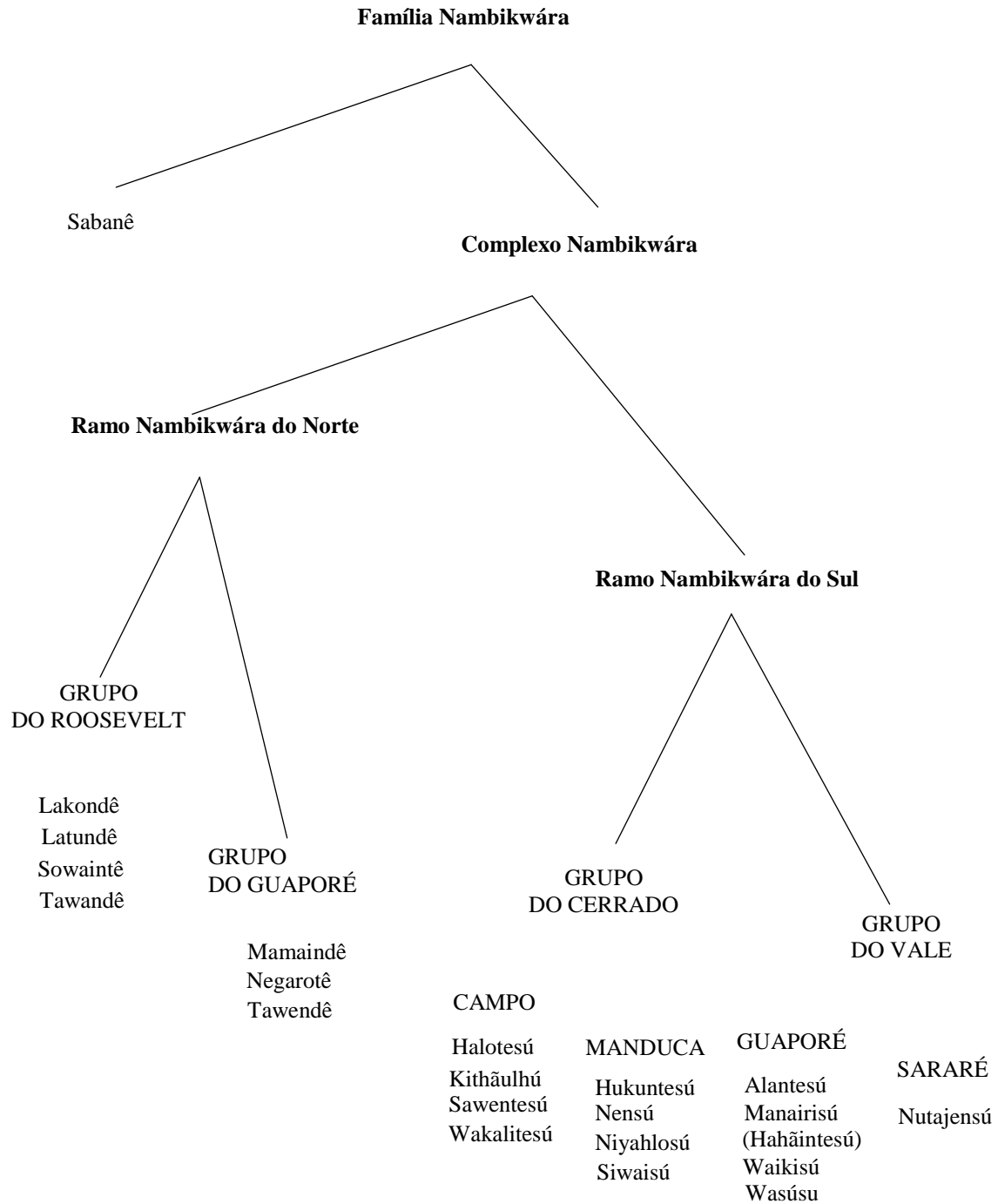
Fonte: Censo Escolar 2017 (BRASIL, MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p. 94 e 95)

No caso do Ramo do Norte, pesquisas como os trabalhos de Telles (2002), Eberhard

(2009) e Braga (tese em andamento), corroboram cientificamente com esta divisão. A mesma afirmação não pode ser feita com relação aos letos do Sul, uma vez que ainda não há estudos suficientes para mapear as proximidades e distanciamentos linguístico das línguas Nambikwára do Sul, a ponto de categoriza-los como línguas ou grupos dialetais efetivamente distintos.

Com base nas informações supracitadas e lançando mão da experiência advinda do trabalho de campo junto a grupos Nambikwára do Sul, utilizamos a proposta realizada por Telles (2013), a mais criteriosa e aceita na comunidade científica, e a subdividimos com base nas informações coletadas com nossos professores da língua. A presente subcategorização proposta pode ser observada na figura seguinte:

Figura 10: Família Linguística Nambikwára



Fonte: Elaborada pelo autor.

O presente rearranjo linguístico para o Ramo Nambikwára do Sul lança mão dos seguintes critérios: 1) distribuição e aproximação geográfica dos diferentes grupos em dois biomas distintos (Cerrado e Floresta Amazônica); 2) nível de inteligibilidade relatado por pesquisadores (PRICE, 1978) e pelos índios entrevistados⁸⁷ em nosso estudo.

The Nambiquara region may be divided into three districts in accordance with the direction of drainage, and each has forest and savanna in different proportions. The Campo, which is drained by the Rio Juruena, contains poorland, where savanna and scrub predominate. Only about 5 per cent. of the area is forested. Many rivers flow through open country with hardly a single file of trees along their banks. Small patches of forest at the source of tributaries look, in aerial photographs, like leaves along the fluvial stem. To the west, the savanna stops abruptly where the plateau falls away into the broad Guapore' Valley. Forest covers 85 per cent. of the region between the escarpment and the river. It is tallest where fertile soil has accumulated at the foot of the escarpment, and it becomes less exuberant to the west, with swamps and seasonal flood plains near the Guapore. In the North, in an area drained by the Rio Roosevelt and Ji-Paraná, riverine forests along medium-sized streams account for about 30 per cent. of the land surface. (PRICE, 1987, p.4)⁸⁸

Assim, o Ramo Nambikwára do Sul seria constituído por no mínimo dois grandes complexos linguísticos (Nambikwára do Cerrado e Nambikwára do Vale), os quais comportariam diferentes grupos étnicos, e estes seriam, a depender da posição no contínuo a seguir, mais ou menos inteligíveis que os outros.

⁸⁷ Durante a condução do presente estudo, um dos nossos professores desenhou um infográfico com base em sua intuição e experiência com outros grupos Nambikwára traçando os diferentes graus de inteligibilidade linguística. Por motivos diversos, não houve possibilidade de ficarmos com o desenho realizado em uma de nossas seções e, uma vez que haveria uma possibilidade de não representar fidedignamente a proposta realizada pelo professor ao tentarmos reproduzi-lo no trabalho, decidimos omiti-lo. Apesar do não acesso do professor aos estudos científicos sobre as diversas línguas, sua representação afastava os grupos de línguas do Norte, do Sabanê e dos grupos do Sul. Estes eram organizados de acordo com suas distribuições geográficas e, por consequência, dificuldade de compreensão.

⁸⁸ A região Nambiquara pode ser dividida em três distintos ao considerarmos a direção de drenagem, e cada um deles apresentam floresta e cerrado em diferentes proporções. O Campo, o qual é drenado pelo Rio Juruena, contains poorland, onde o cerrado e arbustos predominam. Somente 5% da área é coberto por floresta. Muitos rios escoam pelo interior dificilmente com uma única fila de árvores ao longo de seus bancos. Pequenas parcelas da floresta nos mananciais dos rios afluentes parecem, em fotografias aéreas, como folhas ao longo do tronco fluvial. A oeste, o cerrado cessa abruptamente, na região onde o planalto se esvai em direção à imensidão do Vale do Guaporé. As florestas cobrem 85% da região entre o talude e o rio. É na região mais alta onde o solo fértil foi acumulado aos pés do talude, e ele se torna menos exuberante a oeste, com pântanos e planícies inundadas sazonais próximas ao Guaporé. Ao Norte, em uma área drenada pelo Rios Roosevelt e Ji-Paraná, florestas ribeirinhas de tamanho médio ao longo de riachos contabilizam cerca de 30% da superfície da região (PRICE, 1987, p. 4, tradução nossa).

O Grupo Nambikwára do Cerrado abarcaria dois grandes subgrupos dialetais 1) o Nambikwára do Campo (Halotesú, Kithãlhú, Sawentesú e Wakalitesú) e 2) Nambikwára Manduca (Hukuntesú, Nensú, Niyahlosú e Siwaisú).

Já o grupo Nambikwára do Vale, presente plenamente no bioma amazônico, englobaria os subgrupos dialetais do Guaporé (Alantesú, Manairisú, Waikisí e Wasúsu) e do Sararé (Nutajensú).

Cada grupo étnico pode possuir marcas linguísticas próprias de cada grupo em nível morfossintático e semântico. No entanto, uma vez que são relatadas possíveis diferenças no modo de falar de diferentes grupos, é provável que diferenças marcantes entre as variantes dialetais faladas por grupos étnicos distintos se dá por questões prosódicas e morfofonológicas.

2.14 PROPOSTAS DE RELACIONAMENTOS GENÉTICOS DISTANTES

Classificar as línguas indígenas sul-americanas foi, por muito tempo uma tarefa bastante árdua. Até a década de 1990, os esforços de documentação de línguas eram poucos, tendo em vista a escassez de gramáticas, cujo foco era a descrição de uma única língua, como lembra Adelaar (2012).

Nos anos 1990, projetos de documentação e descrição de línguas se proliferaram em terras sul-americanas, os quais renderam a produção de trabalhos focando na estrutura gramatical de línguas não ou pouco registradas até então.

No entanto, apesar da escassez de estudos mais aprofundados das línguas sul-americanas até o fim da segunda metade do século XX, estudos cujos objetivos visavam à classificação linguística em grupos de línguas têm sido conduzidos anteriormente à difusão do interesse em registrar línguas ainda não-estudadas, propondo relacionamentos genético entre línguas até então não-aparentadas, como é o caso da Família Nambikwára.

Dentre estudos propostos de macro-filiação linguística, McQuown e Greenberg (1960)⁸⁹ apresentam outra classificação linguística para a Família Nambikwára. Na classificação

⁸⁹ Previamente aos estudos de Greenberg, de acordo com Carneiro (1960), o linguista tcheco Čestmír Loukotka tentou entre os anos de 1935 e 1944 classificar as línguas indígenas sul-americanas com base na comparação de 45 itens lexicais presentes em listas de palavras diversas (a ausência de gramática de línguas indígenas à época restringiu o trabalho do autor à comparação de itens lexicais). Em sua primeira classificação, em 1935, Loukotka apresentou 94 famílias de línguas, as quais foram rearrajandas e o número de línguas chegou a 144, chegando finalmente a 117 grupos distintos. Até a apresentação do presente estudo, não foi possível ter acesso à classificação de Loukotka para verificar se as línguas Nambikwára foram incluídas e em qual grupo ela estava

macro-comparada, os autores propõem o Tronco Linguístico Ameríndio⁹⁰, o qual comportaria hipoteticamente todas as línguas indígenas das Américas numa macro-família de línguas. Sob esta perspectiva, as línguas Nambikwára estariam atreladas ao Filo Jê-Pano-Caribe⁹¹.

Tabela 15: Classificação das Línguas Ameríndias segundo Greenberg (1960).

1. Almoso–Keresiouano
2. Hokano
3. Penutiano (incluindo Macro-Maia)
4. Azteca–Tanhoano
5. Oto-Mangeano
6. Purépecho
7. Macro-Chibchano
1. Chibchano
2. Paezano
8. Andino–Equatorial
1. Andino
2. Jivaroano
3. Macro-Tucano
4. Equatorial (incluindo Macro-Arawak e Macro-Tupi)
9. Jê–Pano–Caribe
1. Macro-Jê
2. Macro-Pano
3. Macro-Caribe
4. Nambikwara
5. Huarpe
6. Taruma

Fonte: Greenberg (1960), adaptado pelo autor.

A proposta de Greenberg pode ser combatida levando em consideração os argumentos fornecidos por Doerfer (*apud* CAMPBELL, 1997, p. 230), os quais apresentam dois modos

arranjada. Uma das críticas preponderantes ao trabalho de Loutkotka foi a segregação de línguas em famílias distintas se ele não tivesse encontrado evidências sólidas de que elas comporiam o mesmo grupo linguístico.

⁹⁰ O termo ameríndio pode ser utilizado também para se referir de forma geral a grupos indígenas distintos das américas, sem considera-los como um único grupo genealógico.

⁹¹ Em inglês: Ge–Pano–Carib Phylum.

nos quais línguas podem se assemelhar acidentalmente:

The first is by "statistical chance"; this has to do with what sorts of words and how many of them might be expected to be similar by chance. As an interesting example, consider the seventy-nine names of Latin American languages listed by Pettier (1983:191) which begin with *na-* (for example, Nahuatl, Naolan, Nambikwara, Naperu, Napeno; the list could be made much longer if North American language names were added—Navajo, Natchez, Nanti-coke, Narragansett, Naskapi, Nass, Natick, and so on—see Chapters 4, 5, and 6 for other examples). Since for the most part there is no historical connection among the various forms of these names, the similarity in their first syllable is an example of statistical chance. The second way is by "dynamic chance": languages become more similar through convergence—for example, lexical parallels come about when sounds (known as a similaridade: originally to have been different) converge as a result of sound change. Cases of noncognate similar forms are well known in the handbooks of historical linguistics (CAMPBELL, 1997, p. 230).⁹²

Embora a proposta de Greenberg tenha sido debatida de vista com bastante ceticismo, como lembra Adelaar (2012), tendo em vista a natureza pouco analítica dos dados apresentados por ele e a sugestão de grupos linguísticos diversos, sua proposta possui aceitação acadêmica por fornecer evidências de que Chiquitiano e Jabuti poderiam ser incluídos no grupo Macro-Jê. No entanto, o trabalho de Greenberg também diverge da proposta de Rodrigues (1985) na qual línguas Tupi e Caribe estariam geneticamente relacionadas.

Subsequentemente à primeira tentativa de classificação macro-linguística com a proposta inicial de filiação da família Nambikwára ao grupo Jê-Pano-Caribe de Greenberg (1960), Kaufman (1990, *apud* CAMPBELL, 1997) sugere que as línguas Nambikwára integrariam o filo Macro-Tucano.

Além de Greenberg (1960), Swadesh (1959) em seu *Mapas de clasificación lingüística de México y las Americas* também apresentou uma proposta de classificação para as línguas

⁹² O primeiro é por "acaso estatístico"; isso tem a ver com o tipo de palavras e quantas delas podem ser semelhantes por acaso. Como exemplo interessante, considere os setenta e nove nomes de línguas latino-americanas listadas por Pettier (1983: 191) que começam com *na-* (por exemplo, Nahuatl, Naolan, Nambikwara, Naperu, Napeno; a lista pode se tornar mais longa se forem acrescentados nomes de línguas norte-americanas como Navajo, Natchez, Nanticooke, Narragansett, Naskapi, Nass, Natick, e assim por diante - ver Capítulos 4, 5 e 6 para outros exemplos). Como na maioria das vezes não há conexão histórica entre as várias formas desses nomes, a similaridade em sua primeira sílaba é um exemplo de acaso estatístico. A segunda maneira é por "acaso dinâmico": as línguas se tornam mais semelhantes através da convergência - por exemplo, os paralelos lexicais surgem quando sons (conhecidos como A originalidade: originalmente para ser diferente) convergem como resultado da mudança de som. Casos de formas similares não-reconhecidas são bem conhecidos nos manuais de linguística histórica (CAMPBELL, 1997, p. 230, tradução nossa).

ameríndias. De acordo com Rodrigues (1967), a proposta de Swadesh (1959), embora anterior à proposta de Greenberg possuía dados mais detalhados. Na proposta de Swadesh (1959), constituída por 9 seções de agrupamentos de línguas para todo o continente americano, “6 ocorrem parcial ou inteiramente na América do Sul⁹³”. Curiosamente, de acordo com o autor, as propostas de Swadesh (1959) e Greenberg (1960) se aproximam hierarquicamente, estando plenamente representadas na região amazônica. No entanto, Rodrigues (1967) lembra:

As discrepâncias entre as duas classificações são consideráveis. Por exemplo — restringindo-nos à consideração dos grupos da Amazônia: enquanto Greenberg constitui um filo Jê-Pano-Karib, no qual inclui, além dos 3 grupos que lhe emprestam o nome, o Nambikuara, o Uitoto e o Takana, Swadesh coloca o Jê na Seção SE, o Pano e o Takana na seção W, o Karib e o Witoto na Seção S, e o Nambikuara na Seção E. Na verdade, as classificações de Greenberg e de Swadesh não são comparáveis, e não tanto porque partem de fundamentos diferentes, mas sobretudo porque nenhum dos dois autores publicaram ainda as evidências que os levaram a estabelecê-las. Ainda é cedo para verificá-las mais detalhadamente, justamente porque não há base concreta sobre que fazê-lo. Entretanto, há algumas situações que já têm podido ser testadas de alguma maneira, as quais às vezes não favorecem nem uma nem outra classificação. (RODRIGUES, 1967, p. 35)

Anos subsequentes, com base no método comparativo (GREENBERG & RUTHLEN, 2007), cujas etapas assumem caráter 1) taxonômico, ao identificar morfemas semelhantes em som e significado, o que sugeriria uma origem comum, e 2) analítico, ao utilizar princípios da linguística histórica para a) verificar a forma original e b) decifrar as correspondências sônicas para c) explicar as divergências/ mudanças, atentando em ambas as etapas para as relações de tempo e espaço da língua original Greenberg & Ruthlen (2007), com a publicação do Dicionário Etimológico, apresentam uma revisitação da proposta do Tronco Linguístico Ameríndio apresentado por Greenberg (1960).

Na nova proposta, Greenberg & Ruthlen (2007) reclassificam a Família Nambikwára como pertencente ao Grupo L do Filo Macro-Tucano⁹⁴. No entanto, como pode ser observado

⁹³ As classificações das famílias linguísticas em filios são organizadas em seções discriminadas por letras do alfabeto que as representa. No caso da classificação de Swadesh (1959), as línguas da América são representadas pelas seções W, C, E, SE, E e SW.

⁹⁴ O Filo Macro-Tucano incluiria, de acordo com Campbell (2012) as seguintes línguas: Auake, Auixiri, Canichana, Capixana, Catuquina, Gamella, Huari, Iranshe, Kaliana, Koaia, Maku, Mobima, Muniche, Nambi-kwara, Natu, Pankaruru, Puinave, Shukuru, Ticuna, Tucano, Uman e Yuri.

na tabela seguinte, a classificação das línguas integrantes da Família Nambikwára difere da classificação linguística proposta com base nos estudos sincrônicos e descritivos realizados até o momento.

Tabela 16: Reclassificação da Família Nambikwára junto ao Filo Macro-Tucano.

IX MACRO-TUCANO
L NAMBIKWARA
Mamainde
Nambikwara
Nambikwara do Norte
Sabane
Nambikwara do Sul

Fonte: Greenberg & Ruhlen (2007), adaptado pelo autor

Como pode ser observado na tabela, Greenberg & Ruthlen (2007) consideram a Família Nambikwára como constituída por cinco línguas distintas. A língua Mamaindê, a qual integra o Ramo Nambikwára do Norte, bem como a língua Nambikwára, a qual faz referência ao Complexo Dialectal Nambikwára do Sul (ou o Ramo Nambikwára do Sul) foram tratadas como línguas distintas. Contudo, os dados apresentados no dicionário etimológico para as proto-formas de itens lexicais da família são válidos do ponto de vista teórico.

No dicionário etimológico de Greenberg & Ruthlen (2007), há a presença de 37 proto-formas para língua Proto-Nambikwára. Uma vez que o presente estudo também apresenta um componente comparativo e, tendo em vista que o presente autor dispõe dos dados publicados por Price (1978), com a primeira proposta para o Proto-Nambikwára e de Greenberg & Ruthlen (2007), cujos resultados são apresentados cerca de 30 anos depois da proposta inicial, transcrevo os dados e comparo-os a seguir:

Tabela 17: Lista comparativa de palavras das propostas do Proto-Nambikwara de Price (1978) e Greenberg & Ruhlen (2007).

Glosa em Português (tradução nossa)	Price (1978)	Greenberg & Ruthlen (2007)
mão	*pik ²	*pik?

Glosa em Português (tradução nossa)	Price (1978)	Greenberg & Ruthlen (2007)
fígado	*p'i ⁴ l	*pil
arco	*pok ³	*pok?
seco	*lon ¹	*soh
filho (child)	*mãic ³	*mãic
sujo	*n'a:C'i ³	*n?a:c?i:
dente	*wi ³	*wi:
olho	*ei ³ ka ³	*eika
pássaro	*ai ³ k'	*?aic
bom	*mæu ³ li ⁴ (?)	*mæuli
eu	*t'ai ² l	*t?ail
quando	*na ³	*na
onde	*pai ³	*pai
joelho	*kat ³	*kat'
longe	*u: ² l	*u:l
pai	*mĩ: ³ n	*mĩ
lua	*h'e ³ lv ³	*h?elə
boca	*you ²	*you
um	*ka ³ na ³ :ka ⁴ (nat ³)	*kana:ka(nat)
jogar/brincar*	*læu: ² n	*læu:n
ver	?	*ẽ:p
nariz	*a ⁴ mi: ³ c	*ami:c
cobra	*t'ep ³	*t'ep
string	*nu ³	*nu
ele	*pai ³	*pai
teu (your)	*mã ⁴	*mã
você	*w'ai ² n	*w?ain
língua	*pəi ³ l	*pəil
árvore	?	*hapi:c
dois	*p'a:l ¹ (-in ¹)	*p'a:l(-in)
beber	*na: ²	*na:
branco	*pã ³	*pa:n

Glosa em Português (tradução nossa)	Price (1978)	Greenberg & Ruthlen (2007)
ontem	?	*kanaC ⁹⁵

Fonte: Criado pelo autor, com base em Price (1978) e Greenberg & Ruthlen (2007)

Como pode ser observado, não há diferença significativa na proposta das formas do Proto-Nambikwara dos dois autores. No entanto, uma vez que línguas Nambikwara têm sido estudadas mais profundamente nos últimos anos, como é o caso do Sabanê (ARAÚJO, 2004), trabalho o qual diverge bastante da descrição fonológica da língua realizada por Price (1978), faz-se necessário revisitar a proposta para o Proto-Nambikwára.

2.15 CLASSIFICAÇÕES LINGUÍSTICAS DO RAMO NAMBIKWÁRA DO SUL

Nesta seção, discorreremos sobre as múltiplas classificações linguísticas para as línguas Nambikwára. Faremos uso das múltiplas classificações e os dados fonológicos das línguas Nambikwára já estudadas para basilar nosso estudo fonológico.

Por se tratar de um estudo sobre o Ramo Nambikwára do Sul, abordaremos esse ramo nesta subseção especificamente sobre ele. Dentre os principais estudos a serem apresentados nesta seção, estão as seguintes classificações para o Ramo Nambikwára do Sul:

- 1) Price (1972): 18 variedades pertencentes a 3 grupos (Jurueña, Galera/ Guaporé e Sararé);
- 2) Lowe (1999): 12 variedades sem divisão interna;
- 3) Kroeker (2001): 11 variedades em 2 grupos (Jurueña e Guaporé);
- 4) Telles & Wetzels (2011): 12 línguas arranjadas em 4 grupos distintos (Manduca, Campo, Guaporé e Sararé);

Tentaremos, com base nos estudos e informações coletadas durante a pesquisa de campo, propor um rearranjo para os letos que integram o Ramo Nambikwára do Sul, subdividindo-os a partir de critérios geográficos, linguísticos e sociais.

⁹⁵ Para Greenberg & Ruthlen (2007), a consoante final representada por C significa que esta forma consonantal varia, sendo, portanto, não-reconstruída.

A primeira ramificação do Ramo Nambikwára do Sul reflete uma divisão realizada pelos próprios índios dos grupos Nambikwára, com base nos biomas nos quais suas terras estão inseridas: Cerrado (marcado majoritariamente pelo clima seco e árido, próximo à região de vegetação amazônica) e Vale (delimitado plenamente na região do bioma amazônico).

A partir dessa subdivisão geográfica, a qual também assume um caráter sociopolítico, segue-se o arranjo de grupos dialetais, conforme a divisão apresentada por Telles (2002). Assim, o grupo do Cerrado se ramifica em dois grandes grupos dialetais: 1) Nambikwára do Campo, constituído pelos povos Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú; 2) Nambikwára do Manduca, cuja língua é falada pelos povos Hukuntesú, Nensú, Niyahlosú e Siwaisú.

Sob o agrupamento dos complexos dialetais do Vale do Guaporé, estão os grupos 1) Guaporé e o 2) Sararé.

Uma vez que o Ramo Nambikwára do Sul e as línguas ou grupos dialetais que o integram ainda são de fato, desconhecidos, uma vez que não há estudos referentes à inteligibilidade de cada grupo dialetal, essa proposta de organização precisará ser validada posteriormente a medida que novos estudos sobre a (s) língua (s) falada (s) pelos povos do Sul são conduzidos.

2.16 VARIAÇÕES LEXICAIS ENTRE OS GRUPOS NAMBIKWÁRA DO CAMPO

Durante a condução do presente estudo, participantes dos grupos Kithãulhú e Halotesú apresentaram formas um pouco distintas de itens lexicais semelhantes. Embora estas variantes lexicais possuam sequências fônicas semelhantes em muitos casos e sejam compreendidas pelos índios de ambas as etnias, elas foram incluídas nesse estudo como marcas linguísticas características de cada um deles.

Tabela 18: Variações Lexicais entre os povos Kithãulhú e Halotesú (transcrições fonéticas).

Português	Kithãulhú	Halotesú
lago	ahũj̃jendnsu	j̃jendnsu
lobo-guará	hoʔsu	h̃ausu
pingar (está pingando)	sakãw-tara	kalo-tara
tamanduá, espécie de	w̃aʔtikalisu	tikalisu

A variação lexical dos grupos Nambikwára mencionados pode ser justificada por Price (1978). Este autor lembra que:

Among the Nambiquara the semi-isolation of the village cluster would tend to promote dialect differentiation, while repeated contacts between different clusters would tend to work against it and promote the reintegration of dialects in the process of diverging. Thus, it is not surprising that there are exceptions to practically any rule of phonological reflexes (PRICE, 1978, p. 19).⁹⁶

Apesar da diversidade classificatória acerca dos letos que compõem o Ramo Nambikwára do Sul, com base nos estudos realizados e os dados apresentados neste trabalho, é possível considerar que:

- 1) Os letos que integram o Ramo Nambikwára do Sul podem ser rearranjados em dois grupos maiores, tendo o distanciamento geográfico entre os diversos grupos étnicos: 1) o Nambikwára do Cerrado, o qual pode ser subdividido em dois complexos dialetais formados pelos grupos Manduca e Campo; 2) O Nambikwára do Vale, também subdivididos internamente: Guaporé e Sararé;
- 2) Os letos do Nambikwára do Sul são mais ou menos inteligíveis de acordo com sua proximidade geográfica⁹⁷. No entanto, de acordo com o professor Carlos Kithãulhú, a depender da velocidade de fala e a familiaridade com estruturas morfofonológicas particulares de cada grupo dialetal, pode haver dificuldade de compreensão, especialmente entre falantes que habitam a região do Cerrado e os habitantes do Vale do Guaporé, por exemplo. Como bem lembra o professor, “prestando muita atenção e se falar devagar, a gente se entende” (Carlos Kithãulhú, 2017, comunicação pessoal).
- 3) Em casos em que os falantes de outros grupos usam seus letos para se comunicar “entre si”, respeitando a velocidade de fala e características próprias de cada leto, a

⁹⁶ Entre os Nambiquara, o semi-isolamento do aglomerado de aldeias tenderia a promover a diferenciação de dialetos, enquanto contatos repetidos entre diferentes grupos tenderiam a funcionar contra eles e promoveriam a reintegração de dialetos no processo de divergência. Assim, não é surpreendente que haja exceções a praticamente qualquer regra dos reflexos fonológicos (PRICE, 1978, p. 19, tradução nossa).

inteligibilidade é bastante reduzida, havendo muitos casos em que não se é possível compreender o que é dito;

- 4) Embora todos reconheçam que falam a mesma língua, a chamada “Língua Nambikwára”, existem formas lexicais e fonológicas pertencentes a grupos étnicos distintos. Nos grupos do Campo, por exemplo, há variação lexical entre os grupos Kithãulhú e Halotesú, porém cada um destes grupos reconhece as formas utilizadas pelo outro e as compreendem. Quando questionados acerca do uso da forma *-nala* para indicar terceira pessoa singular do modo indicativo, apresentada pela gramática de Kroeker M. (2002), o grupo do Campo afirmava categoricamente que essa forma é utilizada “pelo povo do Vale”, e que naquela região, o Cerrado, se fala *-nara*.
- 5) É possível que, em nível fonológico, a grande diferença nos sistemas linguísticos para este nível seja dada na prosódia dos grupos dialetais distintos;
- 6) No que tange à inteligibilidade dos grupos dialetais, é possível que, uma vez que os próprios índios estejam cientes de possíveis divergências de formas linguísticas próprias de cada grupo, que seja utilizada uma espécie de interlíngua para efetivar a comunicação entre grupos distintos.

No grupo estudado, os Nambikwára do Campo, presenciamos muitos momentos em que índios dos grupos Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú se comunicavam entre si. Em nenhum momento eles demonstraram dificuldades de compreensão e suas falas se mostraram bastante constantes, de uma certa forma uniforme, e bastante inteligíveis⁹⁸.

As poucas variações verificadas foram no âmbito lexical, uma vez que certas palavras são marcadamente pertencentes a determinado grupo, e, no caso da fala dos mais velhos, a presença mais protuberante dos traços laringais para as vogais e as consoantes.

⁹⁸ Utilizamos os mesmos instrumentos de coleta entre os índios das diferentes etnias do Campo.

2.17 AS DIFERENTES PROPOSTAS PARA A FONOLOGIA DOS GRUPOS NAMBIKWÁRA DO SUL

Ainda no que tange às línguas Nambikwára do Sul, apontaremos também observações à grande variedade fonêmica apontada por Kroeker (2002), uma vez que, a princípio, a lista de fonemas encontrados para os grupos estudados do Cerrado serão bem menores em número, o que poderá fomentar a existência de diferentes sistemas de sons/ fonológicos para letos integrantes do mesmo ramo.

Uma vez que não há muita diferença significativa entre os sistemas fonológicos vocálicos das diversas propostas realizadas para letos distintos do Ramo Nambikwára do Sul, a nossa intenção em analisar nesta seção apenas o sistema consonantal das propostas encontradas é válida não somente do ponto de vista comparativo, como também do ponto de vista metodológico, uma vez que eles ajudarão a compor o argumento acerca das escolhas realizadas em nossas análises e os motivos que nos levaram a toma-las, bem como considerar que existe uma diversidade linguística no então chamado Ramo Nambikwára do Sul, critério este que pode ser utilizado para separar línguas distintas em complexos dialetais distintos.

Um dos primeiros pesquisadores a tratar sobre o sistema de sons das línguas Nambikwára foi Bóglár (1960). Em seu vocabulário bilíngue nambikuara-inglês, Blogar (1960) apresenta os sons consonantais e vocálicos⁹⁹ que integram o sistema da língua.

Tabela 19: Sistema consonantal proposto por Bóglár (1960).¹⁰⁰

	Labial	Labiodental	Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva plena	b		t d			k g	
Fricativa			s				h
Africada			ts				
Nasal	m		n			ŋ	
Flepe			r				

⁹⁹ Para as vogais, o autor utiliza os parâmetros da grafia do português: a, e, i, o, u. Existe o diacrítico ː, utilizado para designar sons mais longos para as vogais previamente mencionadas e ˘ para a vogal alta posterior u, sendo grafada ü para indicar a pronúncia desta vogal com a mesma qualidade da vogal ‘u’ na palavra francesa lumière. Bóglár também marcou em seu estudo a nasalização das vogais, o acento dinâmico e o enfraquecimento vocálico em algumas sílabas, marcado pelos diacríticos (˘).

¹⁰⁰ As consoantes, segundo a transcrição fonética de Bóglár são: b, d, k, l, m, n, r, t, g, h, ng (como na palavra anger em inglês), s, ts, y (como em inglês youth) e w.

Lateral			l				
Glide		w			j		

Embora ele não use o termo fonêmica para designar a sua chave de pronúncia para o vocabulário bilíngue nambikwara que ele fornece, Boglár (1960) fornece dados acerca da pronúncia das palavras na língua Nambikwára. Formada por 15 segmentos, sendo cinco oclusivas [b t d k g], duas fricativas [s h], uma africada [tʃ], três nasais [m n ŋ], duas líquidas [r l] e dois glides [w j], a proposta de Boglár não apresenta a oclusiva bilabial surda [p], embora haja a presença de sua contraparte sonora em seus dados. O que deve ser notado também é que o pesquisador coletou seus dados junto aos grupos Waklítisu (Wakalitesú) e objetive ajuda também dos Elótasu (Halotesú) para a confecção de seu breve dicionário da língua.

Cerca de 15 anos depois da publicação do Vocabulário Nambikuara de Boglár (1960), Price (1978) apresenta a fonologia do grupo Kithãulhú, a qual pode ser observada no quadro seguinte:

Tabela 20: Fonologia segmental do Kithãulhú segundo Price (1978).

	Labial	Labiodental	Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva plena	p		t			k k ^w	ʔ
implosiva							
Fricativa			s				h
Nasal			n				
Lateral			l				
Glide		w			j		

Como pode ser observado, existem alguns padrões que se repetem. Com exceção da oclusiva bilabial surda /p/, da oclusiva velar labializada /k^w/ e da oclusiva glotal /ʔ/, todos os fonemas apresentados por Price (1978) estão presentes na proposta anterior a esta.

Em 1986, Lowe realizou trabalho de Campo junto aos Nambikwára da Serra Azul (Kithãulhú) e também apresentou uma proposta para a fonologia da língua, como mostra o quadro seguinte:

Tabela 21: Fonologia segmental consonantal Nambikwára Serra Azul segundo Lowe (1986).

	Labial	Labiodental	Alveolar	Alvéolo-palatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva plena	p		t			k	ʔ
implosiva			d				
Fricativa			s				h
Africada				tx			
Nasal			N n				
Flepe			r				
Lateral			l				
Glide		w			j		

Mais uma vez, é possível perceber parâmetros. A proposta de Lowe (1986) retoma o flepe /r/ de Boglár (1960), reconhece a oclusiva glotal surda apontada por Price (1978), mas desconhece o segmento labializado /k^w/ e acrescenta à sua interpretação fonológica três novos segmentos: a implosiva alveolar sonora representada pelo autor por /d/, a africada alvéolo-palatal /tx/ e a nasal /N/, a qual não teve seu ponto de articulação descrito.

Em seu trabalho contínuo com os Kithãulhú, Lowe (1999) revê o sistema fonológico apresentado por ele anteriormente. Confira:

Tabela 22: Fonologia do sistema consonantal Kithãulhú segundo Lowe (1999).

	Labial	Labiodental	Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva plena	p		t			k	ʔ
implosiva			d				
Fricativa	(f)		s				h
Africada				tx			
Nasal	(m)		n				
Flepe							
Lateral			l				
Glide		w			j		

Na nova proposta sobre a interpretação fonológica para os Kithãulhú, Lowe (1999) omite o flepe /r/, revê a inclusão da nasal /N/ e acrescenta também os fonemas /f/ e /m/, que

são realizados apenas em empréstimos do português na língua. Como pode ser observado, apesar de divergirem em alguns pontos, existe muita semelhança entre as propostas realizadas por Boglár (1960), Price (1978), Lowe (1986, 1999). Cada um desses autores realizou trabalhos com um (Price, 1978; Lowe; 1986, 199) ou dois grupos (BOGLÁR, 1960), sendo todos eles pertencentes a um mesmo grupo dialetal presente na região do Cerrado mato-grossense.

Mais recentemente, Kroeker (2001) apresenta em sua gramática descritiva, uma descrição do sistema da língua Nambikuara. Em seu trabalho, o pesquisador contou com a colaboração dos grupos do Cerrado Halotesú, Kithãlhú, Sawentesú, Wakalitesú (Nambikwára do Campo) e grupos do Vale Wasúsu (Nambikwára do Guaporé) e Katitãulhú (Saráré).

I began fieldwork in 1961 and have lived many years in Nambikuara villages, speaking the language on a daily basis. Over 1,500 pages recorded and transcribed texts form the basis for this paper. Individuals from the various bands who have contributed significantly to this study include Donaldo Kithaulhu, Jaime Halotesu, Coronel Aristides Saxwentesu, Milton Wakalitesu, Yahu Wasusu, and Américo Katitaulhu. (KROEKER, 2001, p. 2)¹⁰¹

A fonologia da língua dada por Kroeker (2001) resultante da análise dos dados de línguas de todos estes grupos pode ser observada a seguir:

Tabela 23: Fonologia da Língua Nambikwára por Kroeker (2001), retirado de Telles (2014, p. 295): dados de fala dos grupos Kithãlhú, Wakalitesú, Wasúsu, Halotesú, Sawentesú e Katitãulhú (Saráré).

		labial	alveolar	alvéolo-palatal	velar	velar labializada	glotal
Oclusivas	Plenas	p	t	j	k	kw	x
	Aspiradas	ph	th		kh	kwh	
	Implosiva						
	Glotalizadas	px	tx	jx	kx	kwx	
Continuantes	Nasais	m	n nx				

¹⁰¹ Dei início ao trabalho de campo em 1961 e vivi por muitos anos em aldeias Nambikuara, usando a língua cotidianamente. Mais de 1500 páginas de textos gravados e transcritos constituem a base deste trabalho. Indivíduos de vários grupos que contribuíram significativamente para este estudo incluem Donaldo Kithaulhu, Jaime Halotesu, Coronel Aristides Saxwentesu, Milton Wakalitesu, Yahu Wasusu, e Américo Katitãulhú (KROEKER, 2001, p. 2, tradução nossa)

	Fricativas	f	s sx				h hx
	Líquidas		l lx				
	Glides	w wh wx		y yx			

A interpretação de Kroeker (2001) traz dados jamais pensados para as línguas Nambikwára. Pela primeira vez, o sistema fonológico segmental consonantal de uma língua Nambikwára é consideravelmente mais amplo que o seu inventário vocálico, algo jamais observado em outras línguas Nambikwára estudadas (TELLES, 2002; ARAÚJO, 2004; EBERHARD, 2009), afastando o Ramo Nambikwára do Sul um pouco mais de suas línguas-irmãs.

Essa interpretação pode ter sido efetivada pela interpretação e análise de dados de fala de letos distintos, separados geograficamente e, possivelmente, linguisticamente. Este fato pode sugerir que existem diferenças segmentais distintas entre a língua falada pelos grupos Nambikwára do Cerrado e a língua utilizada pelos grupos Nambikwára do Vale, fato este que, inicialmente, poderia corroborar com a hipótese de que existem línguas diferentes e com a ideia de que existiria, possivelmente, níveis de inteligibilidade distintas até mesmo entre grupos de línguas distintos pertencentes a este Ramo Linguístico.

2.18 CARACTERÍSTICAS TIPOLOGICAS DAS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA

As línguas Nambikwára já documentadas possuem características linguístico-tipológicas próprias da família.

Dentre as características tipológicas marcantes das línguas integrantes da família Nambikwára estão os inventários segmentais extensos, muitos dos quais apresentam número de fonemas vocálicos maior que o número de fonemas consonantais (EBERHARD, 2009; TELLES; 2002), devido à presença do traço [+laringal], *creaky voice*, para as vogais fonológicas orais e nasais¹⁰².

¹⁰² Quanto ao traço laringal, Kroeker (2001) e Telles (2002, 2013) já registraram em seus trabalhos sobre a descontinuidade de uso das vogais laringais por parte dos falantes de gerações mais jovens (pós-contato). Eberhard (2009) sugere que, além das vogais laringais, o traço laringal integrava o sistema segmental

Ainda no que diz respeito à fonologia, para a maioria das línguas Nambikwára já estudadas, há a presença de complexo sistema tonal em nível lexical, além de consoantes ejectives e implosivas (não-pulmônicas) em formas de superfície (TELLES, 2002; EBERHARD, 2009) e/ ou em formas subjacentes (KROEKER, 2001; ARAÚJO, 2004). Nessas línguas, há uma predominante ocorrência do fenômeno linguístico da polissíntese, no qual a Sintaxe e a Fonologia tendem a interagir.

Os sistemas fonológicos das línguas Nambikwára apresentam prosódia mista, com tom e acento lexicais, operando em nível morfofonológico. Isso tem sido observado no Latundê (TELLES, 2002; pesquisa em andamento), no Mamaindê (EBERHARD, 1995; 2009) e na descrição da língua Nambikwara realizada por KROEKER (2001).

A complexidade fonológica das línguas Nambikwára podem ser decorrentes do alto grau de polissíntese, a exemplo do Latundê (TELLES, 2002), do Lakondê (TELLES, 2002), do Mamaindê (EBERHARD, 1995; 2009), do Negarotê (BRAGA, 2015, pesquisa em andamento).

Em nível fonológico, uma vez que os segmentos das línguas Nambikwára são semelhantes, uma característica marcante para diferenciação linguística entre elas é o template dos arranjos para a constituição da sílaba, como aponta os estudos de Price (1985);

As línguas apresentam tons lexicais, com até quatro manifestações diferentes, sendo tons de nível ou de contorno.

De acordo com Cahill (2001) as línguas Nambikwára apresentam complexos sistemas de evidencialidade, sistema de sufixos complexos para subordinação verbal, classificação nominal, ocorrendo como “*deverbal nominalizers*”, modificando também adjetivos, sintagmas nominais e numerais.

3 A FONOLOGIA SEGMENTAL DOS GRUPOS NAMBIKWÁRA CAMPO

O presente capítulo apresenta a fonologia segmental da língua Nambikwára do Campo. Primeiramente, descrevo os fonemas consonantais, seguida da descrição dos fonemas vocálicos. Finalmente, apresento os ditongos que integram o sistema fonológico segmental da língua. As formas aqui apresentadas partiram da análise dos dados fonéticos coletados através dos três princípios norteadores básicos para descoberta da abordagem estruturalista norte-americana: contraste, distribuição complementar e variação.

Buscou-se, a princípio, através da oposição segmental de pares mínimos em ambientes semelhantes, definir o contraste fonológicos entre formas de superfície distintas. A partir do contraste, foi possível estabelecer a variação alofônica dos respectivos fonemas com base nos princípios de distribuição complementar e variação fonológica.

Há dezesseis vogais fonológicas na língua Nambikwára falada pelo grupo do Campo. A extensão do número de formas subjacentes para as vogais é decorrente da presença do traço *creaky voice* (laringal) para as vogais orais e nasais /i ĩ e a ã u ũ o ı̃ ẽ ą ã ʉ ʊ ɔ/. As formas de superfícies para as vogais podem ser centralizadas no caso das vogais orais altas anteriores e posteriores e a vogal baixa central. Algumas vogais podem também ser nasalizadas ou alongadas.

Os fonemas consonantais da língua são recorrentes em boa parte das línguas Nambikwára já estudadas. Como ocorre com o Latundê (TELLES, 2002), o número de fonemas consonantais é mais restrito. As análises apresentam evidência para a presença de onze segmentos: /p t k d̥ n l s h ʔ w j/.

Devido às múltiplas manifestações fonéticas da nasal alveolar /n/ na posição de *coda*, decorrente da assimilação de traços do ambiente fonológico adjacente, propomos a inclusão de um arquifonema nasal restrito somente a esta posição final de sílaba e representado por /N/.

Como pode ser verificado na descrição segmental da língua, nem sempre foi possível efetivar contrastes fonológicos através de pares mínimos entre alguns dos fonemas apresentados, uma vez que pares mínimos são relativamente escassos nos dados analisados. Conseqüentemente, na ausência de pares mínimos, optamos por recorrer aos pares análogos encontrados nas posições silábicas acentuadas, com formas fonéticas idênticas ou bastante semelhantes. Este cenário também foi encontrado para alguns fonemas em outras línguas da família nos trabalhos de Telles (2002), Araújo (2004) e Eberhard (2009)

3.1 INVENTÁRIO FONÉTICO CONSONANTAL

Foram identificados nos dados analisados, um total de trinta e três formas de superfície distintas¹⁰³, como pode ser observado na tabela 24. Como sugerido pelo IPA, os segmentos apresentados à direita indicam consoantes sonoras.

Tabela 24: Inventário consonantal fonético.

	Bilabial	Labiodental	Alveolar	Alveolopalatal	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva plena	p		t d			k g	ʔ
Oclusiva Aspirada	p ^h		t ^h			k ^h	
Implosiva	ɓ		ɗ				
Ejetivas			tʼ			kʼ	
Fricativa		v	s z	ʃ			h
Africada				tʃ dʒ			
Nasal	m		n		ɲ	ŋ	
Nasal pré-oralizada	^b m		^d n			^g ŋ	
Flepe			r				
Lateral			ɭ l				
Glide		w			j		

Embora o inventário fonético consonantal da língua seja bem extenso¹⁰⁴, suas formas fonológicas são bem reduzidas. As formas de superfície são resultantes de processos fonológicos.

¹⁰³ Desconsideramos para a presente análise os fones utilizados nas palavras “interculturais”, termo utilizado pelos índios para se referirem a palavras cujas formas são empréstimos do português, quais sejam: oclusiva bilabial sonora [b]; as fricativas labiodentais surda e sua contraparte sonora [f] e [v], respectivamente; as fricativas palatais surda e sonora [ʃ] e [ʒ]; a africada alvéolo-palatal sonora [dʒ]; e a líquida não lateral retroflexa [ɭ]. A ocorrência desses fones em empréstimos segue exatamente as mesmas regras da fonologia da língua portuguesa.

¹⁰⁴ O inventário fonético aqui descrito diz respeito às palavras coletadas que não são empréstimos da língua portuguesa. Em palavras emprestadas do português, nas chamadas pelos indígenas “fala intercultural”, há a presença de mais fones oriundos desta língua, em sua variante matogrossense falada no município de Comodoro. As palavras “interculturais” mantêm a raiz da palavra portuguesa acrescida de morfemas como classificadores e

3.2 OPOSIÇÕES CONSONANTAIS

Nesta subseção, apresentaremos as oposições consonantais encontradas em nosso estudo. Na ausência de pares mínimos perfeitos, utilizamos pares análogos para realizar as oposições.

/s/ : /l/

- (01) [ˈsɪsu] ‘formiga’
[waˈlɪsu] ‘serra’

/n/ : /t/

- (02) [jaˈnɪhlu] ‘onça’
[jaˈtɪhlu] ‘veado do cerrado’

/t/ : /k/

- (03) [huˈkɪsu] ‘arco’
[haˈtɪsu] ‘cesta’

/t/ : /l/

- (04) [nũˈtɔwsu] ‘tejú’
[taˈlɔwsu] ‘lagarto, espécie de’

/ʔ/ : /h/

o sufixo referencial –su da língua Nambikwára. Em alguns casos, a depender do indivíduo, a inserção dos classificadores sofrem uma pequena variação, mas as características físicas principais do objeto/ entidade mais marcadas são sempre mantidas. Nessas condições, os fones que não existem nas palavras “genuinamente” Nambikwára, como é o caso das fricativas [f], [v], a vogal nasalizada [õ] e a aproximante retroflexa [ɺ], podem ser ouvidas na fala cotidiana destes indígenas. Com exemplos, temos [moˈrãgukisu], ‘morango’ e [ˈuvakisu], ‘uva’.

- (05) ['hoʔsu] ‘lobo guará’ (KI)
 ['hohsu] ‘macuco’

/s/ : /h/

- (06) ['sohsu] ‘fruta, espécie de’
 ['hohsu] ‘macuco’

3.3 DESCRIÇÃO DOS FONEMAS CONSONANTAIS

Apesar do extenso número de realizações fonéticas na língua Nambikwára dos grupos do Campo, apenas dez, com base em nossa interpretação, se configuram como fonemas. O quadro seguinte apresenta os fonemas da língua:

Tabela 25: Inventário fonológico segmental consonantal.

	Bilabial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p	t		K	ʔ
Nasal		n			
Fricativa		s			h
Lateral		l			
Glide	w		j		

No quadro acima, nota-se que a língua possui uma série de quatro oclusivas /p t k ʔ/, uma nasal /n/, duas fricativas /s h/, uma líquida /l/ e dois glides /w j/. Sua distribuição, bem como suas formas de superfície (alofones) serão descritas na próxima subseções deste trabalho.

3.3.1 Oclusivas

Dentre as oclusivas encontradas, está a série /p t k ʔ/ presente em todas as línguas Nambikwára estudadas (TELLES, 2002; ARAÚJO, 2004; EBERHARD, 2009). A oclusiva bilabial surda /p/ é a mais escassa, com poucos exemplares encontrados, ocorrendo nos dados exclusivamente na posição de *onset*.

O fonema oclusivo glotal surdo /ʔ/, se manifesta como fonema em coda apenas. Nos dados analisados, o fonema oclusivo alveolar surdo /t/ se manifesta nas posições de *onset* e coda. Por sua vez, a oclusiva velar surda /k/ está presente apenas em *onset*

Os fonemas oclusivos, com exceção da oclusiva glotal surda, podem se realizar foneticamente com suas contrapartes sonoras [d] e [g], não-pulmônicas [tʰ], [kʰ], [b], [d] e aspiradas [pʰ], [tʰ] e [kʰ], determinadas por ambiente sonoro ou estando em variação livre.

Embora Kroeker (2001) classifique os fones pré-aspirados como fonemas, nossa interpretação corrobora com a escolha realizada por Lowe (1999) sobre a análise do kithãulhú, selecionando a ocorrências de consoantes oclusivas modais como fonemas e suas contrapartes não-modais laringalizadas (implosivas, pré-aspiradas e ejetivas, no caso do fonema oclusivo alveolar surdo e oclusivo velar surda) como realizações alofônicas. A interpretação das oclusivas plenas como fonemas leva em consideração também o preceito no qual segmentos com traços não-marcados (também chamados modais) são mais comumente encontrados nas línguas do mundo (HYMAN, 1975).

3.3.1.1 /p/

A oclusiva bilabial surda /p/ ocorre com distribuição bastante restrita. Assim como apresentado por Eberhard (2009) para o Mamaindê, poucos foram os exemplos coletados contendo a oclusiva bilabial surda /p/, impossibilitando, portanto, a apresentação de contraste fonológico.

Apesar de sua realização restrita, três foram as realizações fonéticas encontradas para este fonema: sua forma modal e sua forma não-modal aspirada [p], [pʰ], a implosiva bilabial [b] e em apenas uma amostra a nasal bilabial [m]¹⁰⁵.

Todas as realizações fonéticas do fonema /p/ ocorrem exclusivamente na posição inicial de sílaba, em *onset*, geralmente em sílabas acentuadas e formam sílabas com as vogais baixas e altas, quais sejam: /i/, /e/, /a/, /ã/, /ɔ/, /o/.

Em nossas amostras nos dados coletados, este fonema aparece em palavras que aparentam ser empréstimos da língua portuguesa, como é o caso da palavra para boi e em palavras utilizadas para imitar a fala infantil.

(07) /'pitsu/ [ˈpʰitsu]

¹⁰⁵ A forma nasal ocorre no ‘manhês’, a linguagem utilizada com crianças.

	‘abóbora’	
(08)	/ˈpehlu/ ‘melão’	[ˈp ^h e:ru]
(09)	/ˈponsu/ ‘boi, gado’	[ˈp ^h o ^d nsu]
(010)	/ˈpãnpãnala/ ‘não tem’	[pãˈpãnara]
(011)	/ˈpəh/ ‘pedir licença’	[βəh] ~ [p ^h əh]
(012)	/ˌpapaˈtesu/ ‘bebê’	[mamaˈtesu]

Um dos professores da língua comentou sobre a escassez de consoantes bilabiais na fonologia da língua e apresentou a origem do etinômio Katitãulhú (outra denominação para os Sararé) como acomodação fonológica da palavra em língua portuguesa capitão, indicando a escassez de consoantes labiais na língua em questão.

Esta escassez é uma marcada diferença linguística entre os sistemas fonológicos de línguas da mesma família. Nos dados das línguas Nambikwára já estudadas, parece haver uma alternância entre os fonemas /m / ~ [w] ~ /p/, os quais são comumente realizados como o glide labial. Esta alternância “may have been common to all Nambikwara languages but is not regular in Sabanê anymore¹⁰⁶.” (ARAUJO, 2004, p. 22).

3.3.1.2 /t/

/t/ é uma oclusiva alveolar surda bastante frequente na língua Nambikwára falada pelos grupos do Campo. Sua ampla distribuição pode ocorrer nas posições de *onset* e *coda*, sendo a primeira mais frequente.

¹⁰⁶ Pode ter sido comum a todas as línguas Nambikwára, mas não é mais regular em Sabanê.

Quando em *onset*, o fonema /t/ possui como formas de superfície os alofones [t], [t^h], [tʰ], [d], [d] e [t̃], ao passo que em *coda* ele se realiza somente como [t], como mostram os dados (013) e (015).

- | | | |
|-------|---|---|
| (013) | /kĩ'kĩtsu/
'cigarra' | ['kĩkĩt.su] |
| (014) | /'iʔti.su/
'vento' | ['i:tisu] ~ ['i:disu] |
| (015) | /'utsu/
'papa-mel' (<i>Eira barbara</i>) | ['ut.su] |
| (016) | /'tɔnnala/
'nascer' | ['tɔ ^d nnara] |
| (017) | /ha'tɛhnãnsu/
'folha, espécie de' | [ha't ^h ɛhnãnsu] ~ [ha'tɛhnãnsu] |
| (018) | /ka'litisu/
'esquilo' | [ka'lidisu] ~ [ka'litisu] |
| (019) | /ta'litisu/
'trovão' | [ta'litisu] ~ [ta'lidisu] |
| (020) | /ka'tosu/
'zogue-zogue' (<i>Callicebus moloch</i>) | [ka't ^h osu] ~ [ka'tosu] |

Em ambiente de alta sonoridade (intervocálico), especialmente precedido por consoante nasal, a oclusiva alveolar /t/ é sonorizada e se realiza como sua contraparte vozeada [d]:

- | | | |
|-------|--------------------------|--------------|
| (021) | /'wãntihsu/
'palavra' | ['wã:dihsu] |
|-------|--------------------------|--------------|

- (022) /'tʰʌʔsu/ ['tʰa:su] ~ ['dʰa:su] ~ ['dʰa:su]
 'ema'
- (023) /'tuhsu/ ['tuhsu] ~ ['duhsu]
 'abelha'
- (024) /en'tatisu/ [e^dn'dadisu] ~ [e^dn'datisu]
 'cachoeira'

A africada alvéolo-palatal surda [tʰ] ocorre em *onset* apenas, estando ou não em sílaba acentuada, em posição inicial, medial ou final de palavra, sendo decorrente da palatalização da oclusiva alveolar surda /t/.

A africada alvéolo-palatal surda ocorre com as vogais [a], [e] e [u] e é resultado da palatalização do glide palatal [j], com o qual a oclusiva alveolar surda [t] forma o ataque complexo da sílaba. Não foram encontradas ocorrências da africada alvéolo-palatal com vogais laringais.

- (025) /'tjahla/ ['tʰahla]
 'ele'
- (026) /u'tjenakisu/ [u'tʰenakisu]
 'sol'
- (027) /'tjua/ ['tʰua]
 'ali'

Em alguns casos, o ambiente sonoro propicia a realização da africada alvéolo-palatal sonora:

- (028) /'jaintjausu/ ['jai^gηdʒausu]
 'bebida de milho'

O fonema /t/ ocupar a posição de coda silábica, precedendo o sufixo *-su*:

(029) /'kʷtsu/ ['kʷtsu]
 'borrachudo'

(030) /wɔ̃'ɫʷtsu/ [wɔ̃ɫʷtsu]
 'cabaça'

A implosiva alveolar sonora [ɖ] ocorre nos dados da língua. Uma vez que nos dados analisados não tenha sido possível contrastá-la com muitos exemplares com a sua a sua contraparte plena, a oclusiva alveolar surda /t/, devido à sua distribuição, nossa análise a caracteriza como um alofone.

Em outras línguas Nambikwára como é o caso da língua Latundê (TELLES, 2002), as implosivas também foram observadas e interpretadas como alofones das séries de oclusivas, resultantes de processos de glotalização.

Nos dados analisados, a implosiva alveolar sonora [ɖ] ocorreu majoritariamente na fala de pessoas mais velhas. No entanto, parece haver uma concorrência e possível alternância entre o uso da implosiva alveolar sonora [ɖ], a sua correspondente surda pulmônica, a oclusiva alveolar surda [t] e sua contraparte vozeada [d], até mesmo entre os mais velhos. Em muitos casos, é possível perceber o seguinte contínuo e alternância:

ɖ	~	d	~	t
[- corrente de ar]		[+ corrente de ar]		[+ corrente de ar]
		[+vozeamento]		[- vozeamento]

Uma vez que traços laringais tendem a ser neutralizados nas línguas Nambikwára já estudadas (TELLES, 2002; ARAÚJO, 2004; EBERHARD, 2009), especialmente na produção de fala da população mais jovem, a presente interpretação pode indicar também que, o sistema fonológico da língua pode estar se reorganizando internamente.

A implosiva alveolar sonora [ɖ] é realizada na língua somente na posição de *onset*. Embora ela seja comumente seguida de vogais laringais, as quais poderiam engatilhar através do processo fonológico de glotalização a implosão da consoante precedente, o fone [ɖ] forma sílabas também com vogais orais plenas. Em todos os exemplares analisados, a implosiva é realizada somente com o tom baixo, argumento este que pode corroborar com a nossa

interpretação, uma vez que consoantes laringais, como o caso das implosivas, não podem ser realizadas com tons altos.

- | | | |
|-------|-----------------------------|--|
| (031) | /ka' lusatisu/
'morcego' | [ka' lusadisu] ~ [ka' lusatisu] ~ [ka' lusadisu] |
| (032) | /' t̥alu /
'nambu' | ['d̥alu] ~ [d̥alu] |
| (033) | / ka' t̥ihlu/
'pulga' | [ka' d̥iru] ~ [ka' d̥iɽu] |
| (034) | /ti' ahtasu/
'sucuri' | [d̥i' ahtasu] ~ [di' ahtasu] ~ [ti' ahtasu] |
| (035) | /ha' tisu/
'ponte' | [ha' disu] ~ [ha' tisu] |

Com relação à sua ocorrência, a implosiva alveolar sonora ocorre nas posições pré-tônicas (034), tônicas (032, 033, 035) e pós-tônicas (031), em posições inicial e medial de palavra.

Kroeker (2001) sugere que a implosiva alveolar sonora é de fato um fonema. Apesar da sua interpretação, a qual considera letos de grupos distintos da família Nambikwára do Sul, fato este que pode justificar a esta interpretação, uma vez que estes letos podem ser configurados como línguas distintas quando estudados mais detalhadamente, Kroeker (2001) já mencionava a escassez de implosivas, sendo a ocorrências destes fones mais marcadas na fala dos mais velhos.

Em seu trabalho sobre a língua Mamaindê, Eberhard (2009) aponta a hipótese de que as línguas Nambikwára vem sofrendo reorganizações internas em seus sistemas fonológicos apontando para a perda de traços fonológicos como a implosão.

Esta hipótese lança luz sobre a existência de um sistema fonológico apresentando uma série simétrica de três implosivas /b d̥ g̥/ bilabial, alveolar e velar, respectivamente, as quais foram perdidas diacronicamente e sendo distribuídas de forma assimétrica, o que explicaria as

diferentes presenças desse tipo de segmento nas línguas Nambikwára estudadas. Nessas condições:

the complete lack of the imploded voiced velar [g] is not surprising due to typological studies which have established a universal hierarchy for place of articulation of voiced implosives, whereby the most front position is the least marked and the most back position is the most marked. (CROFT, 1990, p.147, apud EBERHARD, 2009, p. 56)¹⁰⁷

Numa língua mais afastada da família, o Sababê, a existência de duas implosivas contrastivas no sistema fonológico do Sabanê (ARAÚJO, 2006), a bilabial sonora /b/ e a alveolar sonora /d/, apesar do distanciamento dessas línguas dentro da família, poderia favorecer a interpretação da implosiva na língua Nambikwára do Campo.

Com bases nos estudos realizados da Família Nambikwára, podemos estabelecer o seguinte quadro acerca da realização fonética e do status fonológico de implosivas nas línguas Nambikwára já estudadas:

Tabela 26: Distribuição de implosivas nas línguas Nambikwára.

Ramo	Nambikwára do Norte			Nambikwára do Sul	Sabanê
Língua	Lakondê	Latundê	Mamaindê	Nambikwára (Campo)	Sabanê
inventário fonético	não possui	[b] [d]	[b] [d]	[b] [d]	[b] [d]
inventário fonológico	não possui	não possui	não possui	não possui	/b/ /d/

Como pode ser observado no quadro acima, todas as línguas Nambikwára já estudadas, com exceção do Lakondê (BRAGA, 2012) apresentam realizações fonéticas de implosivas. No entanto, este traço laringal, o qual poderia ser uma característica marcantes desta família de línguas, está sendo perdido diacronicamente.

¹⁰⁷ A ausência completa da implosiva velar sonora [g] não é uma surpresa devido aos estudos tipológicos que estabeleceram uma hierarquia universal para o ponto de articulação de implosivas sonoras, por meio do qual a posição mais anterior é a menos marcada e a posição mais posterior é a mais marcada (CROFT, 1990, p.147, apud EBERHARD, 2009, p. 56, tradução nossa).

O Sabanê, provavelmente devido ao seu distanciamento estrutural, quando comparado a outras línguas da família, se manteve como a única exceção, possuindo implosivas em seu sistema fonológico.

3.3.1.3 /k/

A oclusiva velar surda /k/ apresenta como formas de superfície os alofones [k], oclusiva velar surda, [g], oclusiva velar sonora, [k^h] oclusiva velar surda aspirada e [kʰ], ejetiva velar surda. Este segmento é amplamente distribuído na língua, estando restrito à posição de *onset*, porém sem restrições quanto à sua ocorrência diante de vogais e ditongos.

A realização do alofone surdo [k] é frequentemente encontrado em início e meio de palavra. Quando em sílaba tônica, há alternância entre a sua correspondente aspirada [k^h].

- | | | |
|-------|-------------------------------------|--|
| (036) | /a'kalosu/
'casca' | [ɐ'kalosu] (KI) ~ [a'k ^h alosu] |
| (037) | /ka'wãnu/
'rio' | [ka'wãɽu] ~ [ka'wãɽu] |
| (038) | /'waiala,kalosu/
'barata' | ['wajala,kalosu] |
| (039) | /kwili'nãnsu/
'ariranha' | [kwiri'nãĩsu] ~ [kwiri'nãĩnsu] |
| (040) | /wa'konnawa/
'estou trabalhando' | [wa'ko ^d nawa] |
| (041) | /kɔ'kɔsu/
'mal' | [kɔ'kɔsu] |
| (042) | /'kãlusu/
'pantanal' | ['kãɽusu] |

- (043) /hu'kẽnsu/ [hu'kẽnsu] ~ [hu'kẽsu]
 'cipó'
- (044) /'kwah.s̩.su/ ['kwahs̩su]
 'pomba'
- (045) /'kĩhsu/ ['kĩ:su] ~ ['kĩhsu]
 'cupinzeiro'
- (046) /'kũtsu/ ['kũtsu]
 'borrachudo'

O fonema /k/ pode ser realizado como sua contraparte sonora, quando em ambiente intravocálico ou precedida de nasal, somente quando a vogal que forma sílaba com [g] for a vogal alta não-arredondada [i]:

- (047) /j̩a'nũnkisu/ [j̩a'nũŋgisu] ~ [j̩a'nũgisu]
 'carvão'
- (048) /kanaki/ [kanagi]
 'dois'
- (049) /anũnkisu/ [a'nũgi:su]
 'seio'

A depender da velocidade de fala, a oclusiva velar surda /k/ pode ser labializada [k^w] ou labializada e aspirada [k^{wh}]. Nas amostras dos dados analisados, a oclusiva labializada só ocorre quando o núcleo silábico é a vogal alta anterior não-arredondada /i/ ou a vogal /a/ e a oclusiva velar é seguida do glide labial [w].

- (050) /'kwihlin̩̩isu/ ['k^wihlin̩̩isu]
 'ariranha'
- (051) /'kw̩akalisu/ ['k^w̩akalisu] ~ ['kw̩agalisu]

‘veado manteiro’

A oclusiva velar surda pode também ser aspirada [k^h]. Este alofone sempre acontece quando em onset de sílaba acentuada:

(052) /wi'katisu/ [wi'kadisu] ~ [wi'k^hatisu] ~ [wi'katisu]
 ‘névoa’

(053) /'kaisu/ ['k^hajsu]
 ‘quati’

A labialização da oclusiva velar surda seguida por aspiração [k^{wh}] só foi identificada em uma única palavra dos dados analisados:

(054) /'kwiʔtisu/ ['k^{wh}iʔtisu]
 ‘veado, espécie de’

A ejetiva velar [kʔ] também pôde ser encontrada nos dados analisados, em variação livre, geralmente resultante da fala de pessoas mais idosas e em posição de acento:

(055) /'kwãnkisu/ ['kwãkʔisu] ~ ['kwãgisu]
 ‘cova’

(056) /wajalakãʔ'kãʔt̩t̩isu / [wajalakã:k'ãʔt̩t̩disu] ~ [wajalakã'gã:d̩d̩isu]
 ‘cachorro-vinagre’ (*Speothos venaticus*)

3.3.1.4 /ʔ/

O fonema oclusivo glotal surdo /ʔ/ está presente na sílaba somente em posição de coda, precedida pelas vogais [i, o, u]. A oclusiva glotal surda também pode ser apagada na superfície, como em (057, 062, 063), engatilhando alongamento vocálico.

- (057) /'hoʔsu/ ['ho:su] (KI)
 ‘lobo guará’
- (058) /'kwhiʔtisu/ ['k^{wh}iʔtisu]
 ‘veado, espécie de’
- (059) /'uʔtisu/ ['uʔtisu]
 ‘urutau’
- (060) /wa'luʔtsu/ [wa'luʔtsu]
 ‘cabaça’
- (061) /'həʔtisu/ ['həʔtisu] ~ ['hə:disu]
 ‘ponte’
- (062) /ka'liʔkisu/ [ka'liʔkisu] ~ [ka'li:kisu]
 ‘ipê amarelo’
- (063) /wəʔ'tĩnkalisu/ [wəʔ'tĩ:kalisu]
 ‘tamanduá, espécie de’ (KI)
- (064) /ka'naʔtisu/ [ka'na:disu] ~ [ka'naʔtisu]
 ‘noite’

A oclusiva glotal surda pode também ser um dos segmentos integrantes da coda ramificada.

- (065) /'kũnʔsu/ [kũ:ʔsu]
 ‘mosquito’
- (066) /'ĩnʔnala/ ['ĩ:ʔnara]
 ‘está brilhando’

3.3.2 Fricativas

O inventário fonológico consonantal da língua Nambikwára do Campo é constituído por duas fricativas, a saber: a fricativa alveolar surda /s/ e a fricativa glotal surda /h/. A distribuição e seus ambientes de ocorrência são dados a seguir.

3.3.2.1 /s/

A Fricativa alveolar surda/s/ possui larga distribuição na língua, estando licenciada para ocupar a posição de *onset* silábico apenas. Suas realizações alofônicas incluem [s], sua contraparte sonora [z], as fricativas alvéolo-palatais [ʃ], [ʒ], sua forma pré-glotalizada [ʔs], a oclusiva surda aspirada [t^h] e o tepe [r].

(067) /sa'wihlu/ [sa'wi:ru] ~ [sa'wi:lu]
 ‘periquito’

(068) /se'sekisu/ [sɪ'sekisu] ~ [se'sekisu]
 ‘escorpião’

(069) /tena'soli/ [tena'soli]
 ‘só isso’

Quando em ambiente sonoro, precedida da nasal alveolar [n] em coda, o traço da consoante nasal pode ser espriado para a fricativa alveolar surda por assimilação, podendo ser realizada a sua contraparte sonora [z]:

(070) /tah'lensu/ [tah'lẽzu] ~ [tah'lensu]
 ‘caverna’

(071) /oh'sĩnsu/ [oh'sĩnsu] ~ [oh'sĩzu]
 ‘nuvem’

Quando em posição pós-tônica, em onset silábico, e precedida pela fricativa glotal surda ou pela nasal alveolar [n], a fricativa alveolar surda /s/ pode se realizar foneticamente em sua forma pré-glotalizada [ʔs]:

(072) /'hohsu/ ['hohʔsu] ~ ['hohsu]
 ‘macuco’

(073) /'naĩnsu/ ['naĩnʔsu] ~ ['naĩnsu]
 ‘crocodilo’
 ‘

O fonema /s/ pode também sofrer rotacismo, tendo como forma de superfície o tepe [r]. Este processo é engatilhado pela fricativa glotal em coda na sílaba anterior:

(074) /a, nũn'kwajhsu/ [anũ'kwajru]
 ‘peito’

Quando precedida por nasal com subspecificação, /s/ pode sofrer processo fonológico, realizando-se como a oclusiva alveolar surda aspirada [t^h], como pode ser observado em (075). No item (076), sem vogal nasal, há realização de [s]:

(075) /a'nẽnʔkĩnsu/ [a'nẽn:ʔkĩt^hu]
 ‘cabelo’

(076) /a'nẽnʔkisu/ [a'nẽn:ʔkisu] ~ [a'nẽn:gisu]
 ‘cabeça’

3.3.2.2 /h/

A fricativa glotal surda /h/ ocorre em muitas formas na língua, na posição de *onset* e *coda* silábicos, sendo possível formar sílabas com /h/ ocupando as posições iniciais e finais de sílaba simultaneamente, como pode ser observado no item (081).

Sua ocorrência pode ser observada diante de qualquer vogal ou ditongo, em início e meio de palavras e em posições tônicas e átonas.

(077)	/hu'kisu/ 'arco'	[hu'kisu]
(078)	/hi'kisu/ 'fruta'	[hi'kisu]
(079)	/ha'tisu/ 'cesta'	['hatisu]
(080)	/'hinãñ/ 'hoje, agora'	[hi'nã]
(081)	/tu'hahtasu/ 'abelha, espécie de'	[tu'hahtasu]
(082)	/hi'ekalosu/ 'carro'	[hi'ekalosu]
(083)	/sih'sakisu/ 'curió'	[sih'sakisu] ~ [si:'sakisu]
(084)	/he'nãwsu/ 'coró de buriti'	[he'nãwsu]
(085)	/,hika'tahsu/ 'estrela'	[hika'tahsu]

Quando em posição de *coda* silábica, a fricativa glotal surda de [h] tende a ocorrer em sílabas acentuadas. Muitas vezes a realização desta fricativa nesta posição acontece por uma aspiração bastante sutil, a qual pode ser apagada e resultar em alongamento vocálico e/ ou rotacismo de segmentos laterais adjacentes.

(086)	/'sihsu/ 'casa'	['sihsu] ~ ['si:su]
-------	--------------------	---------------------

(087)	/ˈhohsu/ ‘macuco’	[ˈhohˈsu]
(088)	/ˈhɛhlu/ ‘buriti’	[ˈhɛːru] ~ [ˈhɛːlu]
(089)	/tahˈlitisu/ ‘trovão’	[taˈritisu] ~ [tahˈlitisu]

3.3.3 Nasais

A língua Nambikwára do Campo apresenta apenas uma nasal em seu sistema fonológico, a nasal alveolar /n/. Este fonema, a depender de sua posição silábica, pode apresentar a mais larga variação fonética da língua.

A ausência da nasal bilabial se mostra como uma marcada diferença fonológica do Ramo do Sul, uma vez que todas as outras línguas dos outros ramos da família Nambikwára já estudados (Nambikwára do Norte e Sabanê) possuem nasal bilabial em seus respectivos sistemas fonológicos.

A análise detalhada desse fonema, bem como fenômenos fonológicos referentes à nasalidade, pode vir a dar pistas sobre como os sistemas fonológicos das línguas Nambikwára se diferenciaram entre si, uma vez que a ausência da nasal bilabial /m/ pode indicar que 1) foi perdida diacronicamente ou 2) foi desenvolvida nas outras línguas Nambikwára a partir do distanciamento geográfico, sendo considerada uma “inovação” linguística.

3.3.3.1 /n/

A nasal alveolar /n/ é o único segmento fonológico nasal comportado na língua. Sua realização acontece nas posições de *onset* e *coda*, estando presente em posição inicial, medial e final de palavra. Quando em *coda*, a nasal alveolar apresenta larga variação alofônica, decorrente da assimilação dos traços da consoante em *onset* da sílaba seguinte.

Na posição de *onset*, a nasal alveolar /n/ possui duas realizações distintas: sua forma modal [n] e sua contraparte não-modal pré-glotalizada [ʔn].

- (090) /'sãŋesu/ ['sãŋesu]
 ‘pimentão’

A nasal alveolar pré-gotalizada [ʔn] ocorre quando precedida pela fricativa glotal surda.

- (091) /hi'waun-tisah-na-wa/ [hiwaw^bmdisah^ʔnawa]
 ‘estou preocupado’

A nasal em coda se comporta diferentemente quando comparada à suas formas em onset e por isso a descreveremos especificamente na seção seguinte.

3.3.3.2 O comportamento da nasal alveolar /n/ em coda

Como Telles (2002) apontou, o comportamento da nasal nas línguas Nambikwára pode ser analisada de forma distinta. No caso dos dados analisados da língua objeto de estudo, a nasal em coda /n/ apresenta subespecificação do ponto de articulação, realizando-se de acordo com o ponto de articulação do segmento adjacente através de assimilação.

A subespecificação descrita por Telles (2002) foi também observada por Eberhard (2009) e Braga (2012) nas línguas Mamaindê e Lakondê, respectivamente, ambas línguas Nambikwára do Norte

As múltiplas formas de superfície para a nasal alveolar compreendem nasais plenas [n], [m], [ŋ] e formas pré-oralizadas [ᵈn], [ᵇm], [ᵍŋ]. O fenômeno de consoantes nasais pré-oralizadas tem sido registrado de forma recorrente nas línguas indígenas brasileiras, especialmente em casas em que não há contraste fonológico entre segmentos labiais e alveolares como, entre as nasais [m]: [n].

Na família Nambikwára, as línguas Latundê e Lakondê (TELLES; 2002), Mamaindê (2009) e Sabanê (2006) possuem em seus respectivos sistemas fonológicos o fonema /m/. Na língua Nambikwára falada pelos grupos do Campo, não foi encontrado oposição fonológica para esta consoante, embora ela possa ser realizada foneticamente, mais frequentemente em sua forma pré-oralizada [ᵇm]. A ausência do fonema nasal bilabial nesta língua, pode indicar que ele foi perdido diacronicamente.

Em nossos dados, a forma mais frequente é a realização fonética da nasal alveolar pré-oralizada [ᵈn]. Sua realização ocorre quando o segmento em *onset* da sílaba seguinte é uma consoante homorgânica, a oclusiva alveolar surda, a fricativa alveolar surda ou a nasal

alveolar. Todas as nasais pré-oralizadas acontecem somente quando são segmentos subsequentes a vogais orais /a ɔ e i o/:

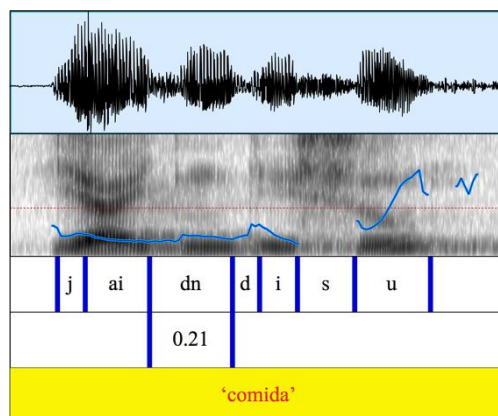
- | | | |
|--------|--|---|
| (092) | / 'entatisu/
'cachoeira' | ['e ^d ndadisu] |
| (093) | / wɔ ^h 'jentakihnũnsu/
'coruja buraqueira' | [wɔ ^h 'je ^d ndakihnũnsu] |
| (094) | / 'tɔntisu/
'camará amarelo' | ['ta ^d ndisu] ~ ['ta ^d ntisu] |
| (095) | / a ^h 'sinsu/
'rastro' | [a ^h 'si ^d nsu] |
| (096) | / 'kɔlensu/
'rã' | ['kɔle ^d nsu] |
| (097) | / 'wan-nala/
'ele está gritando' | ['wa ^d nnara] |
| (098) | / 'ten-nala/
'ele está querendo' | ['te ^d nara] |
| (099) | / wa ^h 'konala/
'ele está trabalhando' | [wa ^h 'ko ^d nara] |
| (0100) | / he ^h 'henala/
'vermelho' | [he ^h 'he ^d nara] |
| (0101) | / nẽn ^h 'onawa/
'tá fazendo barulho' | [nẽn ^h : 'o ^d nawa] |
| (0102) | / wen ^h 'sahnawa/
'fazendo barulho' | [we ^d n ^h 'sahnawa] |

‘estou tonto

(0103)	/ 'ponsu/ ‘boi’	['p ^h o ^d nsu]
(0104)	/ 'jansu/ ‘jenipapo’	['ja ^d nsu]
(0105)	/a' lantisu/ ‘dia’	[a' la ^d ndisu]
(0106)	/kwa' lansu/ ‘braçadeira’	[kwa' la ^d nsu]
(0107)	/sa' wensu/ ‘mata’	[sa' we ^d nsu] ~ [sa' we ^d nsu]
(0108)	/jaintisu/ ‘comida’	['iaj ^d ndisu] ~ ['iaj ^d ntisu]
(0109)	/ 'wensu/ ‘planície’	['we ^d nsu]
(0110)	/ 'nenala/ ‘é assim’	[nẽnara] ~ ['nenara]

Para demonstrar acusticamente a realização das consoantes nasais pré-oralizadas, plotamos imagens para ilustrar a presença de tais segmentos. Nas imagens, indicamos também a transcrição fonética da palavra, a duração dos seguimentos e a glosa da palavra para língua portuguesa. O contorno de cor azul presente na imagem representa a realização fonética do *pitch*, sobre o qual descreveremos no Capítulo 3.

Figura 11: Espectrograma com a pré-oralização [^dn], exemplo (0108).



A nasal alveolar /n/ também ocorre em *coda*, quando precedida de vogal nasal. Geralmente, a nasal [n] é apagada foneticamente, resultando em alongamento compensatório da vogal que a precede.

(0111) /'nũnsu/ [nũ:su]
 'massa'

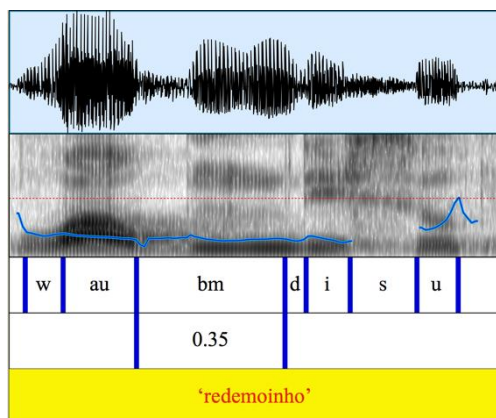
A nasal bilabial pré-oralizada [^bm] e a nasal bilabial [m] também se manifestam foneticamente como alofones de /n/. O [m] é condicionado pelo ditongo [ãu] e a pré-oralização ocorre quando o ditongo é oral [au]:

(0112) /'wauntisu/ ['wau^bmdisu]
 'redemoinho'

(0113) /hi'waun-tisah-na-wa/ [hi'waw^bmdisah[?]nawa]
 'estou preocupado'

(0114) /'tãun-ta-la/ ['tãwmdara]
 'ele está assobiando'

Figura 12: Espectrograma da consoante pré-oralizada [ᵐ], exemplo (0112).



Quando seguida pela oclusiva velar surda /k/, vogal alta ou vogal nasal, nasal sofre velarização para o fone [ŋ]:

(0115) /jalana'hainkitjalosu/ [jalana'haŋgitʃalosu]
 'tucano cantador', espécie de

(0116) /'kwẽnka/ ['kwẽŋga]
 'ano'

Quando seguida pela oclusiva velar surda /k/ e a vogal precedente é oral, a nasal assimila seu ponto de articulação e se realiza como a nasal velar pré-oralizada [ᵏŋ]:

(0117) /tauã'nũnkatawa'konkitala/ [tawanũkada-wakoᵏŋgitara]
 'nós estamos trabalhando'

(0118) /wa'kon-ki-na-la/ [wa'koᵏŋginara]
 'ele trabalha para ele (outro)'

3.3.4 Líquidas

Como nas línguas Nambikwára já estudadas, a língua Nambikwára do Campo apresenta uma líquida lateral alveolar /l/. A análise preliminar da líquida lateral alveolar, aponta para as realizações das seguintes formas de superfície: [l, r, l̥].

Faz-se necessário determinar o ambiente no qual os alofones ocorrem, bem como os processos fonológicos envolvidos.

Preliminarmente, foi observada uma flutuação entre o traço [+lateral] e [-lateral], o qual pousa uma questão decorrente de uma restrição sociolinguística, uma vez que os índios Nambikwára do Cerrado (incluindo o Grupo Nambikwára do Campo) usam o flap [ɾ] como uma marca linguística de sua fala para se diferenciarem dos grupos Nambikwára do Sul encontrados no Vale do Guaporé que preferem a forma [l].

3.3.4.1 /l/

A língua Nambikwára do Campo possui apenas com uma consoante lateral no seu inventário fonológico, a líquida lateral /l/.

Esta consoante se realiza quase que exclusivamente na posição de *onset* silábico, estando distribuída em início, meio e final de palavra.

Em uma das amostras dos dados, a líquida lateral foi encontrada em coda, seguida de consoante também alveolar. Suas realizações fonéticas são, além de sua forma modal, suas correspondentes surda, sonora e o tepe, líquida não-lateral: [l̥, l, ɾ].

Suas realizações modais [l] se restringem à posição tônica e pós-tônica de palavra.

(0119) /kã'ľusu/ ‘pantanal’	[kã'ľusu]
(0120) /wa'ľöhsu/ ‘caracol’	[wa'ľöhsu]
(0121) /ka'ľilitsu/ ‘grilo’	[ka'ľilitsu]
(0122) /ãũ'ľätisu / ‘cobra verde’	[ãũ'ľätisu]
(0123) /aka'ľäkisu/ ‘forquilha’	[aka'ľäkisu]

(0124) /aka'lakisu/
 ‘ombro’ [aka'lakisu]

(0125) /a'lokisu/
 ‘coco tucum’ [a'lokisu]

O tepe [ɾ] geralmente é engatilhado pela presença da consoante oclusiva glotal surda [h] em coda, mas parece estar em constante flutuação entre sua contraparte lateral [l].

O fone [ɾ] sempre em final de palavra e em posição pós-tônica e, quando engatilhado pela fricativa glotal surda [h], pode gerar alongamento vocálico do núcleo silábico. Ele ocorre somente com as vogais /i/, /a/ e /u/. Em fim de palavra /-la/ é sempre pronunciado como [-ra] pelo grupo do Campo:

(0126) /ha'li/
 ‘dois’ [ha'ri] ~ [ha'li]

(0127) /'ihlu/
 ‘bugio’ ['i:ru] ~ ['ihlu]

(0128) /'tɛhlu/
 ‘mosca’ ['tɛ:lu] ~ ['tɛ:ru] ~ ['dɛ:ru]

(0129) /'hãinala/
 ‘está cantando’ [hã^dnara]

(0130) /'kwihli, nãĩNsu/
 ‘ariranha’ ['kwiri, nãĩsu] ~ ['kwiri, nãĩnsu]

Existe uma flutuação fonética entre o flepe e a líquida lateral bem aparente nos dados de falas dos grupos do Campo e a utilização do flepe é constantemente preferida e aceita nas aldeias. O flepe é também comumente referido como uma marca de identidade linguística dos povos Nambikwára do Sul, sendo a forma preferida por todos que habitam a região do cerrado.

A líquida lateral /l/ é a única consoante da língua que sofre processo de desvozeamento, processo este que independe da presença da fricativa glotal [h] para engatilhar esta forma de superfície:

(0131) /ha'lauhl/ [ha'law̩u]
 'sapo cururu'

(0132) /ja'təh̩lu/ [ja'təh̩u]
 'veado do cerrado'

(0133) /kawānlu/ [ka'wān̩u]
 'rio'

A líquida [l] em posição de coda foi encontrada somente no exemplar seguinte. Nele, pode haver assimilação seguida por apagamento da líquida, decorrente do ponto de articulação, uma vez que a consoante nasal da sílaba seguinte é homorgânica:

(0134) /'wilnala/ ['vɪnara] ~ ['wɪlnara]
 'é bom'

3.3.5 Glides

Dois são os glides encontrados em nossas análises: o glide labial /w/ e o glide palatal /j/. Ambos os fonemas ocorrem largamente na língua, unindo-se com quase todas as vogais para formar sílabas.

3.3.5.1 *Glide labial /w/*

O glide labial /w/ possui sua distribuição bastante ampla, não ocorrendo diante de vogal alta posterior /u/. Nossas análises mapearam sua realização na posição de *onset* silábico, ocorrendo em *coda* apenas em sílaba fonética (0148), como pode ser observado nos dados abaixo.

Suas formas de superfície encontradas são o glide labial [w] e a fricativa labiodental, [v]. A forma de superfície [w] ocorre na posição de *onset* e se une a vogais orais, nasais, laringais orais, laringais nasais e ao ditongo /ai/ (0135) para formar sílabas:

(0135) /'wainã/ ‘você’	['wainã]
(0136) /wãn'lakalosu/ ‘roupa’	['wãnlakalosu] ~ ['wãlakalosu]
(0137) /asi'weh.lu / ‘rabo’	[asi'we:ru] ~ [asi'wehlu]
(0138) /'wensahnala/ ‘ele está tonto’	['we ^d nsahnara]
(0139) /'walinũnsu/ ‘queijo’	['walinũ:su] ~ ['walinũnsu]
(0140) /'wãnkãnu/ ‘garça’	['wã:kãlu] ~ ['wãngãlu]
(0141) /'wãnlakalosu/ ‘pano’	['wãnlakalosu]
(0142) /'waitsu/ ‘açai’	['waitsu]
(0143) /'kwalajisu/ ‘aranha’	['kwalajisu]
(0144) /wa'jentisu/ ‘coruja’	[wa'je ^d ndisu] ~ [wa'je ^d ntisu]
(0145) /a'wisu/ ‘dente’	[a'wisu] ~ [e'wisu] (KI)

(0146) /'kwalatalisu/ ['kwalatalisu]
 'sabiá'

(0147) /watãuwa'tãunala / [watãuwa'tãunara]
 'é redondo'

(0148) /,tau'tatasu/ [taw'tatasu]
 'gavião real'

A depender da velocidade de fala, quando em início de palavras e seguida pela vogal alta [i], o glide labial pode se realizar foneticamente como [v], uma fricativa labiodental:

(0149) /'wikatisu/ ['vikadisu] ~ ['wikatisu]
 'névoa'

(0150) /'wilnala/ ['vinara] ~ ['wilnara] ~ ['wi:nara]
 'é bom'

3.3.5.2 /j/

O glide palatal /j/ ocorre largamente na língua, ocupando a posição de *onset* formando sílabas com vogais e, em alguns casos, a segunda posição de *onset* complexo, sendo precedido pela oclusiva alveolar surda [t] ou pela fricativa alveolar surda [s], engatilhando o processo fonológico de palatalização e sendo realizado como a africada alvéolo-palatal surda [tʃ] e a fricativa palatal surda [ʃ], respectivamente. O glide /j/ pode também se realizar foneticamente na posição de coda (0163) como a forma [j].

(0151) /'juhlinala/ ['juhɭinara]
 'ele está com medo'

(0152) /'juhlu/ ['juhlu] ~ ['ju:ɭu] ~ ['juhɭu]
 'faca'

(0153) /'jakisu/ ['jakisu]

	‘porco’	
(0154)	/ju'jutsu/ ‘pica pau, espécie de’	[ju'jutsu]
(0155)	/je'ninala/ ‘ele está descansando’	[je'ninara]
(0156)	/'jahkisu/ ‘catitu’	['jãhkisu]
(0157)	/,aju'kisu/ ‘pneu’	[,ɐju'kisu] (KI) ~ [aju'kisu]
(0158)	/,ajo'wetsu/ ‘barba’	[ɐjo'wetsu] ~ [ajo'wetsu]
(0159)	/,ajeta'kɔtsu/ ‘pescoço’	[,ajeta'kɔtsu]
(0160)	/,asjuka'titisu/ ‘canela da perna’	[aʃuka'tidisu] ~ [asjuka'tidisu]
(0161)	/ka'jatjaosu/ ‘chicha’	[ka'jatʃaosu]
(0162)	/'tjũnne/ ‘pequeno’	['tʃũ:ne]
(0163)	/'wainã/ ‘você’	['wajnã]

Quando seguida pela vogal nasal /ũ/, o glide /j/ sofre assimilação do traço nasal e se manifesta como a nasal palatal [ɲ]:

(0164) /jũn'jũnkisu/ 'minhoca'	[nũ'nũkisu] ~ [jũ'nũgisu]
(0165) /'jũnsu/ 'carrapato'	['nũsu]
(0166) /'jũnawa/ 'não tem' (zero)	['jũnawa] ~ ['nũnawa]

A realização fonética dos glides pode ser observada em ambas as posições de *onset* e coda. No entanto, o status fonológico do glide depende de sua posição na sílaba em *onset*, os glides se comportam como uma consoante, ao passo que quando junta ao núcleo, se comporta como vogal.

Esse fenômeno fonológico já foi observado na língua Nambikwára do Norte Mamaindê (EBERHARD, 2009). A presença do núcleo ramificado não ocorre em outra língua Nambikwára do Norte, o Latundê, como observado por Telles (2002), uma vez que o núcleo é licenciado por apenas uma vogal.

O quadro seguinte apresenta uma sistematização da relação fonemas consonantais e seus respectivos alofones. As interpretações aqui apresentadas precisam ser verificadas para que seja possível determinar as formas subjacentes apresentadas com mais precisão.

Tabela 27: Quadro esquemático dos fonemas e suas variações alofônicas.

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p [p, p ^h , ɓ, m]	t [t, d, d̥, t ^h , t', t̃, d̃ʒ]		k [k, k ^h , k ^w , k ^{wh} , k', g]	ʔ [ʔ]
Nasal		n [n, m, ʔn, d̃n, b̃m, ŋ, ɡ̃ŋ]			
Fricativa		s [t ^h , s, ʔs, z, r, ʃ, ʒ]			h [h]
Lateral		l [l, l, r]			
Glide	w [w] [v]		j [j, ɲ]		

Como pode ser observado, existe uma larga realização fonética para os 10 fonemas consonantais do cerrado, decorrentes de variação livre ou processos fonológicos. Os processos fonológicos envolvendo os fonemas consonantais serão descritos no Capítulo 3.

3.4 Os fonemas vocálicos

Os fonemas vocálicos na língua Nambikwára do Campo são mais numerosos que os fonemas consonantais da língua, por apresentarem vogais orais, vogais nasais e vogais laringais orais e nasais, totalizando 16 segmentos com status fonológicos.

Nossas análises demonstram que todas as séries de vogais /i e a o u/ apresentam suas contrapartes laringais. A vogais médias /e o/ não apresentam suas contrapartes nasais e nasais laringais, embora análises detalhadas para confirmar a presente hipótese sejam necessárias.

Tabela 28: Inventário fonológico vocálico.

	VOGAIS			VOGAIS LARINGAIS		
	Anteriores	Central	Posteriores (arredondadas)	Anteriores	Central	Posteriores (arredondadas)
ALTAS	i		u	ĩ		ũ
ALTAS NASAIS	ĩ		ũ	ĩ		ũ
MÉDIAS	e		o	ẽ		õ
BAIXA		A			ã	
BAIXA NASAL		Ã			ã	

Nesta seção, fornecemos as oposições vocálicas, bem como a descrição e distribuição dos fonemas vocálicos na língua.

3.4.1 Identificação dos fonemas vocálicos

Dentre as formas fonéticas encontradas e analisadas na língua Nambikwára do Campo, dezesseis integram o inventário segmental vocálico, sendo as outras vogais analisadas alofones ou decorrentes de processos fonológicos.

/a/ : /ã/ : /ã̃/

[a'lasu] 'jacu'

[a'lã:su] 'arara'

[a'lã̃:su] 'ipê roxo'

/a/ : /ã/

['walusu] 'urubu'

['wãlusu] 'caracol'

['ãlusu] 'tatu bola'

['alusu] 'rato'

/a/ : /e/

[ahlu] 'tatu, espécie de' /ahlu/

[e:ru] 'caju' /ẽhsu/

/i/ : /u/

['hikisu] 'fruto'

['hukisu] 'arco'

/i/ : /y/

[wa'lisu] 'serra'

[wa'lyusu] 'cabaça'

/ĩ/ : /j/

['ĩsu] 'carrapato, espécie de'

['jsu] 'espécie de cobra'

/ĩ/ : /j̃/

['wĩnsu] ‘espécie de sapo’

['wĩnsu] ‘batata doce’

['ĩnara] ‘está mordendo’

['ĩnara] ‘está vendo’

/e/ : /ẽ/

[hi'nekisu] ‘árvore’

[hi'nẽkisu] ‘raiz’

['e:su] ‘machado’

['ẽ:ru] ‘caju’

/ẽ/ : /ũ/

['ũ:su] ‘capivara’

['ẽsu] ‘andorinha’

/u/ : /ũ/

[a'lusu] ‘tatu bola’

[a'l̃usu] ‘louva-a-deus’

/u/ : /ũ/

[a'lusu] ‘rato’

[a'l̃ũ:su] ‘anta’

/o/ : /õ/

[k̃o'k̃osu] ‘mal’

[ohna'kosu] ‘céu’

Tabela 29: Inventário fonético das vogais dos grupos Nambikwára do Campo.

	VOGAIS			VOGAIS LARINGAIS		
	Anteriores	Central	Posteriores	Anteriores	Central	Posteriores

			(arredondadas)			(arredondadas)
altas	i, i:		u, u:	ĩ, ĩ:		ũ, ũ:
quase fechada	ɪ					ʊ
altas nasais	ĩ, ĩ:		ũ, ũ:	ĩ, ĩ:		ũ, ũ:
médias fechadas	e, e:		o, o:	ẽ, ẽ:		õ, õ:
médias fechadas nasais	ẽ, ẽ:			ẽ, ẽ:		
baixa		ɐ				
baixa		a, a:			ã, ã:	
Baixa nasal		ã, ã:			ã, ã:	

Todas as vogais orais possuem suas contrapartes nasais e laringais (orais e nasais), com exceção das vogais /o/ e /õ/ que nos dados analisados jamais são nasalizadas. As vogais altas /i u/, bem como a vogal baixa central não-arredondada /a/ podem possuir, respectivamente formas alofônicas [ɪ], [ʊ] e [ɐ] em sílabas não-acentuadas. Quando seguidas por coda, quando esta sofre apagamento, as vogais são alongadas. O quadro seguinte apresenta um resumo dos fones vocálicos da língua.

3.4.2 Vogais Orais

As vogais orais na língua Nambikwára falada pelo grupo Nambikwára do Campo são cinco, quais sejam: /i e a o u/. Todas estas vogais desta série apresentam o contraste fonológico laringal, muitas vezes referido na literatura como *creaky voice*, /ĩ ẽ ã õ u/, totalizando dez vogais orais.

Assim como ocorre com as consoantes, os traços laringais são mais sutis, podendo muitas vezes serem neutralizados nas vogais presentes na fala das gerações mais jovens¹⁰⁸.

¹⁰⁸ A neutralização de vogais laringais na fala das gerações mais novas já foi observada por Telles (2002), Eberhard (2009) para as línguas Latundê e Lakondê (TELLES, 2002) e Mamaindê (EBERHARD, 2009). Uma vez que a laringalização é um traço fonológico não-marcado e tendo em vista o constante contato dos índios Nambikwára com o português, pode haver influência da língua portuguesa para a perda deste traço. Apesar de os índios Nambikwára aprenderem concomitantemente as duas línguas, sendo a língua materna indígena adquirida no cotidiano e aprendida na escola indígena da comunidade, uma vez que o ensino médio não é ofertado em

Em seu trabalho sobre as línguas Latundê e Lakondê, Telles (2002) já sinalizava que os traços laringais tendem a ser perdidos diacronicamente. Segundo a pesquisadora: “Sons menos frequentes e mais raros nas línguas do mundo, portanto não-universais, sobretudo em situações de línguas em contato, tendem a mudar com o passar do tempo, caminhando em direção à perda dos traços menos naturais” (TELLES, 2002, p.84).

3.4.2.1 /i/ e /i̥/

A vogal alta anterior não-arredondada /i/ e a sua contraparte laringal /i̥/ são amplamente distribuídas na língua, podendo formar sílabas com quaisquer segmentos consonantais das línguas, com exceção do glide palatal /j/.

Elas ocorrem em núcleo silábico na primeira posição quando em núcleos simples e na segunda posição, no caso da vogal /i/, quando em núcleo ramificado.

(0167) /'pitsu/ 'abóbora'	['p ^h itsu]
(0168) /wa'tikalisu/ 'tamanduá, espécie de' (Ha)	[wa'tikalisu] ~ [wa'dikalisu]
(0169) /ki'nũsu'/ 'terra'	[ki'nũ:su]
(0170) /'kĩhsu/ 'cupinzeiro'	['kĩ:su] ~ ['kĩhsu]
(0171) /wi'winnala/ 'é vermelho'	[wi'wi ^d nara]

escolas indígenas localizadas no município, existe a necessidade de buscar nas escolas da cidade nas quais o português é a única língua utilizada para instrução, fato este que pode influenciar na perda progressiva do traço laringal. Já nas falas dos mais velhos, uma vez que aprenderam português tardiamente ou tiveram pouco ou nenhum acesso à instrução e ao ensino formal em escolas, os traços laringais são mais evidenciados. Apesar de mais sutis nos mais novos, os traços laringais ainda podem ser perceptíveis por eles, uma vez que costumavam me corrigir, quando, ao tentar pronunciar alguma palavra durante as sessões, acabava por omiti-los.

- (0172) /wa' linsu/ [wa' li^dnsu]
 ‘mandioca’
- (0173) /a-hi' kisu/ [ahi' kisu] ~ [ɸhi' kisu]
 ‘mão’

As vogais /i/ e /i/ podem ser alongadas, realizando-se, respectivamente como [i:] e [i:], em sílaba acentuada, seguida de coda com os segmentos [h] ou [ʔ] através de alongamento compensatório decorrente do apagamento da coda.

- (0174) /'sihsu/ ['si:su] ~ ['sihsu]
 ‘casa’
- (0175) /ka' liʔkisu/ [ka' liʔkisu] ~ [ka' li:kisu]
 ‘ipê amarelo’
- (0176) /'kihsu/ ['ki:su] ~ ['kihsu]
 ‘cupinzeiro’

A vogal /i/ pode formar ditongos ocupando a segunda posição do núcleo ramificado. Na posição de núcleo ramificado, /i/ pode se unir à vogal média-alta /e/ e a vogal baixa /a/ para formar ditongos:

- (0177) /sa' naisu/ [sa' naisu] ~ [sa' najsu]
 ‘tatu peba’
- (0178) /'jaiNtisu/ ['jai^dndisu] ~ ['iaj^dntisu]
 ‘comida’
- (0179) /'einala/ ['ejnara]
 ‘ele está conversando’

A correspondente laringal /ĩ/ possui distribuição mais restrita comparada à distribuição de sua correspondente não-laringal. Ela ocorre apenas após as consoantes /t k n h/. A vogal laringal /ĩ/ não ocupa a posição (V₂) de núcleos ramificados.

(0180)	/kĩ'kĩtsu/ 'cigarra'	['kĩkĩtsu]
(0181)	/ka'tĩhlu/ 'pulga'	[ka'dĩru] ~ [ka'dĩlu]
(0182)	/a-'hĩhlu/ 'figado'	[a'hĩ:ru] ~ [a-'hĩhlu]
(0183)	/alu'kwahlĩkisu/ 'bacuri' (fruto)	[alu'kwarĩkisu]

3.4.2.2 /e/ e /e̥/

/e/ é uma vogal média anterior, ao passo que /e̥/ é uma vogal média anterior laringal. Suas manifestações fonéticas são [e] para a vogal modal, e [e̥] para a vogal laringal e ambas as vogais possuem larga distribuição na língua. Nos dados analisados, foram encontradas poucas combinações dessas vogais com os fonemas /p/ e /l/.

A vogal média anterior /e/, em raros casos, pode formar ditongos com a vogal alta anterior /i/, mas sempre ocupando a primeira posição do núcleo ramificado.

(0184)	/tiha'takehlĩtsu/ 'arco-íris'	[diha'dakerĩdisu]
(0185)	/,kãh'lensu/ 'sapo'	[kã:'lednsu] ~ [kã:'rednsu]
(0186)	/he'henala/ 'é vermelho'	[he'he ^d nara]

(0187) /'pehlu/ 'melão'	[p ^h e:ru]
(0188) /satesa'tenala/ 'é verde'	[satesa'te ^d nara]
(0189) /satęsa'tęnala/ 'é amarelo'	[satęsa'tę ^d nara]
(0190) /a'ņekisu/ 'perna'	[a'ņekisu]

/e/ pode ser alongada quando a coda que a acompanha é apagada, por alongamento compensatório:

(0191) /'ehsu / 'machado'	[e:su]
(0192) /sa'wehlu/ 'rede de dormir'	[sa'we:ru]

Os fonemas /e/ e /ę/ podem ser nasalizados, quando seguidos pela coda /n/, sendo realizados como os alofones [ẽ] e [ę̃], respectivamente:

(0193) /,tąh'lęnsu/ 'caverna'	[,tąh'ļęsu] ~ [,tąh'lęnzu]
(0194) /'nenkalosu/ 'colar'	[nē:galosu]
(0195) /ha'ņęnsu/ 'lenha'	[ha'nę:su] ~ [ha'ņęnsu]

(0196) / a,nen'hainʔkətsu/ 'coxa'	[anẽ:'hai ^g ŋʔkə ^h u] ~ [anen'hai ^g ŋʔkə ^h u]
(0197) /hu'kənsu/ 'cipó'	[hu'kẽnsu] ~ [hu'kẽ:su] ~ [hu'kənsu]
(0198) /'sɛnsu/ 'temporal, chuva forte'	['sɛ̃:su]

3.4.2.3 /a/ e /ạ/

A vogal central baixa /a/ e sua contraparte laringal /ạ/ ocorrem em todas as posições de palavra. É uma das vogais que ocorre com maior frequência na língua, juntamente com as vogais /i/ e /u/.

Ocupam sempre a primeira posição do núcleo /V₁/, inclusive em núcleos ramificados, ocorrendo, no caso de núcleos ramificados, com as vogais /i/ e /u/ (0203). Seus alofones são as vogais [a] e [ɐ] para a vogal central baixa não-laringal e [ạ] para a vogal baixa laringal.

(0199) /alu'atasu/ 'preá'	[alu'atasu]
(0200) / neʔ'kəhlakisu / 'carrapicho'	[ne:'kə ^h akisu]
(0201) /ka'nahata/ 'amanhã'	[ka'nahata] ~ [ka'nahatɐ]
(0202) /a'kalosu/ 'casca'	[ɐ'kalosu] (KI) ~ [a'kalosu]
(0203) /,tau'tatasu/ 'gavião real'	[taw'tatasu]

(0204) / a ,jeʔka'təhkisu/ [ajeʔka'dəhkisu]
 'olho'

Quando em sílabas com coda, quando esta não é realizada, /a/ e /a/ sofrem alongamento compensatório:

(0205) /ka'naʔtisu/ [ka'na:disu] ~ [ka'naʔtisu]
 'noite'

(0206) /'təʔsu/ ['tə:su]
 'ema'

O alofone [ɐ] é raro, ocorrendo somente em posição pré-tônica em início de palavra, ou pós-tônica em final de palavra, principalmente nos dados de fala dos Kithãulhú.

(0207) / a ,kəti'tānsu / [a ,kəti'tānsu] ~ [ɐ ,kəti'dānsu]
 'joelho'

(0208) /ka'nahata/ [ka'nahata] ~ [ka'nahate]
 'amanhã'

3.4.2.4 /o/ e /o/

A vogal média posterior arredondada /o/ e sua contraparte laringal /o/ são as vogais com menos ocorrência na língua. Ambos os segmentos preenchem somente a primeira posição nuclear na sílaba e não formam ditongos.

Seus alofones são somente o [o] para a vogal não-laringal e [o] para a vogal laringal e jamais são nasalizadas. O segmento /o/ forma sílabas com as consoantes /p t k l s h/ e o glide /j/, ao passo que nos dados analisados, a distribuição da laringal /o/ é mais reduzida aos segmentos consonantais /t k l/ e o glide /j/:

(0209) /walo'lotatisu/ [walo'lotadisu]
 'maracujá, espécie de'

(0210) /kwen'konala/
 'estiagem' [kweŋ'ko^dnara]

(0211) /ĩn'tonala /
 'está doente' [ĩ:'tonara]

(0212) /totita'kãnsu /
 'bicho-pau' [totita'kãnsu]

(0213) /'tɔukinala/
 'é áspero' ['dɔwkinara]

(0214) /'hotsu/
 'macaco' ['hotsu]

(0215) /ja'lankalosu/
 'cocar' [ja'la^dngalosu]

(0216) /'tɔnala/
 'está afiado' ['tɔnala]

(0217) /kɔ'kɔsu/
 'inimigo' [kɔ'kɔsu]

Quando seguidas por coda e esta for apagada, as vogais /o/ e /ɔ/ sofrem alongamento compensatório:

(0218) /wa'lɔhsu/
 'caracol' [wa'lɔ:su]

(0219) /'hohnala/
 'ele está nadando' ['ho:nara]

(0220) /,wenhã'jɔhsu/
 [wẽhã'jɔ:su]

‘chuva’

3.4.2.5 /u/ e /u/

As vogais /u/ e /u/ são vogais altas posteriores arredondadas, sendo esta última também laringal. Estando largamente distribuída na língua, a vogal /u/ forma sílaba com todos os segmentos consonantais e o glide /j/, restringido-se fonotaticamente a formar sílabas com o glide labial /w/. Ocorrem em posição tônica e pós-tônica.:

(0221) /wa'tukisu/ ‘relâmpago’	[wa'dukisu]
(0222) /tu'tunala/ ‘está úmido’	[tu'tu ^d nara]
(0223) /wa'lutsu/ ‘cabaça’	[wa'lutsu]
(0224) /a'nentalusu/ ‘chifre’	[a'nẽ:dalusu] ~ [a'nẽ:dalosu]
(0225) /ka?'juhanũnsu / ‘paçoca’	[ka?'juhanũ:su]

Quando em sílaba, a vogal /u/ pode integrar núcleo simples e a segunda posição /V²/ de núcleos ramificados, unindo-se com as vogais /a/, /ã/ e suas contrapartes laringais /ǣ/ e /ǣ̃/:

(0226) /'hǣnsu/ ‘lobo guará’	['hǣnsu] (HA)
(0227) /'ǣunala/ ‘é grosso’	['ǣunara]
(0228) /ta'lǣnsu/ ‘paçoca’	[ta'lǣwnsu] ~ [ta'lǣu:su]

'lagarto, espécie de'

(0229) /'ãuhlu/ ['ãu:lu]
 'papagaio'

Assim como ocorre com outras vogais, quando seguidas por coda e esta é apagada, segue-se alongamento compensatório:

(0230) /'jɥhlu/ ['jɥ:lu] ~ ['jɥ:ru]
 'faca'

(0231) /'tuhsu/ ['tu:su]
 'urucum'

Tabela 30: Quadro Súmula dos fonemas vocálicos e suas formas alofônicas.

Fonemas vocálicos e seus respectivos alofones						
	Vogais			Vogais laringais		
	Frontais	Central	Posteriores (arredondadas)	Frontais	Central	Posteriores (arredondadas)
Altas	I [i, i:, ɪ]		u [u, u:]	ĩ [ĩ, i:]		ɯ [ɯ, ɯ:, ʊ]
Altas nasais	ĩ [ĩ, i:]		ũ [ũ, u:]	ĩ [ĩ, i:]		ũ [ɥ, ɥ:]
Médias	E [e, e:, ê, ê:]		o [o:, o]	ɛ [ɛ, ɛ:, ê, ê:]		ɔ [ɔ, ɔ:]
Baixa		a [a, a:, ɐ]			ɶ [ɶ, ɶ:]	
Baixa nasal		ã [ã, ã:]			ã [ã, ã:]	

O quadro acima apresenta uma súpula dos fonemas vocálicos e suas respectivas formas de superfície. Na subseção seguinte, trataremos das vogais nasais que integram o sistema fonológico da língua.

3.4.3 Vogais Nasais

No sistema fonológico da língua Nambikwára do Campo, há seis vogais nasais com status fonológico, sendo três destas vogais laringais nasais. Uma vez que o traço laringal é não-marcado, é de se esperar que as vogais nasais laringais constituem o grupo fonológico dentre as vogais, cuja ocorrência é menos frequente. As vogais nasais são, embora menos frequente que as vogais orais, muito bastante recorrentes na língua.

Assim como ocorre nas línguas do Ramo Nambikwára do Norte, o Latundê, Mamaindê e Lakondê, (TELLES, 2002; EBERHARD, 2009; BRAGA, 2012), as vogais nasais estão condicionadas em sílaba com uma nasal em coda. Nestas línguas, há vogais que mesmo com a coda nasal jamais se nasalizam, fato este que pode corroborar com a interpretação do status fonológicos destas vogais nas línguas.

Embora sejam raros os casos em que vogais nasais ocorram em ambiente predominantemente oral, é possível observar esse fenômeno na língua.

3.4.3.1 /ĩ/ e /ĩ̃/

A vogal alta anterior não-arredondada nasal /ĩ/ e a sua contraparte laringal /ĩ̃/ possuem como alofones as vogais [ĩ] e [ĩ̃], respectivamente. Ocorrem nas posições inicial, medial e final de palavra e formam sílabas com as consoantes, podendo estar na sílaba /V/, sem segmentos adjacentes.

Sua distribuição inclui a formação de sílabas com os segmentos /t l n/ em *onset* e em coda com os fonemas /ʔ h/ e a nasal /n/. Nenhuma destas vogais nasais estão licenciadas a constituírem núcleos ramificados, estando, assim restritas à formar sílabas com núcleos simples.

(0232) /wəʔ' tĩnkalisu/ [wəʔ' tĩ:kalisu] ~ [wəʔ' tĩ:galisu]
 ‘tamanduá, espécie de’ (Ki)

(0233) /ni' nĩnsu/ [ni' nĩnsu] ~ [ni' nĩ:²su]
 ‘pernilongo’

(0234) /ka' nĩnesu/ [ka' nĩ:nesu]

‘piolho’

(0235) /wã'n'lınsu / [wã'lı:su] ~ [wã'n'lı'su]
 ‘região montanhosa’

(0236) /talĩnta'lıntaʔlisu/ [talĩ:ta'lı:tãʔlisu] ~ [talĩ:da'lı:dãʔlisu]
 ‘carcará, espécie de’

(0237) /'tĩhnosu/ ['tĩhnosu]
 ‘estrada’

(0238) /ĩn'jeninala/ [ĩ'jeninara]
 ‘paz’ (lit. ele está descansando)

3.4.3.2 /ã/ e /ã̃/

/a/ e /ã̃/ são, respectivamente, uma vogal baixa central nasal e uma vogal baixa central nasal laringal. Dentre as vogais nasais e nasais laringais, estes fonemas são as mais recorrentes na língua Nambikwára do Campo, podendo ocorrer em sílaba tônica, em início, meio e final de palavra.

Ambas as vogais podem formar ditongos com vogal alta posterior arredonda /u/, mas ocupam sempre a primeira posição do núcleo ramificado. Quanto à distribuição destas vogais na língua, não há restrições, uma vez que seguem consoantes em *onset* silábico ou diante de consoantes em coda.

(0239) /sawe'nãntesu/ [sawe'nã:desu]
 ‘caju do mato’

(0240) /'kwãnkisu / ['kwã:ʔk'isu] ~ ['kwã:kisu]
 ‘cova’

(0241) /ka'tãnsu/ [ka'tã:su]
 ‘verruga’

- (0242) /a'lãn?ka?su/ [a'lã:ga?su] ~ [a'lãn?ka?su]
 ‘ipê roxo’
- (0243) /ta'lãunsu/ [ta'lãwnsu] ~ [ta'lãu:su]
 ‘lagarto, espécie de’
- (0244) /kãn?kãn?tahlisu/ [kã:'kã:ʔtarisu]
 ‘raposa’

Poucas vezes a vogal /ã/ ocorre em final de palavra, sem estarem atreladas a algum sufixo:

- (0245) /'hinãn/ ['hinã]
 ‘hoje, agora’
- (0246) /'tainãn/ ['tainã]
 ‘eu’
- (0247) /'wainãn/ ['wajnã]
 ‘você’

Associadas à vogal /u/, forma os ditongos decrescentes /ãu/ e /ãu:/:

- (0248) ta'lãunsu/ [ta'lãwnsu] ~ [ta'lãu:su]
 ‘lagarto, espécie de’
- (0249) /'ãuhlu/ ['ãu:lu]
 ‘papagaio’

3.4.3.3 /ũ/ e /ũ/

A vogal alta posterior arredondada nasal e a vogal alta posterior arredondada nasal laringal são representadas por /ũ/ e /ũ/, respectivamente. Estas vogais têm como alofones [ũ], no caso da vogal nasal sem o traço *creaky voice*, e [ṳ̃] para a vogal nasal laringal.

Elas ocorrem em início e final de palavra, sendo realizadas em sílabas tônicas. Não formam núcleos ramificados.

(0250) /a'nũnjaosu/ 'leite materno'	[a'nũjaosu]
(0251) /a'lũnwãihlu/ 'carcará, espécie de'	[a'lũwãiru]
(0252) /a'lũnũnsu/ 'argiña'	[a'lũnũsu]
(0253) /'kũnsu/ 'timbó'	['kũ:su]
(0254) /'nũnsu/ 'massa'	['nũ:su]

3.4.4 Ditongos

Os ditongos observados na língua Nambikwára do Grupo do Campo ocorrem com vogais nasais, orais e laringais (orais e nasais) e podem ocorrer em posições iniciais, mediais ou finais de palavra. Todos os ditongos da língua são decrescentes, uma vez que o ponto de abertura mínima se encontra no final, invés de no início da fonação.

Embora existam realizações fonológicas do tipo glide seguida por vogal (GV) na língua, consideramos ditongos a ocorrência de sequências do tipo VV, os quais apresentam dois nós vocálicos, decorrentes de dois pontos de articulações distintos estando licenciados para ocuparem a posição de núcleo silábico (CAGLIARI, 2002).

A presente interpretação já foi verificada em outras línguas Nambikwára por Everhard (2009) e Braga (20012), para o Mamaindê e Lakondê, respectivamente, e pode ser validada pelo ponto de vista teórico apenas, uma vez que não foram observadas diferenças fonéticas entre os glides e a segunda vogal que ocupa o núcleo.

As séries de ditongo são assimétricas, realizando-se somente entre as combinações das vogais baixas não-arredonda /a/ e suas contrapartes nasais e laringais, /ã/ e /ã̃/, /ã̃/ para a

primeira posição nuclear, respectivamente com a vogal alta anterior /i/ e a vogal alta posterior /u/ na segunda posição nuclear. A vogal /i/, nos dados analisados, aparentemente não constitui a segunda posição do núcleo ramificado com a vogal nasal baixa laringal /ã/. Os ditongos /ei/ e /ou/ também foram encontrados em dados da língua, porém possuindo somente uma ocorrência para cada exemplar nos dados analisados, sendo, portanto, considerados raros.

A ocorrência de ditongos é mais frequente em sílabas do tipo /CVV/, em posição acentual, no entanto, sílabas do tipo /VV/ também são frequentes. Embora menos recorrente, os ditongos podem também ocorrer com a presença de consoante em coda silábica.

(0255) /'kaisu/ 'quati'	['k ^h ajsu] ~ [kaisu]
(0256) /'aikisu/ 'pássaro'	['ajkisu]
(0257) /'hãikisu/ 'fosforo'	['hãjkisu]
(0258) /'hãusu/ 'lobo guará'	['hãusu] (HA)
(0259) /,saika'waisu/ 'cipó-escada'	[sajka'wajsu]
(0260) /'ainala/ 'ele está andando'	['ajnara]
(0261) /'ãunala/ 'é grosso'	['ãunara]
(0262) /sa'naisu/ 'tatu peba'	[sa'naisu] ~ [sa'najsu]
(0263) /'einala/	['ejnara]

‘ele está conversando’

(0264) /'tɔukinala/ ['dɔwkinara]
 ‘é áspero’

Quando em sílabas fechadas do tipo /VVC/ ou /CVVC/ São seguidos pelas codas /h/ ou /N/. Em alguns casos, a coda é omitida foneticamente seguida por alongamento compensatório:

(0265) /ta'lāusu/ [ta'lāwsu] ~ [ta'lāusu]
 ‘lagarto, espécie de’

(0266) /'ãuhlu/ ['ãu:lu]
 ‘papagaio’

(0267) /wauntisu/ ['wau^bmdisu]
 ‘redemoinho’

(0268) /wa'waun-nala/ [wa'wau^bm-nara]
 ‘é planície’

(0269) /'jaintisu/ ['jai^dndisu] ~ ['iaj^dntisu]
 ‘comida’

Em raros casos, os ditongos podem formar sílabas do tipo /CCVV/:

(0270) /ja'hwajisu/ [ja'hwajisu]
 ‘morici’

O quadro abaixo apresenta as possíveis combinações de vogais da língua que podem constituir ditongos e preencherem o núcleo ramificado da sílaba:

Tabela 31: Distribuição dos ditongos da língua.

ditongos		
vogais	u	i
a, ã, ą, ẽ	au, ãu, ąu, ẽu	ai, ãi, ąi
e		ei
o	ou	

Como pode ser observado no quadro acima, oito é o número total de ditongos encontrados nos dados analisados da língua Nambikwára do Campo. Todos os ditongos são decrescentes, podem formar sílabas do tipo /VV/, /CVV/, /VVC/, e, mais raramente, /CVVC/.

4 ASPECTOS SUPRASSEGMENTAIS

O presente capítulo apresenta considerações a partir da análise de aspectos suprasegmentais da língua Nambikwára do Cerrado, nomeadamente a sílaba (fonética e fonológica) e o tom, além dos processos fonológicos envolvendo os segmentos da língua.

A partir deste capítulo, deixamos de nomear os fonemas da língua sob o ponto de vista tradicional, e faremos uso do Modelo de Hierarquia dos Traços proposto por Clements & Hume (1995). Segundo este modelo, os segmentos (fonemas) são considerados unidades significativas constituídas por feixes ou conjuntos de traços dispostos hierarquicamente em *tiers*.

Quando segmentos distintos compartilham traços comuns, nota-se que eles integram uma mesma classe e podem, devido ao compartilhamento de traços em comum, provocar processos fonológicos de maneira autónoma havendo, portanto, a possibilidade de traços se espriarem de um segmento para outro.

Esta abordagem considera os segmentos como autossegmentos, uma vez que traços são transferido de seus feixes, estando, assim, num domínio mais amplo do segmento que os contém. Sob esta concepção, existem três classes maiores de sons, definidas a partir dos traços binários vocóide, aproximante e soante, os quais definem as classes de segmento em: obstruente, nasal, líquida e vocóide. Os pontos de articulação da classificação tradicional são substituídos pelo conjunto de traços de articulação ativos: labial, coronal [+anterior], coronal [-anterior] e dorsal.

Tabela 32 - Fonemas consonantais segundo Clements (1990).

- vocálico			Labial	Coronal	Dorsal	laringal
- silábico				+ anterior		
- soante	- continuante	+ aspirado	P	t	k	ʔ
	+ continuante	- voz		s		h
+ soante	nasal			n		
	lateral			l		

Clements (1995) defende que embora consoantes e vogais apresentem estruturas internas semelhantes, elas podem ser diferenciadas por meio da presença do traço de base [+vocóide] para o nó vocálico. Uma vez que os glides na língua são interpretados de acordo

com a sua posição silábica, comportando-se como consoantes quando em onset e como vogais quando integram a segunda posição /V₂/ de um núcleo ramificado.

4.1 SÍLABA

Nesta seção destinada às sílabas na língua Nambikwára do Campo, trataremos inicialmente dos arranjos dos segmentos para formar sílabas realizadas foneticamente, seus tipos e estruturas e, sem seguida, lidaremos com as interpretações subjacentes para estas realizações, descrevendo então a sílaba fonológica.

Compreendemos por sílaba uma unidade sequência de sons, que poder conter acento, e que frequentemente ocorram em ambientes nos quais regras fonológicas podem atuar (HAYES; 2009) e que constitui um constituinte fonológico hierarquizado.

Em muitos casos, as sílabas que se realizam foneticamente como sílabas abertas (isto é, sequências sonoras terminadas em núcleo, sem a presença de uma coda), constituem sílabas fonológicas fechadas. Este fenômeno é decorrente de processos fonológicos como assimilação.

Sílabas abertas do tipo CV são as mais recorrentes na língua, tanto foneticamente como fonologicamente. A língua apresenta onsets complexos em formas subjacentes e de superfície e a coda pode também ser constituída por mais de um segmento, embora este tipo de estrutura para a coda silábica seja mais restrita às formas fonológicas, devido a processos fonológicos na língua.

O núcleo, o único componente obrigatório da sílaba pode ser do tipo simples, com uma vogal apenas, ou ramificado, sendo preenchido por qualquer vogal da língua ou um ditongo, sendo esta sequência de vogais somente do tipo decrescente.

Clements (1990) sugere que nas línguas do mundo existe um inventário principal de sílabas, sujeito a restrições. Desta forma, os cerne dos inventários silábicos encontrados nas línguas do mundo recaem em dos quatro tipos seguintes:

Tabela 33: Principais inventários de sílabas.

Tipo I	CV
Tipo II	CV, V
Tipo III	CV, CVC
Tipo IV	CV, V, CVC, VC

Fonte: Clements & Keyser (1983).

Estes conjuntos de sílabas, atestados por Clements & Keyser (1983) podem ser caracterizados por duas implicações: 1) a presença de uma sílaba fechada pressupõe a existência de uma sílaba aberta, ao passo que 2) um tipo de sílaba iniciada por vogal pressupõe uma sílaba que se inicie por consoante. Por consequência, uma vez que é pressuposto por todos os outros tipos, o modelo silábico CV é considerado universal.

A noção do Ciclo de Sonoridade de Clements (1990) explica as regularidades nas quais as estruturas silábicas encontradas nas línguas.

Uma vez que a sílaba é constituída por segmentos distintos, é possível conceber a sílaba também como uma unidade fonológica hierarquizada.

4.1.1 Sílaba Fonética

Nos dados analisados da língua, foram encontradas realizações de sílabas fonéticas abertas e fechadas, nos seguintes modelos: [V], [VV], [CV], [CVV], [CCV], [CCVV] [VC], [CVC], [CVVC], [CCVC] e [CVCC]. A descrição dos arranjos dos fones em para cada sílaba fonética é dada a seguir.

4.1.1.1 Sílabas abertas

4.1.1.1.1 [V]

A sílaba aberta constituída por apenas uma vogal é um modelo cujas amostras são menos frequentes. Elas aparecem em palavras nas posições iniciais com maior frequência e menos frequentemente na posição medial. A sílaba [V] também foi identificada em posição final, com exemplares mais escassos. Este tipo de sílaba pode ocorrer nas posições pré-tônica, tônica e pós-tônica.

Todas as vogais estão licenciadas a constituírem foneticamente uma sílaba mononucleada. No entanto, raros foram os casos de sílabas constituídas apenas pela vogal média arredondada posterior [o]. Nos dados analisados não encontramos nenhuma sílaba constituídas apenas pelo núcleo [o] dada a sua relativa rara ocorrência.

(0271) ['a.su.su]

/ 'a.su.su/

‘osso’

- (0272) ['ã:.su.su] /'ãn.su.su /
 'pênis'
- (0273) ['ĩ:. nau.su] (Ha) /'ĩn.jau.su /
 'água'
- (0274) ['e:.su] /'eh.su /
 'machado'
- (0275) ['ũ:su] /'ũnsu /
 'capivara'
- (0276) ['ĩ:su] /'ĩnsu /
 'carrapato'
- (0277) ['ã.li] /'ã.li /
 'outro'
- (0278) [ĩ'hai.na.ra] /ĩ'hai.na.la /
 'ele está abrindo'
- (0279) ['i.ru.su] /'ih.lu.su /
 'lua'
- (0280) ['ẽ:ʔ.ka.dí.su] ~ ['ẽ:ga.dí.su] /'enʔ.ka.ti.su /
 'história'
- (0281) ['i:ru] /'ih.lu /
 'bugio'
- (0282) ['e:ru] /'ehlul /
 'caju'

- (0283) [ha'lo.a.teh.su] /ha'lo.a.teh.su/
 ‘caju do campo’
- (0284) [ˈã̃:.a] /ˈã̃n.a/
 ‘outro’
- (0285) [ã'je.di.su] /ãN'je.ti.su /
 ‘colmeia’
- (0286) [o:'ki.na.wa] ~ [o:'ginawa] /o?'ki.na.wa/
 ‘eu erreí’

4.1.1.1.2 [VV]

As sílabas fonéticas abertas formadas por um núcleo ramificado [VV] é um pouco mais frequente que as sílabas com contendo apenas uma vogal [V]. Este fenômeno foi observado na língua Nambikwára do Norte Lakondê (BRAGA, 2012).

Sílabas do tipo [VV] ocorrem nas posições iniciais e mediais de palavras, sendo frequentes em posição tônica. Os ditongos observados, os quais podem constituir sílaba fonética, foram: [ei], [ai], [au], [ãu] e [ãu:], sendo este último resultante de processo fonológico.

- (0287) [ˈã̃u:.lu] /ˈã̃uh.lu/
 ‘papagaio’
- (0288) [ˈei.na.ra] /ˈei.nala/
 ‘ele está conversando’
- (0289) [ˈau.na.ra] /ˈau.nala/
 ‘é grosso’
- (0290) [ˈai.na.ra] /ˈai.nala/
 ‘ele está andando’
- (0291) [ˈai.ki.su] /ˈai.kisu/

‘pássaro’

(0292) ['ãu.lu] / 'ãuh.su /

‘papagaio’

4.1.1.1.3 [CV]

A sílaba [CV] é a mais frequente na língua. Ela ocorre em todas as posições nas palavras, sendo mais numerosas na posição final. Geralmente este tipo de sílaba não é acentuado, exclui-se desta regra as sílabas do tipo [CV] cujo núcleo é uma vogal longa ou nasal.

(0293) [ka.la'kala.su] ~ [kala'galasu] / ,kala'kalasu /

‘galinha’

(0294) [,ã.ja'la.ki.su] / ,ã.ja'la.ki.su /

‘testículo’

(0295) [ha'lo.su] /ha'lo.su/

‘campo’

(0296) [ma.ma'te.su] / ,pa.pa'te.su/

‘bebê’

(0297) [tu'hah.ta.su] /tu'hah.ta.su/

‘abelha’

(0298) [a'lo.ki.su] /a'lo.ki.su/

‘coco tucum’

(0299) [hu'ki.su] / hu'ki.su /

‘arco’

4.1.1.1.4 [CVV]

A sílaba aberta constituída por *onset* mais núcleo ramificado ocorre na língua. A primeira posição do núcleo ramificado pode ser preenchida pelas vogais [e], [a], [ã], [ɛ], [ã], [ɔ], ao passo que a segunda posição só pode ser preenchida pelos fones [i] e [u]. Este tipo de sílaba ocorre mais frequentemente em posição de acento, embora seja possível encontrá-la também em posição átona.

(0300) [ta' lã u.su] ~ [ta' lãw.su]	/ta' lãu.su/
'lagarto, espécie de'	
(0301) [sa' nai su] ~ [sa' najsu]	/sa' naisu/
'tatu peba'	
(0302) [sai.ka' wai .su]	/,sai.ka' wai.su/
'cipó-escada'	
(0303) [' hã u.su] (HA)	/'hãusu/
'lobo guará'	
(0304) [' hã i.ki.su]	/'hãi.ki.su/
'fosforo'	
(0305) [' wai .su]	/' wai.su/
'sapo, espécie de'	
(0306) [' kã i.su] ~ [kai .su]	/'kai.su/
'quati'	
(0307) [' ḏ ou.ki.na.ra]	/'t̥ou.ki.na.la/
'é áspero'	
(0308) [' wai .nã]	/'wai.nã/
'você'	

4.1.1.1.5 [CCV]

O tipo de sílaba [CCV] é pouco frequente, podendo ocorrer em final e início de palavras. O núcleo desta sílaba é preenchido pelas vogais [a] e [u] e o onset complexo é preenchido pelas sequências [sw] ou [ts], sendo a segunda consoante do *onset* complexo preenchido pelo glide labial [w] e pela continuante coronal [s].

(0309) ['swa.lu] /'swa.lu/

‘ananás’

(0310) [ka'ja.tsu] /ka'iat.su/

‘gafanhoto’

(0311) ['ḳi.ḳi.tsu] /ḳi'ḳit.su/

‘cigarra’

(0312) ['u.tsu] /'ut.su/

‘papa-mel’

4.1.1.1.6 [CCVV]

A sílaba com ataque complexo e núcleo ramificado [CCVV] é bastante rara na língua. O *onset* complexo é constituído pelos fones [k] e [h], seguidos por glide. O núcleo ramificado é preenchido pelos ditongos [ai] e [aɪ]:

(0313) [ja'hw̩ai.su] /ja'hw̩ai.su/

‘morici’

(0314) [ũ'kwai.t̚su] /ũ'kwai.t̚su/

‘beija-flor, espécie de’

4.1.1.2 Sílabas Fechadas

4.1.1.2.1 [VC]

[VC] é uma sílaba fechada constituída por um núcleo simples seguido por coda. O núcleo pode ser preenchido por qualquer vogal da língua e a consoante em coda pode ser as laringais [ʔ] e [h] e a nasais [ᵈn], [n].

(0315) [uʔ'ti.su]	/uʔ'ti.su/
‘urutau’	
(0316) ['eh.su]	/'eh.su/
‘machado’	
(0317) [oh'sĩnsu] ~ [oh'sĩzu]	/oh'sĩnsu/
‘nuvem’	
(0318) ['eᵈn.da.di.su]	/'en.ta.ti.su/
‘cachoeira’	
(0319) ['ih.ɭu] ~ ['i:.ru]	/'ihl.u/
‘bugio’	

4.1.1.2.2 [CVC]

A sílaba fechada [C₁VC₂] é relativamente bem distribuída na língua. O *onset* [C₁] pode ser constituído por quase todas as realizações fonéticas consonantais da língua, com exceção da laringal [ʔ].

A consoante em posição de coda [C₂] pode ser preenchida somente pela nasal coronal[n], as nasais pré-oralizadas [ᵈn], pelas laringais [ʔ] e [h], pelas aproximantes [w] e [j] e em raros casos, a líquida [l].

Foneticamente os glides na posição de *onset* nesse tipo de sílaba são interpretados como consoantes. A coda permite a inclusão de segmentos [+contínuos] como é o caso da fricativa laringal [h].

(0320) ['tuh.su]	/'tuh.su/
‘mulher’	

- (0321) ['we^dn.sah.na.wa] ['wen.sah.na.wa]
 'estou tonto'
- (0322) [sih'sa.ki.su] /sih'sa.ki.su/
 'curió'
- (0323) [ka'li^dnsu] /ka'lin.su/
 'rã'
- (0324) ['wen.su] /'wen.su/
 'criança'
- (0325) [sa?'wen.su] ~ [sa:'wen.su] /sa?'wen.su /
 'mata'

4.1.1.2.3 [CVVC]

A sílaba fechada com *onset* e coda simples com núcleo ramificado é pouco distribuída na língua. O *onset* é preenchido pelas consoantes [t] e [l] e o glide [w], e a coda é constituída pela nasal subespecificada, que, quando seguida pelo ditongo [au], se torna o alofone [b^m]. Nos dados analisados, este tipo silábico ocorreu somente em posição acentuada.

- (0326) [je'tau^bm.de.sah.na.wa] /je'taun.te'sah.na.wa/
 'estou bêbado'
- (0327) ['wau^bm.di.su] /'waun.ti.su /
 'redemoinho
- (0328) [ha'lau^bm.na.lu] /ha'laun.na.lu/
 'sapo, espécie de. sapo cascudo'

4.1.1.2.4 [CCVC]

O *onset* complexo é bastante raro na língua Nambikwára do Campo. Em nossos dados, encontramos a combinação da obstruinte dorsal surda [k] com o glide labial [w]. A posição de coda é preenchida pela nasal subespecificada.

(0329) [kweŋ'ko^dnara] /kwen'koNnala/
 'estiagem'

4.1.1.2.5 [CVCC]

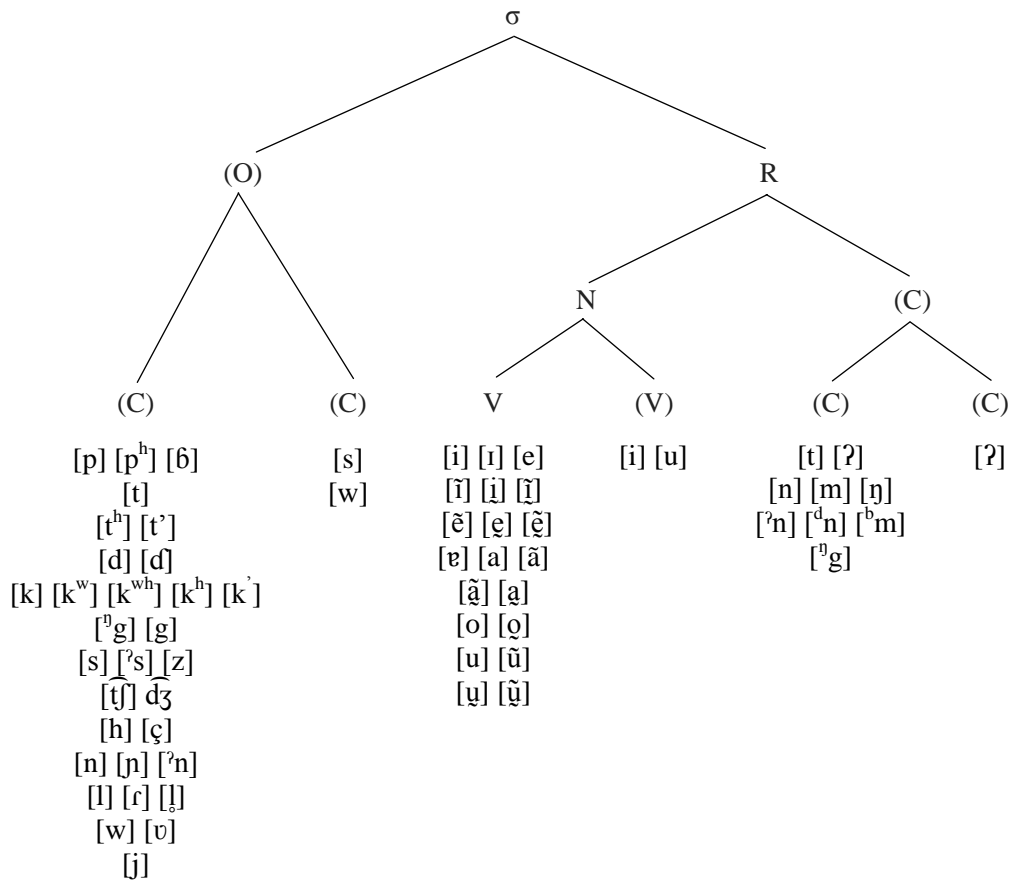
A sílaba fonética do constituída por *onset*, núcleo e coda complexa é bastante rara na língua.

(0330) [a'lãŋʔ.kaʔ.su] ~ [a'lã:gaʔsu] /a'lãŋʔkaʔsu/
 'ipê roxo'

(0331) [kã:'kãŋʔtarisu] ~ [kã:'kã:ʔtarisu] /kãŋʔ'kãŋʔtahlisu/
 'raposa'

As análises dos dados apontam para a seguinte possibilidade de configuração para as sílabas fonéticas:

Figura 13: Modelo da sílaba fonética na língua Nambikwára do Campo.



Como o ocorre frequentemente nas línguas do mundo, o único componente silábico obrigatório na língua Nambikwára do Campo é o núcleo V. Dentre as possibilidades possíveis de combinação para a estrutura silábica na língua, os tipos [VCC], [VVCC], [CCVCC], [CVVCC], [CCVVCC] não foram encontrados nos dados da língua.

4.1.2 Sílabas Fonológicas

As sílabas fonológicas da língua seguem o modelo (C) (C) V (V)(C)(C). Dentre as possíveis combinações, é possível observar doze tipos diferentes para a sílaba fonológica, sendo seis sílabas abertas e cinco sílabas fechadas. As sílabas abertas seguem os seguintes modelos: /V/, /VV/, /CV/, /CVV/, /CCV/, /CCVV/. No que diz respeito às sílabas fechadas, foram observadas os arranjos /VC/, e /CVC/, /CVVC/, /CCVC/, /CVCC/ e /CCVVC/.

Descrevemos na seção seguinte a sílaba fonológica da língua, informando sobre sua constituição, a posição na palavra, bem como os fonemas que constituem cada tipo silábico.

4.1.2.1 /V/

A sílaba fonológica /V/ ocorre menos frequentemente, quando comparada à ocorrência de sua correspondente fonética [V], uma vez que esta é resultante de apagamento de coda em processos fonológicos. Qualquer vogal pode formar sílabas do tipo /V/, no entanto, a vogal baixa /a/ é a mais comum. Esse tipo de sílaba ocorre em posições tônicas, pré-tônicas e pós-tônicas. Foneticamente, ela se realiza [V].

(0332) /'e-na.la/ [e.na.ra]

‘ele está falando’

(0333) /'u-na.la/ [u.na.ra]

‘é longe’

(0334) /'a.li/ [a.li]

‘outro’

(0335) /a'la.lu/ [a'la.lu]

‘veia’

(0336) /a'su.su/ 'osso'	[a'su.su]
(0337) /ha'lo.a.teh.su/ 'caju do campo'	[ha'lo.a.teh.su]
(0338) /hi'e.ka.lo.su/ 'carro'	[hi'e.ka.lo.su]

4.1.2.2 /VV/

A sílaba fonológica com núcleo ramificado ocorre com frequência na língua. A primeira vogal nuclear pode ser preenchida pelos fonemas /e a ã ą, ã ɔ/ e a segunda posição nuclear é preenchida somente pelas vogais /i/ e /u/. No total foram observados nove ditongos na língua. Sua correspondente fonética é a sílaba [VV]

(0339) /'ai.kisu/ 'pássaro'	['ai.ki.su]
(0340) /'ai.na.la/ 'ele está andando'	['ai.na.ra]
(0341) /'au.na.la/ 'é grosso'	['au.na.ra]
(0342) /'ei.na.la/ 'ele está conversando'	['ei.na.ra]

4.1.2.3 /CV/

A sílaba aberta com *onset* simples e núcleo é o tipo silábico mais recorrente na língua. Este tipo de sílaba pode ter a posição de *onset* preenchida por quaisquer consoantes e glides

da língua /w/ e /j/, com exceção da oclusiva laringal /ʔ/. O núcleo pode abranger qualquer vogal. Este tipo de sílaba se manifesta foneticamente na forma [CV].

(0343) /**wa**'**si.ki.su**/ [wa'si.ki.su]

‘peixe, espécie de’

(0344) /**hi**'**ne.ki.su**/ [hi'ne.ki.su]

‘árvore’

(0345) /**ja**'**tah.lu**/

‘veado do cerrado’

4.1.2.4 /CVV/

/CVV/ é uma sílaba, cuja estrutura é constituída por um *onset* simples seguido por um núcleo ramificado. Os segmentos que podem preencher a posição de *onset* são as consoantes /t/, /k/, /n/, /l/, /s/, /h/. Os ditongos licenciados para preencher a posição de núcleo ramificado são as sequências de vogais /ei/, /au/, /ãu/, /əu/, /õu/, /ai/, /ãi/, /əi/, /ou/. Este tipo de sílaba corresponde foneticamente aos modelos [CVV] e [CVC].

(0346) /' **həu**.su/ ['həu.su] (HA)

‘lobo guará’

(0347) /ta' **lãu**.su/ [ta'lãu.su] ~ [ta'lãw.su]

‘lagarto, espécie de’

(0348) /sa' **nai**.su/ [sa'nai.su] ~ [sa'naj.su]

‘tatu peba’

(0349) /,sai.ka' **wai**.su/ [sai.ka'wai.su]

‘cipó-escada’

(0350) /' **həu**.su/ ['həu.su] (HA)

‘lobo guará’

(0351) /'hãi.ki.su/ ‘fósforo’	['hãi.ki.su]
(0352) / 'wai.su/ ‘sapo, espécie de’	['wai.su]
(0353) /'kai.su/ ‘quati’	['k ^h ai.su] ~ ['kai.su]
(0354) /'tɔu.ki.na.la/ ‘é áspero’	['dɔu.ki.na.ra]
(0355) /'wai.nã/ ‘você’	['wai.nã]
(0356) /'tai.nã/ ‘eu’	['tai.nã]

4.1.2.5 /CCV/

A primeira posição do *onset* complexo é preenchido pelas consoantes /t/ /k/ /s/ /l/, ao passo que a segunda posição do *onset* é preenchida somente pelos glides /w/ e /j/. A sílaba fonológica /CCV/ é realizada em superfície como as sílabas fonéticas [CCV] e [CV].

(0357) /'kwa.lai.su/ ‘aranha’	['kwa.laj.su]
(0358) /u'tje.na.ki.su/ ‘sol’	[u'tʃe.na.ki.su]
(0359) /'tju.a/ ‘ali’	[tʃu.a]

(0360) / a.sju .ka'ti.ti.su/	[a.ʃu.ka't ^h idisu] ~ [a.sju.ka'ti.di.su]
‘canela da perna’	

4.1.2.6 /VC/

A sílaba /VC/ é relativamente frequente na língua. A posição de coda é restrita aos fonemas //, /h/ e /n/. Este tipo de sílaba pode portar o acento ou se encontrar em posição átona, em posição inicial e medial de palavra. Foneticamente, a realização deste tipo de sílaba se dá através das formas [V] e [VC].

(0361) /' en .ta.ti.su/	['e ^d n.da.dis.u]
‘cachoeira’	

(0362) / uʔ 'ti.su/	[uʔ'ti.su]
‘urutau’	

(0363) /' eh .su /	['eh.su]
‘machado’	

(0364) / oh 'sĩnsu/	[oh'sĩnsu] ~ [oh'sĩzu]
‘nuvem’	

(0365) /' ih .lu/	['ih.lu] ~ ['i:.ru]
‘bugio’	

4.1.2.7 /CVC/

Bastante frequente nos dados da língua, este tipo de sílaba é constituído por *onset* preenchido por qualquer consoante da língua com exceção da obstruinte laringal /ʔ/ ou os dois glides /w/ e /j/, os quais são interpretados como consonantes somente quando seguidos por vogais.

A posição nuclear pode ser ocupada por qualquer vogal da língua e a coda preenchida pela nasal /n/ e os fonemas laringais /ʔ/ e /h/. Como formas de superfície para este tipo de sílaba, observa-se as sílabas do tipo [CV], [CVC].

(0366) /'wã̃n.kã̃n.lu/ ['wã̃.kã̃.lu] ~ ['wã̃ŋ.gã̃.lu]
 ‘garça’

(0367) /'wã̃n.la.ka.lo.su/ ['wã̃n.la.ka.lo.su]
 ‘pano’

(0368) /a.lũn'nũn.su/ [a.lũ'nũ.su]
 ‘argila’

(0369) /'tã̃n.ti.su/ ['tã̃^dn.di.su] ~ ['dã̃^dndisu]
 ‘cambará amarelo’ (espécie de árvore)

(0370) /'taʔ.su/ ['taʔ.su] ~ ['ta:.su]
 ‘ema’

(0371) /jũn'jũn.ki.su/ [jũ'nũkisu] ~ [jũ'nũgisu]
 ‘minhoca’

(0372) /'jũn.su/ ['jũ.su] ~ [jũ:.su]
 ‘carrapato’

4.1.2.8 /CVVC/

O *onset* silábico está licenciado para ser preenchido pelos glides /w/ e /j/, bem como a nasal coronal /n/. O núcleo ramificado é preenchido pelos ditongos da língua, enquanto que a posição de coda pode ser preenchida pela nasal cujo ponto de articulação é subespecificado e, em raros casos, pela obstruinte coronal /t/.

(0373) /'waun.ti.su/ ['wau^bmdisu]
 ‘redemoinho’

(0374) /wa'waun-na.la/ 'é planície'	[wa'wau ^b m-nara]
(0375) /'jain.ti.su/ 'comida'	['jai ^d ndisu] ~ ['iaj ^d ntisu]
(0376) /'naĩn.su/ 'crocodilo'	['naĩn [?] su]
(0377) /'wait.su/ 'açai'	['waitsu]

4.1.2.9 /CCVC/

/CCVC/ é um tipo de sílaba pouco frequente na língua. Nos dados analisados, a primeira posição do *onset* complexo [C1] é preenchida pelas obstruentes /t/ e /k/, ao passo que a segunda posição [C2] é preenchida somente pelos glides labial /w/ e palatal /j/, respectivamente. No que diz respeito à coda, esta está licenciada para ser preenchida pelos fonemas laringais /ʔ/ e /h/ e a nasal subespecificada /N/. Foneticamente, devido a processos fonológicos, a sílaba /CVVC/ se manifesta com as formas [CVC] e [CCV]. A sequência /CCVC/ ocorre somente em posição de acento, em posição inicial ou posição medial de palavra.

(0378) /'kwiʔ.ti.su/ 'veado, espécie de'	['k ^{wh} iʔ.ti.su]
(0379) /'kwã.n.ki.su/ 'cova'	['kwã.k'i.su] ~ ['kwã.ki.su] ~ ['kwã.gi.su]
(0380) /'tjah.la/ 'ele'	['tjah.la]
(0381) / alu'kwah.likisu /	[alu'kwa.riki.su]

‘bacuri’ (fruto)

(0382) /**kwen**'ko.na.la/
‘estiagem’

[kweŋ'ko^dna.ra]

(0383) /' **kwã̃n**.kisu /
‘cova’

['kwã̃:ʔk'isu] ~ ['kwã̃:gisu]

4.1.2.10 /CVCC/

A sílaba do tipo /CVCC/ é pouco frequente na língua. Seu *onset* pode ser preenchido por qualquer consoante da língua, com exceção da obstruinte laringal /ʔ/. O núcleo é geralmente preenchido por uma vogal nasal. A coda ramificada é constituída, respectivamente, pela nasal subspecificada /N/ e pela obstruinte laringal /ʔ/. Foneticamente, este tipo silábico se manifesta nas formas [CV], [CVC] e [CVCC].

(0384) a' **lã̃nʔ**.kaʔ.su/
‘ipê roxo’

[a'lã̃:gaʔsu] ~ [a'lã̃nʔkaʔsu]

(0385) /**kã̃nʔ**'**kã̃Nʔ**.tah.li.su/
‘raposa’

[kã̃:'kã̃:ʔtarisu]

4.1.2.11 /CCVVC/

A sílaba do tipo /CCVVC/ é a sílaba mais rara na língua. Nos dados analisados, encontramos somente um exemplar para ela, de modo que se faz necessário confirma-la posteriormente, por meio de estudos subsequentes. Foneticamente, ela é realizada [CCVV] e, por processo de ressilabação, a primeira posição de *onset* complexo da sílaba da sílaba seguinte é acrescida à forma subjacente.

(0386) /ũ'**kwait**.su /
‘beija-flor, espécie de’

[ũ'kwai.tʔsu]

Este fenômeno de simplificação de *onset* complexo também foi observado de ressilabação também foi observado na língua Mamaindê (EBERHARD, 2009), uma língua Nambikwára do Norte. Segundo o autor: “In autosegmental theory this would be analyzed as the disassociation of the coda segment, and the subsequent reassociation of that segment to the following onset, creating a complex onset with a double association to the segmental string. (EBERHARD, 2009, p. 133).

4.2 TOM

Em todas as línguas do mundo, o estudo da produção de vogais com alturas diferentes e diversas consoantes desempenha um papel fundamental para compreensão de seus sistemas fonológicos e o modo no qual sequências de sons distintas podem ser utilizadas para representar ideais e significados distintos.

Embora o modo de articulação e a natureza da passagem de ar no trato vocálico pulmônica (no caso de alguns tipos de consoantes e de todas as vogais) e não-pulmônica (no caso de sons consonantais implosivos, ejetivos, bem como a produção de cliques¹⁰⁹) sejam essenciais para depreender a estrutura fonética e fonológica das línguas do mundo, em alguns casos, não são suficientes para suas descrições.

A noção de línguas que fazem uso de tons para expressar significados distintos pode ser um tanto exótica para a população geral sob influência da cultura ocidental. Contudo, estima-se que entre 60 e 70% do número total de línguas estudadas no mundo são tonais (YIP, 2002).

É considerada língua tonal, aquela cujo *pitch* da palavra pode alterar seu significado completamente e não somente atribuir nuances a ele. Em línguas tonais, o uso do pitch para atribuir significados a sequências fônicas tem de ser recorrente. Ademais, a sinalização de pitch é atribuído, no mínimo na realização lexical de alguns morfemas (YIP, 2002).

Isso implica que existem línguas que podem apresentar tons para distinguir significados distintos de uma mesma palavra, mas cujas recorrências não são abundantes e, conseqüentemente, não podem ser consideradas tonais.

¹⁰⁹ Entende-se por cliques, sons consonantais não-pulmônicos, cuja corrente de ar é de natureza lingual ingressa, também conhecido como ingressa velar. Neste tipo de produção, o ar passa por um processo de rarificação na boca, a partir de um movimento descendente realizado pela língua. Cliques são encontrados em línguas africanas, as quais totalizam cerca de 2% do total de línguas registradas no mundo (MADDIESON, 2013).

É necessário esclarecer que, ao passo que *pitch*, na condição de propriedade de som cuja presença é perceptível em dados de fala ou manifestado em outros contextos não-linguísticos como música e em fenômenos da natureza como o trovão, o termo *tom* se refere estritamente à Linguística. Assim, *tom* é considerado uma categoria fonológica utilizada para distinguir palavras ou enunciados distintos, nas quais a diferença de *pitch* assume seu caráter de natureza linguística para a compreensão do sistema linguístico no qual ele está inserido.

at the level of the sentence, or, more precisely, utterance, *pitch* can denote such things as statements, questions, orders, lists, and so on, but we reserve the word ‘intonation’ for this use of *pitch*, and it seems to be found in all languages, whether or not they have lexical tone [...]. Using *pitch* like this ‘to convey “postlexical” or sentence-level pragmatic meanings in a linguistically structured way’ (Ladd 1997) is not enough to earn a language membership in the class of tone languages. (YIP, 2002, p. 3)¹¹⁰

O *tom* independe do resto da fonologia das línguas. No entanto, segue-se como grande exceção a esta afirmação a interação existente observada nas línguas do mundo entre *tom* e traços laringais, sendo o vozeamento uma variável que deve ser atendida em caráter especial (YIP, 2002).

Tone remains a puzzling issue for both descriptive and theoretical linguistics. It interacts both with the natural classes of segmental phonology (obstruents vs. sonorants) and with phonation types (voicing, voice quality); it conflicts with other prosodic phenomena such as stress, rhythm and intonation; and it can get intertwined with both the grammar and the lexicon. (LÉONARD & PALANCAR, 2016, p.2)¹¹¹

As múltiplas realizações de *tom* precisam ser analisadas para que seja possível verificar, sob uma perspectiva interfacial, as relações e as interações diversas operantes simultaneamente em diferentes níveis de análise gramatical, como a Fonologia, a Sintaxe e Semântica. A partir de verificações e análises, espera-se, então, depreender como estes

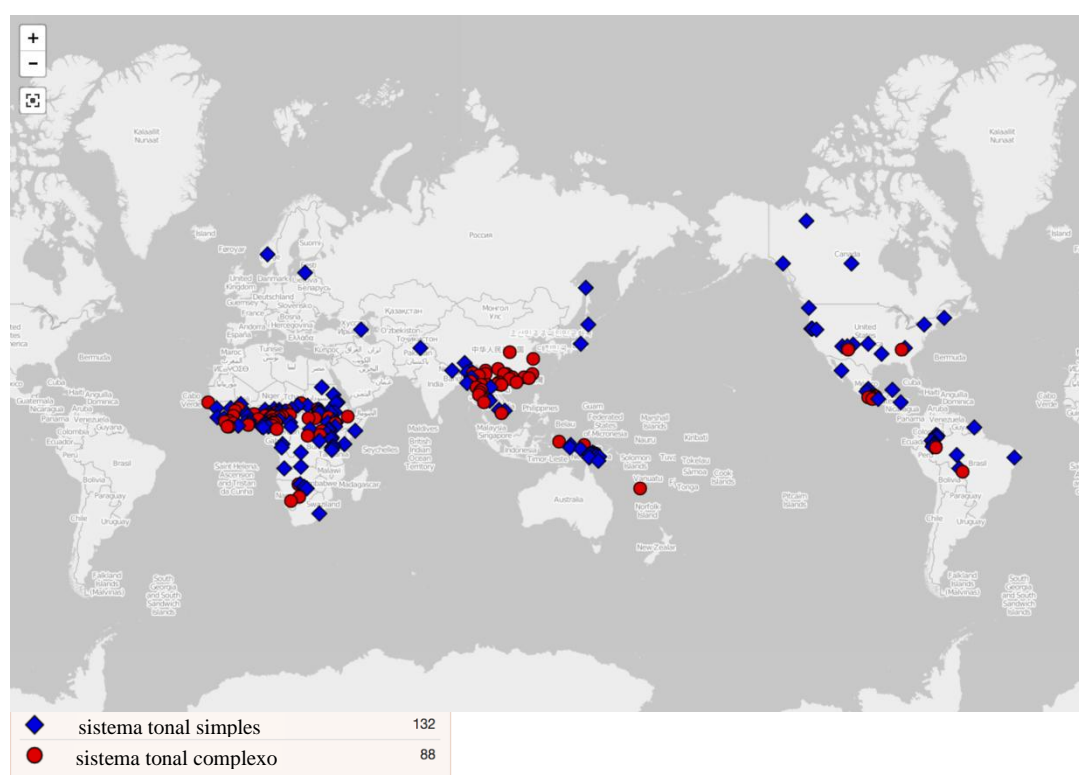
¹¹⁰ No nível da sentença, ou, mais precisamente, no enunciado, o *pitch* pode denotar coisas como declarações, perguntas, ordens, listas e assim por diante, mas reservamos a palavra "entonação" para esse uso do *tom*, e ela parece ser encontrada em todas as línguas, com ou sem *tom* lexical [...]. Usar o *pitch* desta maneira “para transmitir significados pragmáticos ‘pós-lexicais’ ou no nível da sentença de uma maneira estruturada linguisticamente” (Ladd, 1997) não é suficiente para ganhar uma afiliação linguística na classe das linguagens tonais. (YIP, 2002, p. 3, tradução nossa).

¹¹¹ O *tom* continua sendo uma questão intrigante para a linguística descritiva e teórica. Ele interage tanto com as classes naturais de fonologia segmental (obstruientes vs. sonorantes) quanto com os tipos de fonação (vozeamento, qualidade de voz); conflita com outros fenômenos prosódicos, como acento, ritmo e entonação; e pode se entrelaçar com a gramática e o léxico. (LÉONARD & PALANCAR, 2016, p.2, tradução nossa).

componentes estão integrados e como são utilizados nas estruturas gramaticais das línguas para operarem significados distintos.

Línguas, nas quais o tom desempenha um papel distintivo para seus sistemas fonológicos são encontradas na África, Ásia e nas Américas. Embora o seguinte mapa não englobe todas as línguas que apresentem tons já registradas, é possível ter uma visão geral e perceber, através de sua leitura, a distribuição de línguas tonais no mundo.

Figura 14: Distribuição de Línguas Tonais no Mundo.



Fonte: WALS (The World Atlas of Language Structures Online), adaptada pelo autor.

Como pode ser observado, quando comparadas ao número de línguas presentes nos continentes Africano e Asiático que fazem uso de tons como traços para atribuir significados distintos a sequências fonêmicas segmentais idênticas, as línguas sul-americanas compreendem um grupo de línguas menor em número:

With such a small number of well-analysed tone languages, it is hard to make generalizations about the languages of this region. They appear to resemble African languages more than those of Asia or Central America. It is often hard to decide whether a language should be truly characterized as tonal or accentual. Those putatively tonal languages for which I have sufficient data have the following characteristics. There are limited tonal contrasts, typically H vs. L on the surface, although underlyingly Yagua is

argued to have a three-way H/L/zero system. Contour tones are rare, and usually limited to long vowels (Barasana, Maimande). Tones are often attracted to stressed syllables (Pirahã, Iñapai), causing spreading or tonal flop. They may also be deleted on less-prominent syllables (Barasana). Downstep is not often reported [...] (YIP, 2002, p. 149)¹¹²

Como a autora sugere, línguas tonais são relativamente raras na América do Sul. Ao se excluir as línguas indígenas encontradas no território brasileiros, as línguas que apresentam tonemas em suas estruturas fonológicas integram as Famílias Tucano (língua Tatuyo, Colômbia), Família Boro-Witoto (língua Bora, Colômbia e Peru), Família Arawák (língua Iñapari, Peru [STEVE, 1999]), Família Peba–Yagua (língua Yagua, Colômbia e Peru [PAYNE D., 1985]).

Dentre as línguas indígenas brasileiras cujos sistemas fonológicos comportam a presença de tons como traços distintivos estão línguas das Famílias do Tronco Macro-Tupi (Gavião [MOORE, 1999], Mundurukú [PICANÇO, 2012] e Suruí [van der Meer, 1971]), Tronco Macro-Jê (Yatê [LAPENDA, 1968], Família Mura (Pirahã [EVERETT, 1979] e famílias isoladas como Nambikwára e os isolados linguísticos Tikuna e Guató¹¹³.

O estudo do tom nas línguas sul-americanas tem contribuído para a Teoria Linguística acerca da tonogênese, conceito o qual denotaria a origem de sistemas tonais inter-linguisticamente. Como apontam Demolin e Storto (2012), a Família Tupi apresenta um caso integrante referente à classificação das línguas de acordo com aspectos suprasegmentais.

Composta por 11 grupos linguísticos, a família Tupi apresenta subgrupos distintos de línguas, arranjadas estritamente por 1) línguas com sistema acentual (Tupí-Guaraní, Mawé e Aweti), 2) línguas com sistema tonal (Mondé e Mundurukú), 3) línguas do tipo *pitch-accent*¹¹⁴ impresvisível Juruna e Ramarama, 4) línguas com *pitch accent* previsível. Os dois

¹¹² Com um número tão pequeno de línguas de tonais bem analisadas, é difícil fazer generalizações sobre as línguas dessa região. Elas parecem se assemelhar mais às línguas africanas do que as línguas da Ásia ou da América Central. Muitas vezes é difícil decidir se uma linguagem deve ser verdadeiramente caracterizada como tonal ou acentual. As línguas supostamente tonais para as quais tenho dados suficientes possuem as seguintes características. Há contrastes tonais limitados, tipicamente H vs. L na superfície, embora se alegue que o Yagua tem um sistema H / L / zero de três vias. Os tons de contorno são raros e geralmente limitados a vogais longas (Barasana, Maimande). Tons são frequentemente atraídos para sílabas acentuadas (Pirahã, Iñapai), causando espraiamento ou inversão tonal. Eles também podem ser apagados em sílabas menos proeminentes (Barasana). Downstep não é frequentemente relatado [...] (YIP, 2002, p. 149, tradução nossa).

¹¹³ Embora a língua Guató, falada no estado do Mato Grosso do Sul pelos índios homônimos, tenha sido classificada provisoriamente por Kaufman (1990, apud CAMPBELL, 1997) como pertencente ao Tronco Linguístico Macro-Jê, presentemente existem discussões se a língua pode ser classificada como um isolado linguístico, de acordo com o Ethnologue.

¹¹⁴ De acordo com Hayes (2009), línguas do tipo *pitch accent*, devido ao fato de tom ser uma propriedade lexical, possuem contornos tonais invariáveis em sílabas acentuadas.

outros subgrupos, Puruborá e Tuparí, ainda, segundo os autores, não foram efetivamente classificados quanto à sua tipologia fonológica suprasegmental.

Uma das questões mais intrigantes acerca de línguas da mesma família que apresentam sistema tonal, *pitch-accent* e acentual recai justamente sobre sua filogênese e ontogênese, devido a esta diversidade linguística.

4.2.3 Identificação dos tons de uma língua

Como Yip (2002) menciona, além dos conceitos de *pitch* e de tom, existe outro termo advindo da Fonética, o qual é essencial para a compreensão do modo no qual o tom opera na Linguística: a frequência fundamental (F_0).

Em fonética acústica, a frequência fundamental, doravante referida por (F_0), refere-se ao sinal do tom, indicando quantos pulsos por segundo o sinal contém, medidos em hertz (Hz), sendo esta unidade indicadora de um clique por segundo.

The mere existence of F_0 differences may not be enough to result in the perception of pitch differences. The F_0 changes could be too small, or be the result of segmental or other factors for which the hearer unconsciously compensates. (YIP, 2002, p. 17).¹¹⁵

Os mecanismos responsáveis para a regulação do *pitch* se encontram na laringe. No caso das línguas tonais “it can be shown very clearly that it is the activity of the crico-thyroid muscle that is primarily responsible for raising pitch” (YIP, 2002, p. 16). A medição de F_0 é essencial para compreender a realização fonética de *pitches* distintos e quais papéis estas realizações podem acarretar à fonologia da língua.

Do ponto de vista da Fonética Acústica, a qualidade alta ou baixa da voz gerada pelas vibrações das cordas vocais, percebida quantitativamente e visualmente no espectograma através de alturas diversas para a F_0 , compreendidas pelo conceito de *pitch*, trazem pistas acerca do papel fonológico atribuída a estas vibrações distintas.

Em outras palavras, é possível afirmar que a Fonética Acústica fornece ferramentas para determinar e quantificar variações distintas de *pitch*, porém cabe à Fonologia das línguas atribuir valores distintivos, como os conceitos de tom baixo ou tom alto, tom de nível ou tom

¹¹⁵ A mera existência de diferenças de F_0 pode não ser suficiente para resultar na percepção de diferenças de *pitch*. As mudanças de F_0 podem ser muito pequenas ou ser o resultado de fatores segmentais ou outros pelos quais o ouvinte compensa inconscientemente. (YIP, 2002, p. 17, tradução nossa).

de contorno, que podem operar significativamente em nível lexical para as línguas em questão. Pelo fato de o conceito de tom ser estritamente fonológico, é possível, assim, que as diferentes formas de superfície, os *pitches*, sejam resultantes fonéticas da interação de unidades fonológicas mais quantitativaente restritas, o que explicaria a assimetria entre o número de realizações fonéticas e o número de tons interpretados em subjacência.

4.2.4 Tons na Família Nambikwára

Estudos acerca dos tons das línguas Nambikwára ainda são escassos e costumam lançar dúvidas acerca da interpretação tonal de seus sistemas fonológicos. Presentemente, não há nenhum trabalho disponível que lide exclusivamente sobre o sistema tonal das línguas Nambikwára. Embora os estudos sobre as línguas desta família apontem fortes evidências para sistemas prosódicos mistos, lançando mão de acento e tom, o tema ainda não foi detalhadamente explanado, embora existam estudos em andamento, como é o caso da língua Latundê.

Em seu trabalho sobre o Mamaindê, Eberhard (2009) aponta que a presença mais ou menos intensa de tons e sua preservação nas línguas Nambikwára é proporcional à vitalidade da língua em questão. A presença de sistema tonal mais complexo, de acordo com o autor, pode expressar também a relação entre línguas que sofreram maior ou menor mudança na família linguística em questão.

Nas línguas já estudadas da família, a única exceção é a língua Sabanê¹¹⁶, a mais distante linguisticamente e sem divisão interna. Esta língua é considerada por Araújo (2004) uma língua do tipo acentual, tendo o *pitch* como correlato fonético do acento. O autor reforça sua posição uma vez que não há diferenças tonais distintivas em âmbito lexical, embora seja possível perceber movimentos de pitch e prevê-los em sílabas específicas.

Dentre as línguas Nambikwára já estudadas, o tom está presente no sistema da língua em nível lexical, presentes em todas as classes de palavras, especialmente em raízes verbais e nominais, obtendo contrastes distintivos, e na morfologia do verbo, funcionando, muitas vezes como morfemas verbais. Apesar de sua presença marcada, não foi comprovada até o momento a manifestação do contraste tonal em todo o léxico das línguas estudadas.

¹¹⁶ Embora considerada uma língua acentual em suas análises finais, Araújo (2002), no início de suas análises, considerava que “[o tom] possui um papel importante em Sabanê” (p. 128). Em sua análise preliminar, o autor também citava a presença de contornos tonais de nível, sendo estes um tom baixo e outro alto.

Nas línguas Nambikwára do Norte, o sistema tonal já foi interpretado diferentemente. No Mamaindê Kingston (n.d) inicialmente propôs a realização de quatro movimentos de pitch distintos, os quais integrariam o sistema tonal dessa língua: dois de nível (um alto e outro baixo) e dois de contorno (um crescente e outro decrescente), determinados a partir da estrutura silábica.

Posteriormente, o sistema de tons em Maimandê foi reinterpretado por Eberhard (2009), quem considera que a múltipla realização fonética de quatro contornos tonais distintos é, na verdade, formas de superfície resultante da interação de dois tons de nível subjacentes, a saber, um alto e um baixo. No caso do Mamaindê, a interpretação das formas subjacentes é dada a partir da consideração de que tons de contornos são realizados somente em sílabas pesadas, com mais de uma mora. Por consequência, a unidade que carrega o tom (em inglês *tone-bearer unit* ou TBU) seria a mora invés de a sílaba em si. Nesta língua, o tom age como traço distintivos importantes pra a compreensão da morfologia verbal, como na marcação de pessoa e na negação.

Em Latundê, Telles (2002) considerou inicialmente a língua como do tipo *pitch accent*, sendo o *pitch* considerado correlato do acento, já que ele era comumente observado em sílabas acentuadas. A evidência e oposição de realização de pitches distintos são apresentados em alguns itens lexicais e na morfologia verbal para a marcação de pessoa. Telles (2013) afirma que o sistema prosódico da língua apresenta tom lexical.

Presentemente, com estudo acerca da prosódia da língua em andamento, a interpretação do Latundê como uma língua do tipo *pitch accent* tem sido revisto pela pesquisadora, uma vez que não há necessariamente, segundo a autora, uma relação direta entre a intensidade (correlato acústico do acento) e a realização de *pitch* alto, fato este que corroboraria para a interpretação de que a língua Latundê também é uma língua tonal, diferente da interpretação à priori. Assim como o Mamaindê, o Latundê possui dois contornos de *pitch* subjacentes, ambos de nível, sendo um baixo e outro alto.

Em seu trabalho sobre o Nambikwára do Sul, Kroeker M. (2001) sugere que este ramo da família Nambikwára apresenta em seu sistema fonológico um conjunto de três tons lexicais distintos, sendo estes dois de contorno (ascendente e descendente) e um tom de nível grave, mais baixo. Segundo o autor, os três tons são constrativos e suas realizações distintas independem de fenômenos como a glotalização, laringalização e nasalização e este sistema tonal atuaria de forma independente à marcação de acento da língua, não havendo, portanto, relações entre o tom alto, por exemplo, e o acento de intensidade, especialmente devido ao fato de o acento ser realizado de maneira mais previsível na língua.

Tendo em vista as semelhanças tipológicas acerca de os sistemas tonológicos das línguas Nambikwára do Norte, e tendo em vista que a língua Mamaindê pode ser considerada uma língua do Ramo do Norte um pouco mais próxima das línguas do Ramo do Sul, supõe-se que, apesar de Kroeker (2001) ter interpretado o sistema tonal das línguas Nambikwára do Sul como constituída por três formas fonológicas, sendo duas de contorno (ascendente e descendente) e uma de nível, o sistema fonológico da língua estudada neste trabalho apresenta apenas dois tons de nível, um baixo e outro alto, tais quais ocorrem em línguas aparentadas.

Na próxima seção tentaremos fornecer uma breve descrição do sistema tonal da língua Nambikwára do Campo. Para este fim, não lideramos de regras tonais e questões referentes à prosódia da língua, temas estes que pretendemos analisar em trabalhos subsequentes.

4.2.5 Tom na língua Nambikwára do Campo

Estudos do complexo dialetal do Ramo Nambikwára do Sul (KROKER M., 2002) apontam que a estrutura dos morfemas é predominantemente monossilábica, em especial para a classe de palavra aberta, o verbo.¹¹⁷

A tendência a monossilabação presente na língua pode desencadear a ênfase dada às sílabas, operando como sistema paralelo ao acento, e assinalando a estas, contornos tonais diferentes, os quais são utilizados no sistema linguístico como um aspecto fonológico distintivo. Embora seja predominantemente polissintética, a tendência a monossilabação presente na língua pode desencadear a ênfase dada às sílabas, e assinalando a estas, contornos tonais distintos, os quais são utilizados no sistema linguístico como um aspecto fonológico distintivo.

Embora o tema fuja do escopo dos objetivos propostos no presente trabalho, é possível observar nos dados e corroborar com Kroeker (2001) no que diz respeito à prosódia da língua, na qual o sistema tonal é independente da assinalação do acento, operando como sistema paralelo a este, o que caracteriza um sistema prosódico misto.

Nos dados analisados, todas as sílabas portam tom. Os tons contrastes tonais encontrados são mais evidentes nas classes verbais e nominais e são essenciais para a compreensão lexical e gramatical da língua.

¹¹⁷ Embora haja certa tendência a morfemas constituídos por uma única sílaba, característica mais evidente na morfologia verbal, existem morfemas multissilábicos na língua.

Nos substantivos, o tom tende a ser contrastivo nas raízes. No entanto, no que diz respeito à morfologia verbal, o tom pode ser contrastivo em raízes e sufixos, desempenhando importante papel para a compreensão da morfossintaxe verbal, uma vez que fornece dados para a determinação de 1) pessoa, 2) aspecto e 3) negação.

A análise dos dados aponta para a presença de três realizações fonéticas distintas, com os seguintes contornos de *pitch*: um contorno ascendente um contorno descendente e a realização de um tom de nível mais grave, baixo¹¹⁸.

Preliminarmente, é possível considerar que a realização de tons distintos pode independe do sistema de acento, ocorrendo em sílabas tônicas, pós-tônicas e pré-tônicas. O contorno ascendente pode ser realizado em sílabas não acentuadas. Esta relação pode apontar que os sistemas acentual e tonal da língua coexistem de forma independente. Como Yip (2002) descreve, o sistema tonal e o sistema acentual não são sistemas excludentes, de modo que a presença de um elimine a presença do outro: Desta forma, afirmar que uma língua é tonal não pressupõe que ela não tenha também um sistema acentual em sua fonologia.

Tendo em vista que o sistema de acento e o sistema tonal são independentes, verificamos a ocorrência de *pitches* distintos em posições tônicas e átonas para verificar se o sistema acentual da língua influencia a realização de *pitch*, ao buscar a ocorrência dos contornos distintos observados na língua.

The use of phonetic properties other than pitch to signal stress is common among the world's languages (such as length, amplitude, vowel quality, etc), and such strategies can easily co-exist alongside lexical tone systems. Having said that, the frequent use of pitch by stress systems makes it imperative to determine whether or not the pitch patterns one is dealing with are the result of a tone system or a stress system. (EBERHARD, 2009, p. 190)¹¹⁹

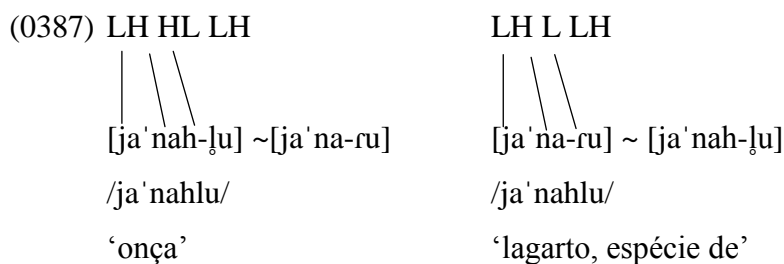
Para os exemplos a seguir, utilizamos a seguinte representação: 1) L para o *pitch* de nível, baixo; 2) LH para o *pitch* de contorno ascendente; 3) finalmente, HL para o *pitch* de contorno descendente.

¹¹⁸ Além das três realizações distintas mencionadas para o *pitch*, durante a pesquisa de campo na aldeia, observamos também a existência de um quarto tom super-alto. Esta realização provavelmente se dá em decorrência da interação/choque entre a realização de um *pitch* em nível lexical alto e a entonação, referente à camada da frase entoacional (I) da Hierarquia Prosódica, hierarquia esta proposta por Nespor & Vogel (1986).

¹¹⁹ O uso de propriedades fonéticas além do *pitch* para sinalizar o acento é comum entre as línguas do mundo (como duração, amplitude, qualidade da vogal, etc), e tais estratégias podem facilmente coexistir ao lado de sistemas de tom lexical. Dito isto, o uso freqüente de *pitch* por sistemas acentuais torna imperativo determinar se os padrões de *pitch* com os quais estamos lidando são o resultado de um sistema de tom ou de acento. (EBERHARD, 2009, p. 190, tradução nossa)

4.2.4 Tons lexicais em raízes nominais

A diferença de pitch em palavras com a mesma sequência fônica é um traço distintivo para a classe dos nomes.



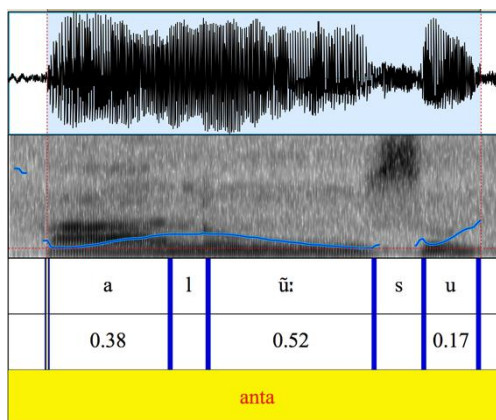
O pitch no sufixo referencial –lu é sempre alto (ascendente), podendo ser interpretado como um tom fixo, uma vez que não há variação. No entanto, a presença deste morfema não desencadeia processos como o processo de dissimilação na manifestação de *pitches* distintos nas sílabas adjacentes. Este fato referente ao morfema final das palavras, –te no caso do Latundê e –tu para a língua Mamaindê, foi observado, respectivamente por Telles (2002) e Eberhard (2009).

4.2.4.1 Pitch alto em sílaba átona

A realização de pitch alto independe da posição tônica. Como pode ser observado no exemplo dado a seguir, é possível a realização de pitches distintos independente da posição silábica. Exceção a esta regra é o tom alto final do sufixo referencial –su, o qual é sempre realizado alto.



Figura 15: Espectograma da palavra 'anta'. O pitch alto é realizado em sílaba átona.



Como pode ser observado, as análises indicam que não há dependência entre a realização de pitch alto e o acento de intensidade na língua. Este fato corrobora com a proposta de Kroeker M. (2001) acerca da prosódia mista para o Ramo Nambikwára do Sul.

4.2.4.2 Pitch baixo em sílaba tônica

O pitch baixo se manifesta em sílabas tônicas. O exemplo a seguir corrobora com esta afirmação.

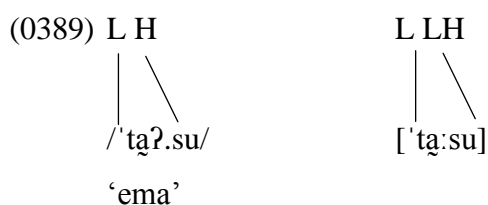
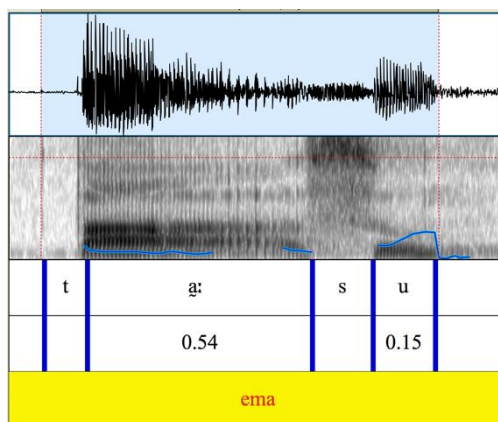


Figura 16: Espectograma da palavra 'ema'. Pitch baixo em sílaba tônica.



Como pode ser observado na figura acima, há a realização de *pitch* baixo em sílabas tônicas. No caso acima, o *pitch* baixo provavelmente é decorrente da laringalização, uma vez que a produção de sons glotais se realizam foneticamente com *pitch* baixo.

4.2.4.3 *Pitch* baixo em sílaba tônica e em sílaba átona

Além da realização do *pitch* baixo em sílaba tônica, é possível verificar também a ocorrência desta altura em posições átonas. O exemplo a seguir demonstra a possibilidade de realização de *pitch* baixo em sílabas pré-tônicas e pós-tônicas.

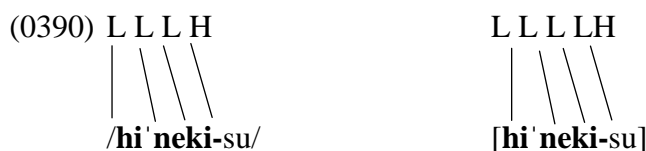
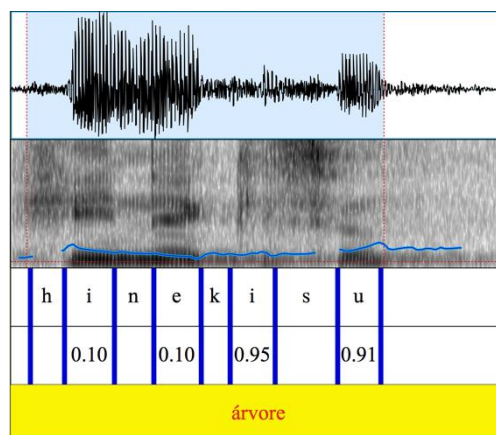


Figura 17: Espectograma da palavra 'árvore'.



Como pode ser observado, a realização do *pitch* baixo ocorre em todas as sílabas da palavra, com exceção do sufixo referencial –su. Todas as sílabas da raiz palavra [hi'ne.ki-su] são leves, portando cada uma um tom baixo, de nível.

O tom do sufixo referencial –su é sempre alto na língua, e, a realização do contorno ascendente nesta sílaba final pode ser explicada pelo ambiente tonal baixo da raiz. Este ambiente poderia resultar numa diferença brusca de altura entre o *pitch* baixo e o *pitch* alto, fato este que contribuiria para ‘puxar’ o tom alto para baixo, vindo à superfície como um tom de contorno ascendente, invés de um tom alto de nível.

4.2.5 Tom na morfologia verbal

O tom está presente na morfologia verbal, sendo essencial para compreensão de enunciados foneticamente semelhantes. Nos dados analisados, percebemos a variação tonal na marcação de pessoa, aspecto verbal e na negação.

Embora a realização do tom do ponto de vista prosódico não integre os objetivos do presente trabalho, os contornos de pitch realizados foneticamente na língua podem estar associados à noção de mora e peso silábico.

Aparentemente, há a presença mais marcada dos tons de contorno, ascendente e descendente, em sílabas pesadas, o que poderia sugerir que cada tom poderia estar associado a uma mora e se realizariam foneticamente como um contorno tonal, invés de dois tons de nível distintos. Uma vez que o tom baixo, de nível, também ocorre em sílabas pesadas, é possível supor que existem dois tons baixos, cada um correspondente a uma mora.

Como pode ser observado, no caso de tons de contorno presentes em sílabas leves, isto é, sem coda, é possível perceber que existe certa regularidade quanto à realização fonética de pitches distintos, resultantes dos ambientes tonais das sílabas adjacentes.

1) Marcação de Pessoa

(0391) L LH HL L LH

[we'ki-na-he-ra]

‘eu cozinhava’

cozinhar-

L LH L L LH

[we'ki-na-he-ra]

‘eu não cozinhava’

(0392) L LH LH L LH

[we'ki-na-hẽ-ra]

/we'ki-ø-na-hẽN-la/

cozinhar-ø- TE.IO.P-PF

‘ele cozinhava’

L LH L L LH

[we'ki-na-hẽ-ra]

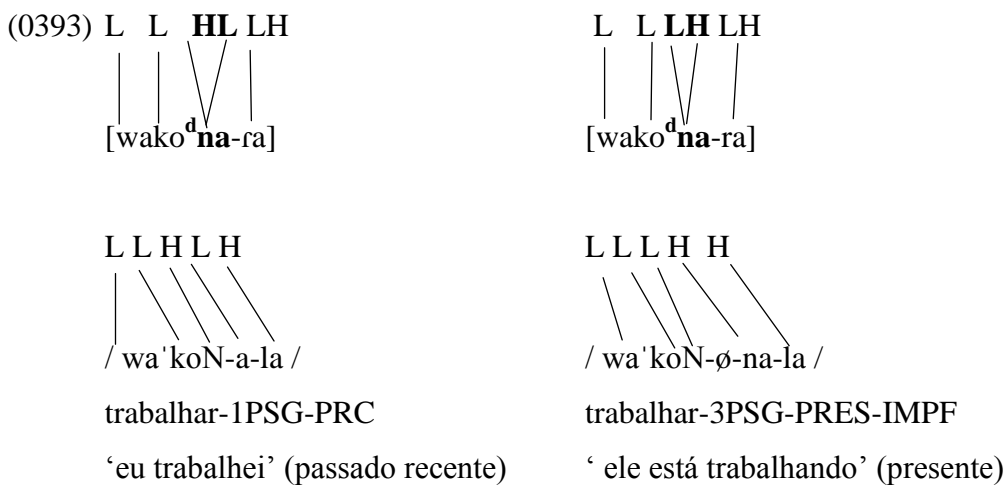
/we'ki-ø-na-hẽN-la/

cozinhar-ø- TE.IO.P-PF

‘ele não cozinhava’

2) Aspecto Verbal

A diferença de altura de *pitch* pode também ser utilizada na língua para marcar gramaticalmente o aspecto verbal.



3) Negação

O tom exerce um papel distintivo e fundamental nas construções negativas da língua. Na construção afirmativa, o tom é realizado foneticamente com contorno ascendente (0395). A inserção da obstruinte laringal /ʔ/ para indicar a negação para a primeira pessoa do singular, promove o rebaixamento do pitch, o qual é realizado baixo (0396).

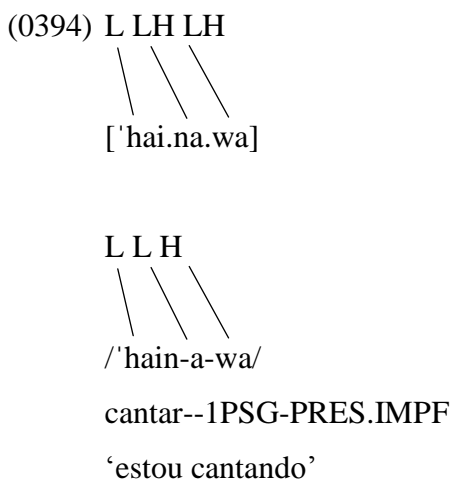
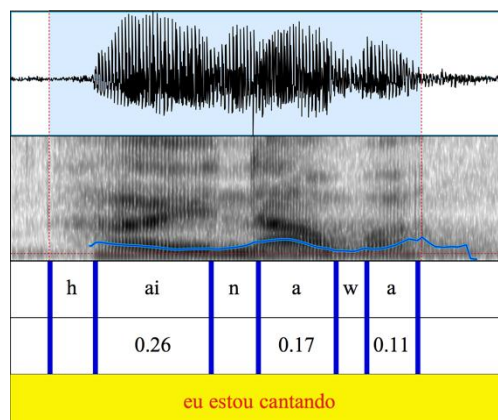


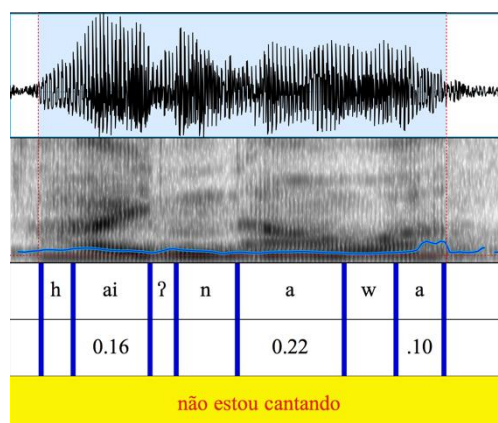
Figura 18: Espectrograma para 'eu estou cantando'. O pitch é ascendente na forma afirmativa.



(0395) L L LH
 \ / \ / \ /
 ['haiʔna.wa]

L L H
 \ / \ / \ /
 /'hai-ʔn-a-wa/
 cantar-NEG-1PSG-PRES.IMPF
 'não estou cantando'

Figura 19: Espectrograma para 'eu não estou cantando'. O pitch é baixo na forma negativa, devido à inserção de /ʔ/.



A marcação tonal para a negação na morfologia verbal contendo uma obstruente glotal /ʔ/ já havia sido verificada por Eberhard (2009, para a língua Mamaindê. Segundo o autor:

The negative morpheme in Mamaindê is typically realized as the suffix /-aʔ/ or /-ʔ/ inserted in the middle of the verb string. The most salient feature of this negative construction is its distinctive low tone. Whenever the /-ʔ/ form of the negative is used, the glottal becomes syllabified as part of the coda of the preceding syllable. In the process, its L tone will either displace any H tone already present in the coda, or it will cause a falling tone on the previous syllable. This easily becomes the most prominent tone in the word, and even in the language. (EBERHARD, 2009, p. 112).¹²⁰

As análises aqui apresentadas caracterizam de fato uma língua tonal, fato este que está de acordo com a proposta realizada por Kroeker M. (2001).

Tons e o processo de silabação

Os tons lexicais também atuam no processo de silabação. Palavras cujas raízes terminam em /C₁VC₂/, sendo a C₂ preenchida por uma fricativa glotal /h/. Ao receberem o sufixo -a, sempre alto e indicador de participante de enunciado, o tom alto da sílaba anterior possibilita que a fricativa glotal [h] forme nova sílaba [ha] com a vogal [a] seguinte:

(0396)

LH LH
 | \
 ['hoh-su]
 CVC.CV
 'macuco'

H H
 | \
 /'hoh-su/

LH LH LH LH HL LH
 | | | / / /

H H H H H H
 | | | | | \

¹²⁰ O morfema negativo em Mamaindê é tipicamente realizado como o sufixo /-aʔ/ ou /-ʔ/ inserido no meio da morfologia verbo. A característica mais marcante dessa construção negativa é seu tom baixo e distintivo. Sempre que a forma /-ʔ/ da negativa é usada, a glotal se torna silabificada como parte da coda da sílaba precedente. No processo, o tom baixo deslocará qualquer tom alto já presente na coda, ou causará um tom decrescente na sílaba anterior. Este facilmente se torna o tom mais proeminente da palavra, e até mesmo na língua. (EBERHARD, 2009, p. 112, tradução nossa).

['ho.ha'ĩ.ki.na.ra] /'ho.ha'ĩ-ki-na-la/
 CV.CV
 'eu estou vendo o macuco'

No entanto, quando uma raiz com o mesmo template silábico, também preenchido pela mesma fricativa glotal em coda, possui um tom baixo, não há ressilabação:

(0397)

L LH
 | \\
 ['sih.su]

'casa'

CVC.CV

L H
 | \\
 /'sih.su /

L LH LH HL LH LH
 | | / / / /
 ['sih.a'ĩ.ki.na.ra]

'estou vendo a casa'

CVC.V

L H H L H H
 | | | | | \
 /'sih.a'ĩ-ki-na-la/

O quadro a seguir sintetiza as informações referentes ao sistema tonal nas línguas Nambikwára já realizadas.

Tabela 34: Tons nas línguas Nambikwára já estudadas.

Ramo	Língua	Sistema Tonal	Tons
Sabanê	Sabanê	Não	Não
Nambikwára do Sul	Nambikwára do Campo	Sim	2 tons de nível (alto e baixo)
Nambikára do Norte	Mamaindê	Sim	2 tons de nível (alto e baixo)
	Latundê	Sim	2 tons de nível (alto e baixo)

Como demonstrado nesta seção, apesar das três diferentes realizações de *pitch* (ascendente, descendente e baixo), o Sistema tonal da língua Nambikwára do Cerrado é constituído de apenas duas formas subjacentes, quais sejam: baixo (L) e alto (H). Estes dois tons são arranjados nas formas de superfície da língua, provavelmente devido a questões prosódicas, as quais fogem do escopo do presente trabalho.

Esta interpretação difere da proposta realizada por Kroeker M. (2001), embora seja necessário um estudo mais aprofundado desta questão para que nossa proposta seja de fato validada. Nossa interpretação se apoia, além das evidências fornecidas, nos trabalhos de Telles (2002, 2013) e Eberhard (2009), nos quais os sistemas tonais das línguas Nambikwára do Norte, a saber, o Latundê e o Mamaindê, respectivamente, apresentam apenas dois tons lexicais, fato este que aproximaria mais um pouco os sistemas tonais fonológicos destas línguas.

No caso do Mamaindê, uma língua Nambikwára do Norte mais aproximada geneticamente do Ramo Nambikwára do Sul, “tone system can be described quite readily without having to refer to will be shown to follow from the fact that in Mamaindê tones (H or L) are lexically associated to moras, instead of syllables. [...] In Mamaindê, tone cannot be used to predict stress. (EBERHARD, 2009, p. 198). Esta afirmação pode ser, em estudos subsequentes, verificada quanto à sua aplicabilidade aos letos Nambikwára do Sul.

4.3 PROCESSOS FONOLÓGICOS

Ao checarmos a fonologia segmental do Nambikwára do Cerrado apresentada neste trabalho, observamos que ela é constituída preliminarmente por um conjunto de vinte e nove fonemas, dos quais dez são fonemas consonantais e dezesseis fonemas vocálicos. O inventário fonológico consonantal comporta cinco tipos diferentes de fonemas no que diz respeito ao modo de articulação: quatro oclusivas /p, t, k, ʔ/, duas fricativas /s, h/, uma nasal /n/, uma líquida /l/ e dois glides /w, j/.

No que diz respeito ao sistema vocálico, o Nambikwára do Campo apresenta vogais orais /i, e, a, o, u/, nasais /ĩ, ã, õ/ e vogais nasais e orais com traço contrastivo laringal /j̥, j̄, ɛ̄, ɔ̄, ã̄, ɔ̄, ȭ, ū/. Uma vez observadas as composições fonêmicas do sistema fonológico na língua, foi percebida a presença de alofones, possíveis indicadores de processos fonológicos, como serão exemplificados e discutidos nos dados transcritos e analisados a seguir.

No sistema fonológico da Língua, as sílabas aparentam seguir o modelo (C)(C)V(V)(C)(C) Como muitos processos fonológicos ocorrem no domínio da sílaba,

considerou-se, além da identificação da estrutura interna da palavra, a sílaba na análise dos processos observados.

A sílaba apresenta *onset*, núcleo e *coda*, podendo esta preenchida por uma oclusiva glotal surda, que, se manifesta como fonema apenas nessa posição final silábica. Na prosódia das línguas do mundo, uma sílaba constituída por *onset* mais rima (núcleo mais *coda*) pode ser considerada uma sílaba pesada e a *coda* silábica é um elemento bastante suscetível a processos fonológicos distintos, processos estes que se alternam fonologicamente.

O sistema de acento aparenta desempenhar um importante papel na fonologia e na morfologia da língua Nambikwára do Cerrado, uma vez que muitos dos processos fonológicos identificados e analisados, dependem deste sistema para ocorrerem.

Apesar de aspectos prosódicos fugirem do escopo dos objetivos do presente trabalho, consideraremos o acento segundo a Teoria Métrica. O acento, nos dados analisados, parece estar relacionado ao peso e à estrutura silábica, tal qual ocorre em Latundê (2002) e Mamaindê (2009).

Essas alterações fonológicas ocorrem por meio de processos que se aplicam em determinadas condições (sejam estas os pontos articulatórios, posição silábica, etc.) em uma representação fonológica de modo que essa representação pode culminar ou derivar noutra. Como Spencer (1996) sugere, derivações de formas e representações linguísticas possuem um caráter especial de relevância para a fonologia das línguas do mundo.

4.3.1 Assimilação

4.3.1.1 Assimilação do ponto de articulação da nasal em coda

Como já demonstrado por Telles (2002), Eberhard (2009) e Braga (2012), existe subespecificação da nasal em coda silábica. Este fenômeno é decorrente do processo de assimilação, no qual há a tendência de assimilar o ponto de articulação de o segmento que a segue.

Quando seguido por consoante [+ coronal], a nasal se realiza com sua forma pré-oralizada [^dn].

/n/ → [^dn]/ __ C [+ coronal]

(0398) ['e^dndadisu]

/'entatisu/

‘cachoeira’

(0399) [a'si^dnsu]

/a'sinsu/

‘rastros’

(0400) ['kɔle^dnsu]

/'kɔlensu/

‘rã’

(0401) ['p^ho^dnsu]

/'ponsu/

‘boi’

(0402) ['ja^dnsu]

/'jansu/

‘jenipapo’

A nasal bilabial pré-oralizada [^bm] e a nasal bilabial [m] também se manifestam foneticamente como alofones de /n/. O [m] é condicionado pelo ditongo [ãu] e a pré-oralização ocorre quando o ditongo [au] é oral.

/n/ → [^bm]/ __ [au]

(0403) ['wau^bmdisu]

/'wauntisu/

‘redemoinho’

(0404) [hi'waw^bmdisah'nawa]

/hi'waun-tisah-na-wa/

‘estou preocupado’

/n/ → [m]/ __ [ãu]

- (0405) ['tãwmdara]
 /'tãun-ta-la/
 'ele está assobiando'

Quando seguida pela oclusiva velar surda /k/, vogal alta ou vogal nasal, nasal sofre velarização para o fone [ŋ]:

/n/ → [ŋ]__ [k]/ [i, ẽ]

- (0406) [jalana'haiŋgitʃalosu]
 /jalana'hainkitʃalosu/
 'tucano cantador', espécie de

- (0407) ['kwẽŋga]
 /'kwenka/
 'ano'

Quando seguida pela oclusiva velar surda /k/ e a vogal precedente é oral, a nasal assimila seu ponto de articulação e se realiza como a nasal velar pré-oralizada [ᵑ]:

/n/ → [ŋ]__ [k]/[V]

- (0408) [tawa'nũgadawa'koᵑgitara]
 /tauã'nũkatawa'konkitala/
 'nós estamos trabalhando'

- (0409) [wa'koᵑginara]
 /wa'kon-kinala/
 'ele trabalha para ele (outro)'

4.3.2 Glotalização

Os processos fonológicos de glotalização são aqueles que envolvem constrições simultâneas na glote e em outra região do aparelho fonador (consoantes podem ser pré-

glotalizadas e implodidas, por exemplo). O processo fonológico de implusão das oclusivas é um fenômeno recorrente nas línguas Nambikwára já estudadas.

Consoantes são consideradas glotalizadas, quando há incitação inicial da corrente de ar na região glotal. O modo no qual a corrente de ar é iniciada é utilizado como critério para distinguir foneticamente a produção de consoantes ejetivas (corrente de ar egressa) de implósivas (corrente de ar ingressa) durante a fonação. Em ambos os casos, consoantes ejetivas e implósivas são consideradas não-pulmônicas, uma vez que a corrente de ar não é iniciada nos pulmões.

Nas línguas do mundo, ejetivas são consoantes são sempre surdas. As implósivas são predominantemente realizadas como sonoras, mas línguas na língua sul-americana Esse Eija (Família Tucano), há ocorrência de implósivas surdas.

A realização das consoantes oclusivas glotalizadas surgem em ambientes em que há proeminência acentual e no início de palavra. (DEMOLIN & STORTO, 2012).

a) **Implusão da oclusiva bilabial surda**

O fonema oclusivo bilabial surdo /p/ pode se manifestar como o alofone oclusivo bilabial implósivo sonoro [b] quando em *onset* (início de sílaba), sendo esta proeminente (acentuada)

seguida por vogal baixa não-arredondada laringal [a]:

/p/ → [b] / [palavra__ [a] [+ acento]

(0410) ['b̥ah]

/'p̥ah/

‘não’

O exemplo acima, único encontrado, demonstra que as propriedades laringais da vogal baixa [a] foram assimiladas pela oclusiva bilabial surda por assimilação progressiva. O fenômeno de implusão de /p/ também ocorre na Latundê (TELLES, 2002) e no Mamaindê, sendo determinado pela regra: início de sílaba acentuada, precedida por um limite de palavra ou uma oclusiva glotal e necessariamente seguida por uma vogal baixa (EBERHARD, 2009).

Essas oclusivas implósivas são resultantes do rebaixamento da laringe durante a fonação, que afeta a oclusão, visto que um pequeno vácuo se forma no aparelho fonador (HAYES, 2009).

historically, implosives have been described in Sindhi and in some African languages as arising from geminate voiced stops (Nihalani 1974; Yigezu 2001). One question still to be answered is whether or not implosives in South American languages may have had that same source. (DEMOLIN & STORTO, 2012 p. 350)¹²¹

Outro processo envolvendo a glotalização de uma consoante oclusiva, no caso, a oclusiva alveolar surda /t/.

t → [d]__ [V]

(0411) ['d̥ɔlu] ~ [dɔlu]

/ 'tɔlu /

‘nambu’

(0412) [ka'd̥iru] ~ [ka'diru]

/ ka'tihlu/

‘pulga’

Embora existam implosivas realizadas sem a presença do traço laringal adjacente, em todos os exemplares analisados, a implosiva é realizada somente com o tom baixo, argumento este que pode corroborar com a nossa interpretação, uma vez que consoantes laringais, como o caso das implosivas, não podem ser realizadas com tons altos.

b) Vozeamento da oclusiva velar surda

Este fenômeno de vozeamento da oclusiva alveolar surda, ocorre em línguas da Família Nambikwára. Na língua Nambikwára, o fone [g] é uma forma alofônica do fonema oclusivo velar surdo /k/. O mesmo fenômeno pode ser observado em Eberhard (2009), na língua Maimandê, outra língua do Ramo Nambikwára do Norte e no Latundê (2002).

¹²¹ Historicamente, as implosivas foram descritos em Sindhi e em algumas línguas africanas como formas que surgem de oclusivas sonoras geminadas (Nihalani 1974; Yigezu 2001). Uma questão ainda a ser respondida é se as implosivas nas línguas sul-americanas podem ter tido essa mesma origem. (DEMOLIN & STORTO, 2012 p. 350, tradução nossa).

Nas amostras encontradas durante as análises, a sonorização presente em ambiente intervocálico tem se mostrado como o fator fonético que engatilha o processo de vozeamento da oclusiva velar surda.

O fonema /k/ pode ser realizado como sua contraparte sonora, quando em ambiente intravocálico ou precedida de nasal, somente quando a vogal que forma sílaba com [g] for a vogal alta não-arredondada [i]:

/k/ → [g]/ V__[i]

(0413) [jã'nũŋgisu] ~ [jã'nũgisu]

/jã'nũnkisu/

‘carvão’

(0414) [ka'nagi]

/ka'naki/

‘dois’

(0415) [a'nũgi:su]

/a'nũnkisu/

‘seio’

Nos exemplos acima, há a assimilação do ambiente intervocálico de alta sonoridade no qual a oclusiva velar surda está inserida.

c) Vozeamento da oclusiva alveolar surda

A oclusiva alveolar surda /t/ pode ser realizada como sua contraparte sonora [d]. Esse fenômeno também ocorre na língua Mamaindê (EBERHARD, 2009). Em ambas as línguas o segmento [d] não é fonológico.

Nos dados observados, o ambiente sonoro pela presença da nasal alveolar /n/, em *coda* silábica, empresta sonoridade à sílaba seguinte por assimilação progressiva, iniciada pelo fonema /t/, em posição de *onset*.

/t/ → [d] / __ [n]

- (0416) /a,lãnwi'wiNtesu]
 [a,lãnwi'wi^dndesu]
 'arara vermelha'

/t/ → [d]/ V_V

- (0417) [ja.lãti'de.sa.na.wa]
 /ja,lãnti'tesanawa/
 'eu quero caçar'

d) Vozeamento da ricativa alveolar surda

A fricativa /s/, quando precedida de vogal nasalizada, sofre assimilação e é vozeada.

s → [z]/ __ [Ṽ]

- (0418) [tah'lẽzu]
 /tah'lensu/
 'caverna'

- (0419) [oh'sĩzu]
 / oh'sĩnsu/
 'nuvem'

4.3.3 Palatalização

A palatalização é o processo que envolve o movimento de parte da língua em direção ao palato. Sua ocorrência pode advir da adjacência de segmento alto, como é o caso das vogais /i, u/, vogais altas anterior e posterior, respectivamente. Nesse caso, a palatalização envolve a assimilação e pode resultar na lenição (ou enfraquecimento) do som afetado.

Tanto o Latundê quanto o Mamaindê não possuem em seus respectivos sistemas fonológicos fricativas ou africadas palatais (EBERHARD, 2009; TELLES, 2002). Em línguas Nambikwára como o Latundê, em nível fonético, a avaliação auditiva e acústica do fonema /s/, fricativo alveolar surdo, constatou a realização de fones palatais africado alvéolo-palatal surdo [tʃ] e fricativo alvéolo-palatal surdo [ʃ].

No caso da língua Nambikwára do Campo, a oclusiva alveolar surda geralmente sofre assimilação do traço [-anterior] do glide coronal /j/ das vogais adjacentes. A africada[tʃ] ocorre sempre em *onset* silábico.

A palatalização motivada pelo glide pode ser justificada, uma vez que “Glides can be described in two ways, because they are essentially the non-syllabic equivalents of vowels (semivowels). Thus, [j] is in IPA terms a palatal central approximant, but it is also describable as a high front unrounded glide, and is thus the consonant counterpart of [i]” (HAYES, 2009, p.14).

Assim, uma vez que o glide /j/ pode ser interpretado como correspondente não silábico da vogal coronal [i], as consoantes precedidas pelo glide /j/ são palatalizadas, uma vez que há espraçamento do traço [- anterior] do glide, que é assimilado pela oclusiva alveolar surda e pela fricativa alveolar surda.

/t/ → [tʃ]/_[j]

(0420) [ʔʃahla]
/'tjahla/
'ele'

(0421) [uʔʃenakisu]
/uʔʃenakisu/
'sol'

(0422) [ʔʃua]
/'tjua/
'ali'

/s/ → [ʃ]/_[j]

- (0423) [afuka'tidisu] ~ [asjuka'tidisu]
 /,asjuka'tidisu/
 'canela da perna'

/j/ → j __ [ũ]

Para ocorrer a palatalização do glide /j/ e a nasal palatal [ɲ] ocorrer foneticamente, é necessário que exista a presença da vogal nasal /ũ/, a qual é condicionada fonologicamente pela presença da nasal alveolar /n/ em coda.

- (0424) [ɲũ'ɲũgisu] ~ [jũ'ɲũgisu]
 /jũ'n'jũnkisu/
 'minhoca'

- (0425) ['ɲũsu]
 /'jũnsu/
 'carrapato'

- (0426) ['jũnawa] ~ ['ɲũnawa]
 /'jũnawa/
 'não tem' (zero)

No exemplo (402), a nasal palatal [ɲ] ocorre em superfície, se houver na subjacência a nasal alveolar em posição de coda.

/j/ → [ɲ]/ nasal__j

- (0427) ['ĩ. ɲau.su] (Ha)
 /'ĩn.jau.su/
 'água'

Como pode ser observado, além ponto de articulação do glide, há também assimilação do traço [+nasal] da vogal adjacente, condicionada pela coda /n/, que se dá por assimilação progressiva decorrente do ambiente nasal da(s) vogal (s) adjacente (s).

4.3.4 Lenição

O ambiente intervocálico é favorável para a líquida lateral /l/ seja realizada como o *flap* [ɾ].

/l/ → [ɾ] / V__V

(0428) [ka'wã:ru]
 /ka'wãnu/
 'rio'

Nos exemplos acima, o traço [+lateral] foi enfraquecido, resultando no flap. Embora não seja possível estipular uma regra com relação ao papel do acento nesse processo fonológico, o flap [ɾ] tende a se manifestar em sílaba pós-tônica, estando sempre em *onset*.

A líquida alveolar /l/ e a fricativa alveolar surda /s/ quando precedidas por fricativa glotal /h/, e esta integrar a coda da sílaba anterior, pode sofrer lenição e ser realizada como o *flap* alveolar [ɾ]¹²² ocorre sempre em posição de *onset*, geralmente em posição pós-tônica.

/l/ → [ɾ] / __h sílaba]

(0429) ['ɛ:ru]
 /'ɛh.lu/
 'caju'

O fonema /s/ pode também sofrer rotacismo, tendo como forma de superfície o tepe [ɾ]. Este processo é engatilhado pela fricativa glotal em coda na sílaba anterior:

/s/ → [ɾ] / __h sílaba]

(0430) [a-nũ'kwajru]
 / a- nũn'kwajhsu/

¹²² A pesar deste proceso fonológico ser bastante regular, existe uma flutuação/ livre variação do uso do fone [ɾ] na língua. Em alguns casos, mesmo sem a existência da fricativa glotal, o fonema /l/ pode ser realizado como o *flap*.

‘peito’

4.3.5 Apagamento da coda silábica

A coda na língua pode ser constituída pelas consoantes / ʔ//n/ e /h/ e o apagamento da coda é um dos processos mais recorrentes na língua, podendo ser verificado em sílabas tônicas ou átonas.

Quando este processo ocorre em posição tônica, o segmento apagado contribui para alongar a vogal do núcleo silábico, decorrente de alongamento compensatório.

A fricativa surda glotal [h] em *coda* silábica pode ser apagada, propiciando o alongamento compensatório da vogal nuclear:

/h/ → ∅ /__ h sílaba]

(0431) ['si:sakisu] ~ ['sihsakisu]

/sih'sakisu/

‘curió’

(0432) ['si:su]

/'sihsu/

‘casa’

(0433) ['tɛ:lu] ~ ['tɛ:ru] ~ ['dɛ:ru]

/'tɛhlu/

‘mosca’

/ʔ/ → ∅ /__ ʔ sílaba]

(0434) ['ho:su] (KI)

/'hoʔsu/

‘lobo guará’

(0435) ['hɔ:disu]

/'hɔʔtisu/

‘ponte’

- (0436) [ka'li:kisu]
/ka'li?kisu/
‘ipê amarelo’

/n/ → ø /__n sílaba]

- (0437) ['ũ:su]
/'ũnsu/
‘capivara’

- (0438) [a'lũ:su]
/a'lũnsu/
‘anta’

4.3.6 Fortalecimento da aproximante - Dentalização do segmento labiovelar

Há a presença de dois glides na fonologia do Nambikwára, sendo uma labiovelar /w/ e outra coronal /j/. Quando em posição inicial de sílaba e seguida pela vogal coronal /i/, uma vogal alta anterior não-arredondada, o glide /w/ adquire traço coronal da vogal sofre estreitamento, tornando-se uma aproximante labiodental [v].

/w/ → [v]/ [sílaba__ [i]

- (0439) ['vi:nara]
/'wilnala/
‘é bonito’

Como demonstrado nos exemplos acima, o glide labiovelar /w/ é consonantizado, passando a labiodental [v].

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho apresentou uma breve descrição e análise do sistema fonológico segmental da língua Nambikwára falada pelos índios Nambikwára do Campo (Nambikwára do Sul), isto é, os grupos Halotesú, Kithãulhú, Sawentesú e Wakalitesú, habitantes da T.I. Nambikwára no estado do Mato Grosso. Além da descrição linguística, a qual pode contribuir para a documentação e preservação da língua indígena em questão, tentamos também apresentar dados históricos e etnográficos dos povos aqui mencionados, contribuindo para a sua história.

Como pode ser observado ao longo desta dissertação, lançamos mão inicialmente da Fonologia Estrutural para a identificação e checagem dos segmentos pertencentes ao sistema fonológico segmental da língua, seguindo-se então com abordagens teóricas mais recentes para a descrição e análise da estrutura silábica e dos principais processos fonológicos observados nos dados coletados.

Como pode ser observado no capítulo 2m destinado à descrição dos fonemas, a língua Nambikwára do Campo apresenta um inventário segmental que comporta dez fonemas distintos, ao passo que as vogais, mais numerosas devido à presença do traço laringal para as vogais orais e nasais, compreendem dezesseis segmentos. O resumo dos segmentos e suas formas de superfície podem ser observados nos quadros abaixo:

Tabela 35: Quadro esquemático dos fonemas consonantais e suas alofonias.

	Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p [p, p ^h , β, m]	t [t, d, d ^h , t', tʃ, dʒ]		k [k, k ^h , k ^w , k ^{wh} , k', g]	ʔ [ʔ]
Nasal		n [n, m, ʔn, ^d n, ^b m, ŋ, ^g ŋ]			
Fricativa		s [t ^h , s, ʔs, z, r, ʃ, ʒ]			h [h]
Lateral		l [l, l, r]			
Glide	w [w] [v]		j [j, ɲ]		

Tabela 36: Quadro esquemático dos fonemas vocálicos e suas alofonias.

Fonemas vocálicos e seus respectivos alofones						
	Vogais			Vogais laringais		
	Frontais	Central	Posteriores (arredondadas)	Frontais	Central	Posteriores (arredondadas)
Altas	i [i, i:, ɪ]		u [u, u:]	ĩ [ĩ, i:]		ũ [ũ, u:, ʊ]
Altas nasais	ĩ [ĩ, i:]		ũ [ũ, u:]	ĩ̃ [ĩ̃, i:]		ũ̃ [ũ̃, u:]
Médias	e [e, e:, ẽ, ẽ:]		o [o:, o]	e [e, e:, ẽ, ẽ:]		o [o, o:]
Baixa		a [a, a:, ɐ]			a [a, a:]	
Baixa nasal		ã [ã, ã:]			ã̃ [ã̃, ã:]	

Nossa proposta para a fonologia da língua difere da proposta do sistema fonológico apresentado por Kroeker M. (2001) referente às consoantes, mas se assemelha, em certo grau, às propostas realizadas por Price (1978) e por Lowe (1999) para o Kithãulhú. O presente trabalho pode indicar que ao menos em nível segmental, os letos falados pelos povos Nambikwára do Campo são fonologicamente semelhantes, podendo, desta forma, configurá-los como uma única língua. Outros critérios como inteligibilidade e aspectos sociolinguísticos também podem corroborar para esta interpretação.

Uma vez que as línguas Nambikwára do Sul ainda são pouco estudadas, é preciso ainda verificar o nível de inteligibilidade e o sistema fonológico/ gramatical dos letos falados pelos outros grupos deste ramo linguístico, de modo a confirmar se eles, de fato são línguas per se ou variantes de uma mesma língua.

No capítulo destinado a aspectos suprasegmentais, apresentamos a descrição para a sílaba, o tom e os processos fonológicos da língua. De acordo com nossas análises, a sílaba fonológica comporta em sua estrutura até cinco segmentos e é possível observar doze tipos diferentes para a ela: /V/, /VV/, /CV/, /CVV/, /CCV/, /CCVV/ (sílabas abertas), /VC/, e /CVC/, /CVVC/, /CCVC/, /CVCC/ e /CCVVC/ (sílabas fechadas). A segunda consoante do *onset* completo é preenchida apenas pelos glides /w/ ou /j/; já a *coda* complexa, pode ser preenchida somente pela sequência /nʔ/. Este tipo de *coda* complexa foi verificada em outras

línguas da família, como é o caso do Lakondê (BRAGA, 2012) e Mamaindê (EBERHARD, 2009).

Na seção destinada ao tom, verificamos a existência da realização de alturas de *pitches*, as quais podem ser percebidas foneticamente no mínimo em três extensões distintas: 1) ascendente, 2) descendente (tons de contorno) e 3) baixo (tom de nível). Estas realizações já haviam sido apresentadas por Kroeker (2001). No entanto, como demonstramos, é possível que existam somente dois tons de nível na subjacência, sendo um baixo e outro alto. Esta possibilidade necessita ser verificada posteriormente, uma vez que a constatação para ela provavelmente é dada somente através do estudo da prosódia da língua.

Diferentemente dos fenômenos que ocorrem com as línguas tonais africanas (YIP, 2002), a realização do tom na língua Nambikwára do Campo é mais restrita, embora o *pitch* esteja presente em todo o léxico da língua. O tom desempenha um papel importante na distinção de itens lexicais e a ele é atribuído funções fundamentais na morfologia verbal como a marcação de pessoa, o aspecto e a negação. No entanto, o papel distintivo do tom não é observado em todo o léxico da língua.

Embora a realização do tom do ponto de vista prosódico não integre os objetivos do presente trabalho, os contornos de *pitch* realizados foneticamente na língua podem estar associados à noção de mora e peso silábico. É possível perceber que o *pitch* tem um papel fundamental na morfofonologia e na prosódia da língua.

Na seção destinada aos processos fonológicos, descrevemos alguns dos principais processos que ocorrem na língua. Dentre eles, estão a assimilação, a lenição e o fortalecimento. Sempre que possível, estabelecemos comparações com os fenômenos observados na língua objeto de estudo com as outras línguas Nambikwára já estudadas, de modo a verificar a recorrência de fenômenos linguísticos na família.

Uma vez que o presente trabalho não apresenta respostas conclusivas ou definitivas para os fenômenos aqui descritos, especialmente tendo em vista a complexidade dos estudos da linguagem e sua materialidade nas línguas do mundo, esperamos que ele possa cumprir o seu papel na esfera social junto aos povos Nambikwára, ao contribuir para a sua história e preservação linguística, e na esfera acadêmica, de modo a poder ser consultado, questionado, revisitado e aprimorado.

REFERÊNCIAS

- ADELAAR, W. H. F. *Historical overview: Descriptive and comparative research on South American Indian languages*. In: CAMPBELL, L.; GRONODONA, V. *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. De Gruyter, 2012.
- ADELAAR, W. H. F.; MUYSKEN, P. C. *The Languages of the Andes*. (Cambridge Language Surveys.) Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- AIKHENVALD, A. *The Languages of the Amazon*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- ARAÚJO, G. A. *Uma descrição preliminar da fonologia da língua Sabanê*. In: CABRAL, A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D. P. (Org.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL. Editora Universidade Federal do Pará, Belem: 2002. (p. 129 – 142)
- _____. *A Grammar of Sabanê: A Nambikwaran Language*. Tese (Doutorado em Letras). Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2004.
- AYTAI, D. *As Flautas Rituais dos Nambikuara*. Revista de antropologia, Volume XV e XVI. 1968.
- BASHAM, C.; FATHMAN, A. K. *The Latent Speaker: Attaining Adult Fluency in an Endangered Language*. International Journal of Bilingual Education and Bilingualism Volume 11 - Issue 5, 2008.
- BOGLÁR, L. *Nambiquara vocabulary*. Acta Ethno- graphica p. 9:89-117. 1960.
- _____. *A nyugatbrazíliai nambikuara indiánok néprajza*. Néprajzi Értésítő. Budapest: 1961.
- BRAGA, A. G. M. *Fonologia Segmental do Lakondê*. Dissertação (Mestrado em Letras). Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2012.
- BRAGA, A. G. M.; TELLES, S. *O comportamento do traço laringal em línguas nambikwára do norte: comparação entre o latundê e o negarotê*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 10, número 2, dezembro de 2014. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4604/3371>>, acessado em 18 de fevereiro de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Caderno de Instruções do Censo Escolar da Educação Básica, 2017. Disponível em <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/caderno_de_instrucoes/caderno_de_instrucoes_censo_escolar_2017.pdf> , acesso em 01 de outubro de 2017.

- CAGLIARI, L. C. *Análise Fonológica: Introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CAHILL, M. *Notes on Linguistics*. SILInternational, Dalas, 2001.
- CÂMARA JR, J. M. *Introdução as Línguas Indígenas Brasileiras*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- CAMPBELL, L. GRONDONA, V. *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. De Gruyter, 2012.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper e Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTON, J.; BECKMAN, M. (eds.). *Papers in laboratory phonology 1: Between the grammar and physics of speech*. Cambridge: Cambridge University, 1990. p. 283-333.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. *The Internal Organization of Speech Sounds*. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- CLEMENTS, G. N.; KEYSER, S. J. *CV Phonology: A generative Theory of the Syllable*. Linguistic Inquiry Monograph, MIT. Massachusetts: 1983.
- COMRIE, B.; SMITH, N. S. H. *Lingua Descriptive studies: Questionnaire*. *Lingua* 42: 1 – 72.
- DEMOLIN, D.; STORTO, L. R. *The phonetics and phonology of South American languages*. In: CAMPBELL, L. GRONDONA, V. *The indigenous languages of South America: a comprehensive guide*. de Gruyter, 2012.
- EBERHARD, D. *Mamaindé Stress*. Summer Institute of Linguistics e The University of Texas at Arlington, 1995.
- _____. *Mamaindé Grammar: a Northern Nambikwara language and its cultural context*. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit, Amsterdam, 2009.
- EVERETT, D. L. *Aspectos da Fonologia do Pirahã*. Dissertação de Mestrado. Campinas, 1979.
- EVERETT, D. L.; SAKEL, J. *Linguistic Fieldwork: A Student Guide* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge University Press: 2012.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: 05 de julho de 2017.

- GLEASON, H. A. Jr. *Introdução à Linguística Descritiva*. Fundação Calouste Gulbenkian, 1961.
- GOLDSMITH, J. *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1990.
- _____. *The Handbook of Phonological Theory*, Oxford: Blackwell Publishers, 1995.
- GREENBERG, J. *The general classification of Central and South American Indian languages*. Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnographical Sciences. University of Pennsylvania Press. Philadelphia: 1960.
- GREENBERG, J. H.; RUHLEN, M. *An Amerind Etymological Dictionary*. Stanford University, 2007.
- GUSSENHOVEN, C. *The phonology of tone and intonation*. Cambridge: Cambridge University, 2004.
- HASPELMATH, M, (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. Disponível em <http://wals.info/chapter/19>, Acesso em 24-10-2017.)
- HAYES, B. *Introductory Phonology*. Blackwell Press, 2009.
- HUME, E. & JOHNSON, K. 2001. *The Role of Speech Perception in Phonology*. San Diego: Academic Press, 2001.
- HYMAN, L. M. *Phonology, theory and analysis*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1975.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos Indígenas do Brasil. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt>>. Acesso em: 08 de julho de 2017.
- KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. Cambridge/ Massachusetts: Blackwell Publishers, 1994.
- KINGSTON, P. *Phenomena of Morpheme Juxtaposition in Mamaindê*. Ms. SIL, 1973.
- KROEKER, B. *Aspectos da lingual Nambikuara*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2003. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/267973721_ASPECTOS_DA_LNGUA_NAMBIKUARA> Acesso em 19 de julho de 2015.
- KROEKER, M. H. Gramática descritiva da lingual Nambikuara. *International Journal of American Linguistics*, vol.67, n.1. Chicago: The University of Chicago Press, 2001. Disponível em: <<http://www-01.sil.org/americas/brasil/publens/dictgram/NBGram.pdf>>. Acesso em 19 de julho de 2017.

- LADEFOGED, P.; MADDIESON, I. *The Sounds of the World's Languages*. Cambridge MA: Blackwell, 1996.
- LAPENDA, G. *Estrutura Da Língua Iatê*. EDUFPE. Recife: 1968.
- LASS, R. *Phonology: An introduction to basic concepts*. Cambridge University Press. 1984; 1995.
- LÉONARD, J. L.; PALANCAR, E. L. (Ed.) *Tone and Inflection: New Facts and New Perspectives*. Series Trends in Linguistics. Studies and Monographs [TiLSM] 296. DE GRUYTER MOUTON, 2016.
- LÉVI-STRAUSS, C. *The Name of the Nambikwara*. American Anthropologist. 1946.
- _____. *La vie familiale et sociale des indiens nambikwara*, Journal de la Société des Américanistes 37. Paris: 1948.
- _____. *Tristes Trópicos*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.
- LODGE, K. *Fundamental Concepts in Phonology: Sameness and Difference*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2009.
- LOWE, I. Topicalization in Nambiquara. In: GRIMES; J. E. (Ed.) *Sentence Initial devices*. Dallas: Summer Institute of Linguistics and University of Texas at Arlington, 1986. p. 131-147.
- _____. Nambiquara. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, ALEXANDRA Y. *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p.269-291.
- MADDIESON, I. Presence of Uncommon Consonants. In: Dryer, M. S. & Haspelmath, M. (eds.) *The World Atlas of Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013. Disponível em: <<http://wals.info/chapter/19>>, acessado em 08 de outubro de 2017.
- MOHANAN, K. P. *Lexical Phonology*. Tese de Doutorado, MIT. Cambridge: Massachusetts, 1982.
- MOORE, D. *Tonal System of the Gavião Language of Rondônia, Brazil in Tupian Perspective*. In: SHIGEKI, K. (Ed.). *Cross-Linguistic Studies of Tonal Phenomena, Tonogenesis, Typology, and Related Topics*. Tokyo: ILCAA, 1999. p. 297-310.
- _____. Brazil: Language situation. In: BROWN, K. (Ed.) *Encyclopedia of languages and linguistics*, 2ª Edição, vol. 2: 117-127. Amsterdã: Elsevier, 2005.

- OBBERG, K. *Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil*. Smithsonian Institute of Social Anthropology Publication, No. 15, 1953.
- PAYNE, D. *Aspects of the Grammar of Yagua: A Typological Approach*. University of California, Los Angeles Ph.D. Dissertation, 1985.
- PEREIRA, A. H. *A morte e a outra vida do Nambikuara*. Instituto Anchietano de Pesquisa, Antropologia, 1974, n. 26, São Leopoldo: 1974
- PIKE, K. L. *Phonemics: A Technique for Reducing Languages to Writing*. University of Michigan Press, 1949.
- PRICE, D. *Nambikwara Society*. Tese. Chicago: University of Chicago, 1972.
- _____. *The Nambikwara Linguistic Family*. *Antropological Linguistics*, 1978.
- _____. *Southern Nambiquara Phonology*. *IJAL*, 42, 1976. p. 338-48.
- PRICE, D.; COOK, E. *The Present Situation of the Nambikwara*. *American Anthropologist, Journal of the American Anthropological Association*, 1969. 71: 688 -93.
- QUESTIONÁRIO. *Léxico para estudos comparativos, composto por itens: do Rowe Standard Comparative Vocabulary, e do léxico de M. Swadesh*. s.d.
- QUESTIONÁRIO. *Pesquisa tipológica das Línguas Indígenas*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, s.d.
- QUESTIONÁRIO. *Questionário (SIL-Museu Nacional)*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, s.d.
- QUESTIONÁRIO. *Questionário Línguas Indígenas Brasileiras*. Belém: Museu Goedi, s.d.
- REESINK, E. *Nomes e destinos: etnohistórias Sararé*. *Revista de Estudos em relações interétnicas*. V.7, n. 2. Brasília: 2003. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/interethnica/article/view/10081/7397>>. Acessado em 12 de outubro de 2017.
- _____. *Os Sabanê e os povos do Nambikwara do Norte: etno-histórias das ruínas da história e de recriações tardias*. *Revista Tellus*, ano 15, n. 29, p. 113-133, jul./dez. Campo Grande: 2015. Disponível online em: <<http://www.tellus.ucdb.br/index.php/tellus/article/viewFile/341/350>>. Acessado em 02 de janeiro de 2018.
- RODRIGUES, A. D. *Grupos Linguísticos da Amazônia*. Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica. Vol. 2 (Antropologia). P. 29-39. Museu Goeldi, Pará: 1967.
- _____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

RONDON, C. M. S. *Publicação no. 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato-Grosso ao Amazonas* (“Comissão Rondon”). Anexo no. 5. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947. p.45-54.

RONDON, C. M. S.; FARIA, J. B. de. *Glossário Geral das Tribos Silvícolas de Mato-Grosso e outras da Amazônia e do Norte do Brasil*. Publicação 76, Tomo I, Anexo 5. Conselho Nacional de Proteção aos Índios/Ministério da Agricultura. 1947.

ROQUETE-PINTO, E. *Rondônia*. 2.ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1919.

SCHILLING-ESTES, 2006. Dialect Variation. In: CONNOR-LINTON, J.; FASOLD, R. (Ed.). *An Introduction to Language and Linguistics*. New York: Cambridge University Press, 2006.

SESAI. MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013. Disponível em: <<http://u.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/secretaria-sesai>>. Acessado em 15 de outubro de 2016.

SPENCER, A. *Phonology: Theory and Description (Introducing Linguistics, Vol. 1)*. Wiley-Blackwell, 1995).

_____. *Phonology*. Oxford: Blackwell Publishers, 1986.

STEVE, P. *A Sketch of Iñapari Phonology*. *International Journal of American Linguistics* Vol. 65, No. 1 (Jan., 1999), pp. 1-39.

STEVENS, K. N. *Acoustic Phonetics*. The IMT Press: 2000.

TELLES, S. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Tese (Doutorado em Letras). Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2002.

_____. *Traços laringais em Latundê (Nambikwára do Norte)*. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2013. Ciências Humanas, v. 8, n. 2, p. 291-306.

TERRAS INDÍGENAS DO BRASIL. Disponível em: <<https://terrasindigenas.org.br>>. Acesso em 07 de agosto de 2017.

VELUPILLAI, V. *An Introduction to Linguistic Typology*. John Benjamins Publishing Company, 2012.

YIP, M. *Tone*. Cambridge University Press, 2002.